



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**  
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





A. de Paula Soares

W. H. de Souza

**DR. A. J. DE MELLO MORAES**

Natural da Cidade de Alagoas, Nascido em 23 de Junho de 1811  
Autor de muitas obras literarias e scientificas

OS  
PORTUGUEZES  
PERANTE O MUNDO

APRESENTADOS PELO

*Dr. Mello Moraes (A. J. de)*

(NATURAL DA CIDADE DAS ALAGOAS)

**Author de muitas obras litterarias  
e scientificas.**

Portugal foi tão grande, que teve por  
limites os confins da terra!

(DO AUTHOR).

VOLUME PRIMEIRO.



**RIO DE JANEIRO**

EMPRESA TYPOG. (EM LIQUIDAÇÃO) DOUS DE DEZEMBRO  
64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64

—  
1856.



# À NAÇÃO PORTUGUEZA.

---

Nunca se ha de apagar na terra a lembrança de vossos feitos, e nem o tempo em seu rodar continuo, infinito, consumirá, como tem consumido a lembrança de vetustos povos, a memoria de vossas glorias passadas, Nação grande e heroica ! Vossos antigos Guerreiros, que amedrontaram o poder das Aguias Romanas; vossos Marinheiros esforçados, que domaram as furias dos mares; vossos Soldados fieis; vossos Guerreiros invictos e desinteressados; vossos Sabios, acharão limites para as vossas glorias nos confins da terra: epois que ellas são estupendas, e fallam mais alto que a inveja estranha; como Brasileiro, julgamos compendial-as, e com essas preciosas grandezas (por nós conhecidas e apreciadas) aqui e ali espalhadas, cá no centro da America Meridional, levantar este Monumento, em signal de gratidão, embellezado com as vossas tintas naturaes e vól-o consagrar.

*Dr. Mello Moraes (A. J. de)*





# AO LEITOR.

---

O gosto que temos pela lição da historia, nos levou á presente compilação, unicamente para fazermos sentir aos nossos compatriotas, que descendemos de um povo, que, por seus feitos gloriosos, não tem imitador na terra.

Um escriptor Portuguez, compilando os feitos dos seus naturaes, demonstrou com a evidencia dos factos, que, nenhuma nação conhecida, teve homens mais esforçados e illustres, do que a Nação Portugueza.

Na sua dominação havia brandura e generosidade, e se alguns excessos teve, não são comparaveis aos das outras nações.

Sem sabirmos da America, nos diz a historia geral, que os Americanos do Norte, para sacudir o jugo Metropolitano, fizeram inauditos esforços, a comprarem a peso de ondas de sangue cada um palmo de terreno que possuem, e por sete annos de guerra cruenta, a sua Independencia.

Os Hespanhoes da America, quasi que tiveram a mesma sorte. Porém, nós, os Brasileiros, recebemos este nosso paiz abençoado, e mais que muito invejado pelo estrangeiro, como o filho que se emancipa, recebe das mãos paternas o casal e herdade de que já estava de posse.

Eramos todos Portuguezes, quantos eramos aqui antes da nossa emancipação politica, e para ella fomos todos Brasileiros. O sabio José da Silva Lisboa (depois Visconde de Cayrú), e D. Fernando José de Portugal, foram logo depois da chegada do Principe Regente D. João VI ao Brasil, os que deram o primeiro passo, para a Independencia do Brasil, conseguindo a publicação do memoravel

**Decreto de 28 de Janeiro de 1808, datado da Bahia(1), que franqueou os portos do Brasil ao commercio do mundo.**

Este grande acontecimento, que para nós é a mais importante época da nossa historia politica, e as circumstancias locais, tinham animado a El-Rei a sua permanencia no Brasil. E, certamente, delle não sabiria nunca seus acontecimentos de 1820 em Portugal, não o forçasse a deixar o Brasil.

Então, dispostos os animos e as cousas depois, da re-

(1) Conde da Ponte, do meu Consello, governador e capitão general da Capitania da Bahia: amigo, eu o Príncipe Regente, vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Attendendo á representação, que fizestes subir á minha real presença sobre se achar interrompido, e suspeuso o commercio desta capitania com grave prejuizo dos meus vassallos e da minha real fazenda, em razão das criticas e publicas circumstancias da Europa, e querendo dar sobre este importante objecto alguma providencia prompta e capaz de melhorar o progresso de taes damnos: sou servido ordenar interina e provisoriamente, em quanto não consolido um systema geral, que effectivamente regule semelhantes materias, o seguinte:

1.º Que sejam admissiveis, nas alfandegas do Brasil, todos e quaesquer generos, fazendas e mercadorias transportados, ou em navios estrangeiros das potencias, que se conservam em paz e harmonia com a minha real corôa, ou em navios dos meus vassallos, pagando por entrada vinte e quatro por cento, a saber: vinte de direitos grossos e quatro do donativo já estabelecido, regulando-se a cobrança destes direitos pelas pautas, ou aforamentos, porque até o presente se regulam cada uma das ditas alfandegas, ficando os vinhos, aguas-ardentes e azeites doces, que se denominam molhados, pagando o dobro dos direitos, que até agora nellas satisfaziam.

2.º Que não só os meus vassallos, mas tambem os sobreditos estrangeiros possam exportar para os portos, que bem lhes parecer a beneficio do commercio e agricultura, que tanto desejo promover todos e quaesquer generos, e produções coloniaes, á excepção do Páo Brasil, ou outros notoriamente estancados, pagando por sahida os mesmos direitos já estabelecidos nas respectivas capitánias, ficando entre tanto como em suspenso, e sem vigor, todas as leis, cartas regias, ou outras ordens, que até aqui prohibiam neste estado do Brasil o reciproco commercio e navegação entre os meus vassallos e estrangeiros. O que tudo assim fareis executar com o zelo e actividade, que de vós espero. Escripita na Bahia, aos vinte oito de Janeiro de mil oito centos e oito:— Príncipe. — Para o Conde da Ponte.

volução de Fevereiro de 1821, que no Rio de Janeiro appareceu, que obrigou El-Rei a annuir ao novo systema politico proclamado em Portugal, e da sua retirada, e á testa dos movimentos politicos do Brasil o Principe D. Pedro, a Independencia se proclamou, e em lugar de Reino-Unido, appareceu a Terra de Santa Cruz, revestida do character de Imperio do Brasil, tendo por seu legitimo Soberano o Imperador D. Pedro I (1)!

Assim, pois, conhecendo nós a sorte do Brasil, como colonia portugueza, em relação á todas as colonias do mundo, chegando de ponto a ser a metropole de sua antiga metropole; justo seja que aos nossos compatriotas façamos conhecer a Nação illustre, d'onde directamente descendem os Brasileiros, para que quando menosprezada por gente estranha, possamos antepôr aos doestos os feitos memoraveis dos nossos antepassados.

*Dr. A. J. de Mello Moraes.*



(1) Na parte historica da nossa *Corographia Chronographica nobiliaria e genealogica do Imperio do Brasil*, mostraremos com os factos, que os mais extrenuos campeões da Independencia do Brasil foram os Snrs. D. Pedro I, Coronel Luiz Pereira da Nobrega, Joaquim Gonsalves Lêdo, Conego Januario da Cunha Barbosa, e Capitão-mór José Joaquim da Rocha, etc., entrando nesse numero muitos Portuguezes.



# OS PORTUGUEZES PERANTE O MUNDO

---

## Portugal em sua origem.

..... que cante declarando  
Da minha gente a grãa genealogia:  
Não me mandas contar estranha historia,  
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.  
(*Camões, C. 3.º, Estr. 3.ª*).

E' nosso empenho, folheando os annaes do mundo, compendiar todas essas grandezas, todos esses feitos estupendos e admiraveis, que os nossos maiores praticaram nas diferentes partes do mundo, onde não havia chegado o valor e esforço humano. Se não fossem os factos, referidos por tístemunhas irrefutaveis, e justificados por pessoas estranhas, concordariamos com os invejosos das glorias portuguezas, ser impossivel que de tão acanhado lugar da terra, como é o pequeno Portugal, sahisses homens, que honraram, em todos os sentidos, o genero humano:

Um Pacheco fortissimo, e os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Téjo chora:  
Albuquerque terrivel, Castro forte,  
E outros em quem poder não teve a morte.

(*Camões C. 1.º, 14*).

Para não sermos precipitado no que temos de dizer, mister é que tomemos a historia de mais longe, para mostrar com a ordem dos tempos, que a celebridade dos por-

tuguezes vem de éras tão remotas, que parece fabulosa a memoria da sua historia. No entanto ella vem do berço com elles, e como que solidaria nos annaes do genero humano.

Fallar contra os factos, sem conhecimentos certos, e maldizer dos homens, sem um motivo vehemente, unicamente com o gosto de deprimir, occultando o merecimento, é justificar em pessima prosa o que disse Filinto Elisio em bellos e cadentes versos:

Não vive o nescio, bem que a vida alongue;  
Viver é tomar gosto á formosura,  
Ao esplendido universo;  
Não se gosta do que se não conhece.

A nação portugueza, conforme referem varios chronistas, desde que teve o nome de Lusitania, até a juventude de D. Sebastião (que mediou o longo espaço de tres mil annos), obrou tantos prodigios na paz como na guerra, que foi sem duvida o terror e a admiração de muitos imperios. Passa nos annaes do mundo e na historia dos primeiros povoadores da Europa, que Luso (Iago) antes da vinda de CHRISTO, 1500 annos, deu o seu nome ao reino Lusitano; e contam as tradicções, que Tubal, quinto filho de Japhet, neto de Noé, navegando, com os recursos de então, pelo Mediterraneo, atravessou o estreito (hoje de Gibraltar), e veio á parte mais occidental da Europa, e, em um sitio ameno e delicioso, fundou com os seus poucos companheiros a primeira povoação da peninsula, a que se chamou por corrupção Setubal (ajuntamento de Tubal). Por muitos annos governou Tubal esses lugares (pelos annos da creação do mundo, 1800, e 136 depois do diluvio, 2208 antes da vinda de Nosso SENHOR JESUS

**CHRISTO**). Em seguida a esta tradição, conta-se que **Noé**, indo a Portugal, admirou-se do povoado de **Tubal** e do que vio em edificios e monumentos, e que depois se retirara para a Asia, onde morreo. Governando com bom resultado o fundador **Tubal**, não deixou de visitar muitos outros lugares da Península, entre os rios **Tejo** e **Guadiana**, penetrando o **Algarve**, em modo a deixar nos 163 annos do seu governo, quando morreram 63,000 pessoas, descendentes dos seus tres filhos. Foi sepultado em um lugar denominado — **Promontorio Sacro** — (hoje **Cabo de S. Vicente** no **Algarve**), de que se conservou memoria até o tempo de **Affonso Henrique**.

A **Tubal** succedeo seu filho **Ibero** ou **Hibero**, inventor da pesca, e o que deo á Hespanha o nome de **Hiberia**, e reinou 37 annos. A **Ibero** succedeo seu filho **Iubalda** ou **Idubella**, o qual sahindo da **Lusitania** (que então não tinha este nome), foi viver perto do **Ebero**, gastando a maior parte do tempo em estudar o movimento dos planetas, a cosmogomia, a magia, e outros conhecimentos que o seu genio pedia. A **Iubalda** succedeo **Brigo**, que apartando-se do caminho de seu pai e antecessor, procurou engrandecer o reino por um monumento que por si concorresse para a felicidade da nação. Fundou em **Coimbra** (**Conimbriga**) antiga, um seminario, ou academia, para estudo, situado na margem do rio **Mondego**, no mesmo lugar onde succedeo a moderna **Coimbra**. Diversas eram as materias que na **Academia Conimbrense** se aprendiam, e entre ellas tinha subida estima a politica d'aquellas éras.

**Brigo** fez povoar muitas cidades da **Lusitania**, como fossem **Cetobriga**, perto de **Setubal**; **Medobriga**, junto a **Port'alegre**; **Conimbriga**, hoje **Coimbra**; **Brigancia**, hoje **Bragança**; **Lacobriga**, hoje **Lagos**, no **Algarve**; e **Celiobri-**

ga. Mandou povoadores portuguezes para a Frygia da Asia, e para outras partes do mundo. Seu reinado foi de longa duração (52 annos), e por isso teve tempo de executar tantas obras.

A Brigo succedeo seu filho Tago (que deo o nome ao rio Tejo), o qual seguindo-lhe no mesmo caminho, fez povoar diversos lugares que estavam baldios e desertos. Tendo a paz sempre em casa, cuidou do material da Lusitania, e morreo com 30 annos de governo: vindo seu filho Beto a succeder-lhe, cognominado o Feliz, não somenos ao precedente, o qual fez varias cousas dignas de lembrança, tendo por cabeça de todos os povoados a Setubal, cujos moradores eram respeitados em attenção á memoria de Tubal. Beto adiantou as colonias, povoou de portuguezes a Andaluzia, chamados então Betulos ou Bastulos. Acommettido por Gerião, o venceo, fazendo-o retirar para a ilha Eritréa ou para Cadiz. Morrendo Beto, com 31 annos de governo, com elle acabou a primeira linha dos reis Lusitanos (1), porque Gerião, capitão de ladrões, astuto po-

(1) Ao mesmo tempo que essas cousas se passavam na Peninsula; Chuz filho de Nemrod, chamado Belo, primeiro rei da Babylonia, adorado como Deos, teve o imperio dos Assyrios, a mais antiga monarchia que se conhece a memoria, confundido com a dos Caldeos. Assur, filho de Sem, fundou Ninive. O Egypto e a Scythia tambem foram por esses tempos fundados. Cresso deo o seu nome á ilha de Creta ou Candia. Inaco fundou o reino de Argos. Os Druidas ou sacerdotes philosophos, appareceram pela primeira vez nas terras que hoje se chama França. A Atica foi inundada reinando Ogyges. Na Thessalia houve uma grande enchente do rio Eleusis, que matando a todos os moradores, escapou o rei Deucalião e Pyrrha sua mulher, por se refugiarem no monte, e depois convocando os povos vizinhos, juntaram novos povoadores. A inundação do Eleusis é o que a mythologia chama Diluyio de Deucalião. Esparta foi fun-

lítico, com outros Africanos, invadio de novo a Lusitania, sujeitou os povos, introduzindo a idolatria e ritos supersticiosos. Para melhor usufruir as vantagens do poder, declarou-se em guerra aberta contra Osiris, que por suas insolencias o matou, pelos annos de 1760 antes de Jesus CHRISTO, sendo tão generoso na victoria, quanto valente nas armas, o que depondo ao pai, elevou ao throno os seus tres filhos Lominios, que governaram com tamanha união que parecia incrível; porém não tardaram muito a se separarem do pai, que era antes verdugo que protector dos seus governados. Negociando com Tifou para que matasse Osiris, Hercules seu filho, desafiando-os em uma batalha campal, foram mortos, e os Portuguezes, por circumstancias, proclamaram Hispalo, filho de Hercules, havendo governado a Lusitania os Geriões ou Lominios 42 annos. Hispalo, no governo portuguez e de quem Sevilha tomou o nome de Hispala, reinou 17 annos, administrando a justiça, e entre as cousas memoraveis que instituiu, foi — o costume de se dar sepultura aos mortos e de se deitar dó ou luto pelos fallecidos—, no que provou não só grandes, como elevados sentimentos de piedosa religião. Foi em seu reinado que o famoso artifice portuguez Caio Cervio Lupo, construiu a celebrada torre da Coruna. A Hispalo succedeo (anno 1702) seu filho Hispano, homem de sublimes pensamentos, e o que deo o nome a Hespanha, que então era conhecida pelo de Iberia. Hes-

dada por Espero ou Esparto. As Pyramides do Egypto tiveram começo por essas éras no reinado de Orus ou Faraó. Atlas, celebre astrologo, por contemplar os astros no monte, diziam os antigos, foran nelle transformado, e ficou sustentando os Céos sobre os hombros. Amfion, rei de Athenas, promulgou as leis amfionicas; havendo já senadó ali.

pano governou 32 annos e não deixou herdeiros. Hercules, sob o peso enormissimo dos annos (1667 antes da éra christã), sciencificado de não ter seu neto deixado successor ao governo, veio á Hespanha, onde foi congratulado pelos serviços anteriores feitos aos Lusitanos. E certo Hercules que a sua avançada idade não podia prometter muito, nomeou para succedel-o a Hespero, seu capitão, homem de muito valor e reconhecida prudencia. Bem que velho, Hercules ainda pôde governar a Lusitania por 29 annos, pouco mais ou menos; e este tempo foi gasto antes com a doutrina e a politica, que com o estridor das armas, por conhecer Hercules que ganha mais uma sociedade com a paz domestica e tranquillidade dos povos, que com a guerra; visto que por mais acertada que seja a sua declaração e movimento, é sempre um flagello que arruina, desmoralisa os fundamentos das republicas. Morreo Hercules na idade a mais avançada possivel, deixando os Lusitanos no mais doloroso estado de sentimento. Pedio que queria ser sepultado entre os Portuguezes, e para o que mandou construir um sumptuoso jazigo no Promontorio Sacro. O governo portuguez, segundo a ultima vontade do rei, passou para Hespero, seu capitão, homem como já dissemos, experimentado e prudente, em cujo tempo se crê descobriram os Portuguezes as ilhas de Cabo Verde, Principe, S. Thomé e as Antilhas, que eram chamadas Hesperides, em honra de Hespero.

Hespero era algum tanto tyranno, e por isso desgostoso o povo, se desunio e fez que Atlante Italo, governador da Italia, que lhe deo o nome, invejando a sua fortuna, por imperar sobre um povo grande e emprehendedor, que vivia pouco contente, e pela muita ambição, se resolvesse a vir á Lusitania e tirar lhe a vida, para o que passou

a Hespanha em 1628 com um formidavel exercito, e com pretextos de legitimidade unir-se aos Hespanhoes, e fez que seu irmão Hespero, para salvar a vida, se passasse á Italia, onde em breve falleceo. Italo de posse do governo portuguez, firmou ali a sua residencia, tendo de Lucaria uma filha, á que chamou Roma, e um filho a que chamo coro, que lhe succedeo no governo logo que vio possuir os animos e as attenções dos Portuguezes. Teve além destes mais Mergites, que foi depois governador dos Aborigenes; Electra, mulher de Camçalasco, mãe de Dardano rei de Troya; e Maia, venerada como Deosa. Mas obrigado Italo a ir á Italia, deixou seu filho Sicoro no governo, levando comsigo um numeroso exercito de Portuguezes e Andalusos, os quaes fizeram em varias occasiões prodigios de valor.

Italo, chegando á Italia, acentou fazer alguns povoados, e entre elles um no monte Aventino, que reservou para seu filho Sicoro; e outro povoado no monte Palatino, que deo a sua filha Roma, que o possuiu e augmentou. A este povoado, que recebeo de seu pai, deo Roma, princeza portugueza, o seu proprio nome, mal pensando que seria algum dia a sua cidade, a capital do mundo, a cidade por excellencia. Assim, não tendo sido o fundador de Roma, o engeitado da Loba, o favorecido do Tibre, Romulo emfim, passa por certo terem sido os Portuguezes os que lançaram os alicerces da cidade eterna (1). Romulo e Remo, 800 annos depois, conforme o proprio testemunho dos historiadores Romanos, pretendendo melhorar os costumes

(1) Os autores do Diccionario Historico, afirmam que Roma no principio consistia em um pequeno castello sobre o monte Palatino, o que prova que antes de Romulo já Roma era habitada.

do povoado, assenhorearam-se do governo, mudaram a face das cousas por meio de boas leis, engrandecendo a cidade.

Fallecendo Sicoro, depois de 55 annos de governo, os Portuguezes, vendo-se sem rei, proclamaram a Sicano, filho de Sicoro, principe animoso e conveniente a todos os successos, que convicto das disposições dos seus, passou á Italia a soccorrer os Portuguezes, que ali viviam opprimidos dos Cyclopedes, povo feroz e de altura agigantada. Sicoro, vencendo-os em varias batalhas, deixou na Italia ainda mais gente Portugueza, e voltou para a Lusitania, ornado de louros, onde morreu com 30 annos de reinado, succedendo-lhe Siciano, que com as mesmas disposições que seu pai, teve de ir á Italia soccorrer os Portuguezes, que de novo foram acomettidos. Para soccorro, julgou deixar na Sicilia um corpo de tropa, e ali fundou um povoado para os abrigar, que recebeu o nome de Siciania, como porção de terra que elles habitavam, hoje Sicilia, em honra de Siciano. Siciano governou 31 annos, e por sua morte passou o governo a seu filho Sicilio, que foi valente guerreiro, e governou 44 annos.

Permanecendo o mundo em seu começo, e a humanidade com poucos recursos, e a Europa no estado de perfeita ignorancia, diz a historia: «1.º, terem vindo os Portuguezes em linha recta dos primeiros povoadores da terra; 2.º, ter sido a primeira nação que congregou as sciencias, fundando a primeira Academia que appareceu no mundo; 3.º, a primeira nação que instituiu se dar sepultura aos mortos e manifestar a magoa interna do coração, com o signal exterior de dó ou luto, o que então não se fazia; 4.º, foi a que tentou e realisou as primeiras desco-

bertas no Atlantico: 5.º, foi edificadora da antiga Roma (1).

---

..... que aqui verá presente  
Cousas que juntas se acham raramente.

(*Camões*).

Durante o lapso de annos, que mediou de 1174 a 1553 antes da vinda do Redemptor, muitas cousas succederam dignas de particular lembrança, que a historia conserva para memoria dos homens, como fossem: a fundação de Jerusalem por Melchisedech, e a morte deste em tempo de Beto; a construcção dos soberbos muros de Babylonia, por Semiramis; a morte de Noé na Italia; a instituição das Vestaes por Vesta; a viuda de Foetonte á Italia; Brigo, filho de Iubaldo, rei portuguez, foi contemporaneo de Abrahão, e Gerião reinou em Lusitania, quando Jacob principiou a servir a Labão, a fim de possuir a encantadora Rachel; Isnael, filho de Abrahão e da escrava Agar, morreu por esse tempo; bem como José, filho de Jacob, foi vendido por seus irmãos; Moyses, o favorecido de DEOS, nasceo em tempo do governo de Hispalo.

Morto Sicelio, filho de Sicano, seu filho Luso tomando conta do governo, e sendo muito amado por suas qualidades, era por todos obedecido, e por este amor extremo deram, para perpetuar-lhe a memoria, o nome de Lusitania ás terras que governava. O seu governo durou 33

(1) Tendo nós pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, emitido a proposição supra, de que a antiga Roma foi fundação portugueza, tivemos logo depois de entrar em discussão com o *Correio Mercantil*, e justificamo-nos com as razões que acima seguem.

annos. Luso, conforme affirmam as chronicas, significa em lingua primitiva— largo — talvez por suas bem construidas qualidades physicas, ou pela posição topographica do lugar, que elle escolheu para residencia, que ficava em frente do largo Oceano Atlantico.

Ao chegar Luso á provincia que fica entre os rios Douro e Guadiana, o seu primeiro cuidadado foi encaminhar-se ao templo de Hercules, venerado dos povos desses lugares, e se fazer proclamar e reconhecer rei, com todas as ceremonias do antigo ritual. Luso no governo deo particular attenção aos moradores dessa provincia, e parecia esquecer-se das de mais partes dos seus dominios, e por serem esses mais amados do rei, os invejosos desta fortuna os appellidaram — Lusitanos. —

Findando a vida, Luso (1467 antes da vinda de JESUS CHRISTO), deixou para succedel-o seu filho Siculo, nascido na Lusitania; e este logo que se poz em termos de se mostrar d'elle digno filho, poz-se á frente dos seus, e fez tantas proezas contra os estranhos, e principalmente contra os Cyclopes, que os venceu e restituiu á Roma tudo o que ella tinha perdido.

Passando á Sicilia com o intuito de soccorrer os opprimidos, não se sabe se Siculo voltou ou se morreu em combate; o que passa por certo é, que os Portuguezes não o viram mais, e a falta do rei bellicoso e amado foi tal, que se resolveram a se não governarem mais por ninguem. Em segura paz, diz um historiador, viviam os Portuguezes sem rei, firmando as suas acções na *equidade* e na *justiça*, poderoso edificio da verdadeira liberdade.

Restringiram-se ao apassentamento dos seus rebanhos, e á oração no templo de Hercules, e evitavam a todo o transe as discordias domesticas, e quando alguma appa-

recia, era decidida pelos anciões. Por cem annos viveram os Portuguezes na mais perfeita união, dando em pratica o modelo genuino do governo republicano, prostituido depois pelos antigos, e mais ainda hoje pelos modernos, inexequível, como o temos em toda a parte onde é admittido, sómente em nome para servir de capa a velhacos especuladores, que quaes sereias, illudem o povo, pervertendo tudo á encaminhar a seus fins. No entanto, conforme o nosso modo de sentir, é o mais conforme com a razão, e o melhor de todos os modos de existencia dos homens.

Depois da morte de Siculo, filho de Luso, appareceo Testa, capitão Africano, querendo o supremo mando, porém como era estrangeiro, os Lusitanos não o admittiram, pelo que foi para a Andaluzia, onde empregando os meios, conseguiu reinar, bem como Romo, que também não foi aceito pelo mesmo motivo.

O Sr. José Liberato Freire de Carvalho, no seu ensaio historico politico (como mais tarde fallaremos), affirma com bem fundadas razões, que as formulas dos governos republicanos foram estabelecidas em Portugal antes dos Gregos e Romanos; e bem as formulas constitucionaes do governo representativo, foram do mesmo modo conhecidas ali desde os tempos primitivos da monarchia Portugueza; e é provavel que essas bellas doutrinas apregoadas por Montesquieu e Mably, que a França e os Estados-Unidos da America adoptaram, fossem bebidas nas origens fecundas das fontes Portuguezas.

Nos ultimos annos do interregno, de 1476 antes de JESUS CHRISTO, Baccho, filho de Semele, não o fabuloso deos do vinho, o valentão da Italia, vindo á Lusitania com gente bellicosa e dada a todos os vicios, não podendo pela

força vencer os Lusitanos, pretendeo domal-os com a musica e com caricias, e se querendo proclamar rei, os Portuguezes repelliram-no; porém Baccho, que os via seu chefe, teve o poder de lhes fazer persuadir que o nome de seu filho Lysio, que com elle andava, deferia pouco do de Luso, seu rei amado, porque a alma deste, que tinha ido descançar nos Campos Elysios, se havia infundido em Lysios, que voltava ao governo dos povos; e que convinha que não tivessem para com elle a mesma repugnancia, por terem no corpo de Lysio a alma do seu rei Luso.

Os Lusitanos, alegres por tão grata noticia, acclamaram Lysio por seu rei, dando-se parabens uns aos outros.

Eis aqui quasi cume da cabeça  
Da Europa toda, o reino Lusitano,  
Donde a terra se acaba e o mar começa,  
E onde Phebo repousa no oceano:

.....  
Esta foi Lusitania derivada  
De Luso ou Lysio, que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros  
E n'ella então os incolas primeiros.

(*Camões* 3, 20, 21)

Baccho, bem que governasse um anno com seu filho, retirou-se para a Italia, e Lysio não durou muito no poder, porque a morte o surprehendeo, e os Lusitanos não querendo mais o titulo de rei para quem os governasse, elegeram então para seu capitão a Licinio, valido e companheiro de Lysio, homem valoroso e de grandes esperanças, o qual aproveitando-se de um poderoso exercito de robustos infantes, e com as melhores e mais luzidas armas que então se havia visto na Hespanha (invenção sua de

ferro fundido), intentou a guerra. Licinio contra Palatuo, rei dos Valencianos e Andaluzes, o venceu com o seu exercito portuguez, apoderando-se de quasi toda a Hespanha; porém usando mal com os Portuguezes, aconteceu que Hercules Thebano, naufragando por esse tempo nas costas da Hespanha, vendo a Palatuo em grandes apuros, o ajudasse e venceu ao tyranno Licinio, visto que não tinha o mesmo auxilio portuguez que então. . Os Portuguezes livres da influencia da tyrannia (1158), instituiram de novo as formulas do governo republicano, que tem a *razão* por lei, a *equidade* por norma, e a *justiça* por fim.

Quando estas cousas se ali passavam, Gorgoris (braza ou chamma), natural da Lusitania, aehando umas abelhas, e observando-lhes o trabalho, extrahio o mel do cortigó, fez experiencias com a infusão das fructas, podendo-as conservar por muito tempo, em modo a fazer as delicias da gula, então desconhecidas; e os Portuguezes agradecidos, apreciando esse regalo, pouco tempo depois reconhecendo a doçura da canna, fabricaram o assucar, e com elle substituiram o emprego do mel das abelhas. Sempre em uso a conservação das fructas no mel, ou no assucar, desde o anno de 1158 antes de JESUS CHRISTO, foram aperfeiçoando essa industria a ponto de ser mui procurada. Por tão delicioso bocado, que lhes forneceo o industrioso Gorgoris, chamado o Mellicula, por ter sido o descobridor do mel na Hespanha, recebeu a corôa em 1136, sendo adorado dos seus naturaes e pelos Valencianos.

Contam as chronicas que Gorgoris, querendo encobrir o excesso do amor occulto de sua filha, mandou deitar ás feras uma criança que ella dera á luz, e constando-lhe, depois de alguns dias, que o innocente vivia, determinou que o lançassem no Tejo junto ao povoado de Santarem.

Uma criada, que por ali passava, vendo uma criancinha viva na praia, apanhou e a levou consigo, dando-lhe o nome de Abidis.

Foi crescendo o engeitado das feras e do Tejo, e com tão boas disposições, que sabendo de novo Gorgoris, buscou indagar delle, e veio no conhecimento maravilhoso, e pelos signaes inquiritorios o mandou buscar, em vez de odio, converteo as crueldades preteritas em extremoso amor. Por suas graças e dotes naturaes Abidis attrahia a todos; e levado por sentimentos patrioticos, fundou sendo ainda muito moço, a cidade de Astigi, a Asturia, na margem do rio Astura, que pouco depois tomou o nome de Douro.

Por essas eras não estava o mundo socegado: Troya tinha a desgraça em casa; suas torres eram devoradas pelas hammas, e por tantas desgraças Ulysses, com alguns dos seus, em baixéis singrando as ondas do Mediterraneo, travessou o mar da Hespanha, embocou pelo Tejo a dentro, cuja foz não era conhecida, e a tres leguas de riba acima, e á esquerda, fundou e deo começo á uma cidade que chamou Ulysipo (Lisboa), e ao mesmo tempo por sua piedade fez construir um templo consagrado á Minerva, em uma praça que denominou Ulysséa. Gorgoris, sciente deste evento, não tardou a ir ter-se com Ulysses, trazendo-lhe presentes, protestando-lhe amizade, e para o que lhe dava sua filha, a mãe de Abidis, a quem o poeta Homero chama Calypso, e o padre Fenelon justifica o mesmo.

Diomedes com outros Gregos povoaram o Minho, e delles dizem virem os povos do Entre-Douro e Minho, Grayos, Gravios, Gronitos e Gallegos. Delles era o lugar de Gaio, onde abordaram os Gallos, e fundaram um povoado a que chamara Porto Cale (hoje cidade do Porto).

Por nimia licença dos Gregos, já vivendo descontentes os Portuguezes, Ulysses julgou prudente retirar-se para Itaca (1081 antes de JESUS CHRISTO), afim de se não pôr em contestação com Gorgoris seu sogro. Com a retirada de Ulysses falleceo Gorgoris (1079), e tomou conta do governo seu neto Abidis; e conta-se que, por gratidão, este monarcha mandou povoar o lugar do Tejo, onde foi achado, ajudado dos Gregos que Ulysses deixou em Lisboa sob as ordens de sua mãe Calypso. A este povoado denominou Escalabis, e ao depois chamou-se Santarem, onde foi sua residencia constante.

Como então não fosse bem conhecida a agronomia, Abidis, reconhecendo a sua importancia e necessidade, tomou-a sob seus cuidados e a promoveo do melhor modo possivel, ensinando praticamente o modo de lavrar as terras, cultivar com methodo os campos, plantar arvores, fazer enxertos, jungir os bois e acostumar-os ao arado.

Neste estado viviam os povos bem contentes de sua sorte, mal cuidadosos de um futuro horroroso. Abidis deixou de existir em 1038, tendo reinado 35 annos, deixando os Lusitanos e os Hespanhoes com a sua politica em bom estado de civilisação; vindo a ser a vinda de Ulysses á Portugal, e a sua retirada, uma época notavel.

Por essas éras, outros factos de muita importancia aconteceram, que vem a ser: — Uma secca medonha principiou a desolar a Peninsula, durando (segundo a autoridade de uns 26 annos e de outros 26 mezes), de modo que á excepção dos rios Ebro e Guadalquivir, todos os mais seccaram em modo a tornar a terra por falta de humidade árida e abrasada, que grande parte do povo morreo de miseria.

Portugal, compartilhando do mesmo infortunio da Hes-

panha, vio despovoar-se o Algarve, e os que não poderam sahir destes lugares, ou morreram, ou passaram-se para o cume da serra da Estrella, out'ora chamada Herminio, na esperança de salvação. Consta da historia dessas épochas, que permanecendo no estado cruento de miseria e desgraça aquelle continente, experimentou outro phenomeno não menos horroroso, que foi uma tão furiosa tempestade de ventos que a nada respeitou, parecendo o elemento aério revolver as entranhas das terras a ponto de levar tudo comsigo. Depois deste medonho acontecimento, a harmonia da natureza se restabeleceo, e os foragidos que se haviam passado para a Italia, voltaram para a patria, trazendo comsigo o poeta Homero.

A presença deste celebre varão na Hespanha convidou a muitos Celtas de França a se estabelecerem entre o Douro e o Minho, nas margens do Lima, a povoarem uns o Algarve e outros o Alentejo. Aos povoadores da Gallia chamaram os Gregos *Ciporos* (que quer dizer agricultores ou jardineiros), pelo genero de vida que adoptaram; porém os Celtas, que queriam a permanencia da Lusitania, reedificaram todos os edificios que se achavam arruinados (952 antes de JESUS CHRISTO), defendendo-se com quanta força podiam.

Foi pelos annos de 932 que os Phenycios vieram á Lusitania e, passando por aquellas terras, chegaram ao Promontorio Sacro (hoje Cabo de S. Vicente), a tirarem d'entre as ruinas do Templo de Hercules os restos mortaes deste heroe, para os levarem comsigo a Cadiz. Os Phenycios, reunindo-se com os Gregos, maltrataram os Hespanhoes de tal fórma, que estes foram ás armas (732), e com os Celtas, que haviam sahido de Portugal, embora valentes, perderam acções; porém os Andaluzes e Celti-

heros desejando augmentar as forças, solicitaram os socorros dos Lusitanos que, em numero de 70,000, sahiram em sua defesa tão ousadamente, que em breve desbarataram os Phenycios e tudo o que lhes pertencia. Singular foi este acontecimento, que terminando a victoria pelo saque, affirma a historia, que os Lusitanos levando tudo a estrago, nada quizeram dos vencidos.

No lapso de annos que mediou de 567 a 589, os Turdulos e Celtas, por motivos de localidade onde se podessem estabelecer, deslhoueram-se tão francamente, que se bateram como leões, ficando vencedores os Turdulos; porém como fossem os estragos da guerra consideraveis, de quasi ambos os lados, fizeram pazes, ficando os Celtas com as partes orientaes da Lusitania, e os Turdulos com as occidentaes.

Estas cousas succederam em Portugal (diz Fr. B. de Brito, H. de M. L., livro 1. cap. 28, muitos annos antes de JESUS CHRISTO), quando Nabucodonosor, rei de Babilonia, vencendo Pharaó, rei do Egypto, em batalha, e entrando em Jerusalem á força de armas, prendendo a Sedécias e mais gente do povo, lembrado da grande affronta com que em annos atraz, se partira do cerco de Tyro, onde os Portuguezes fizeram maravilhas, quiz saciar sua quebra com a grandeza da vingança, e guiando o exercito victorioso contra Tyro, o teve cercado alguns mezes, no fim dos quaes conhecendo os cidadãos quão pouca defesa tinham, se lhe deram a partido, ainda que não foi tão misericordioso como cuidaram no principio da conquista.

Ganhada esta cidade, mãe e cabeça de Carthago e da ilha de Cadix, mandou Nabucodonosor armar uma grande copia de náos e outras embarcações, as melho-

res e as mais bem acabadas, que até aquelles tempos se viam, com as quaes passou á Hespanha, desejoso de vingar o agravo recebido no soccorro de Tyro. Conta o referido historiador, firmado em diversas autoridades, que esse rei principiou a vingança por Catalunha, não perdoando a ninguem, fosse qual fosse o sexo e a idade; e os Phenycios, vendo que proximos estavam de Cadix esses inimigos, previnem-se de tudo para a defesa, mandando vir gente de todos os lugares. Isto feito, e em frente os inimigos, foram ás armas. Grandes combates padeceram os Phenycios, e grande instancia punha o Assyrio por entrar na cidade; e na verdade, nella entrára, se o soccorro dos Lusitanos não tivesse vindo a tempo, que poz em contingencia aos Assyrios de se perderem todos, inquietando-os em rebates continuos de dia e de noite, e pelejando com tal destreza, que os obrigaram a recolher o campo, e se metterem nas embarcações.

---

### **Portugal sob o dominio Carthaginez.**

De Luso não perdeis o pensamento,  
Devieis de ter sabido claramente  
Como é dos factos grandes certo intento,  
Nem por ella se esqueçam os humanos  
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

(Camões).

Carthago, não tirando as vistas da Lusitania, e nutrin-  
do mui ponderosos desejos de conquistal-a, mandou Mer-

zebal, general valente, com instrucções, á frente de um numero consideravel de guerreiros, e achando resistencia da parte dos Lusitanos, foi vencido por Bancio. Mas os Carthaginezes, assim derrotados, fingem-se amigos, e quando se julgam com força sufficiente, assenhoream-se da Hespanha e depois dividem-na em Tarraconense, Betica e Lusitania. Pelo commercio e dadas foram occupando a Betica, Andaluzia, e com grande força chegam a Cadix.

Os Hespanhoes tarde conhecem a sua ruina, por serem sempre destroçados pelos conquistadores, que os perseguiam á custa dos recursos que lhes fornecia a mesma Hespanha. Os Sarrios barbaros viviam nas montanhas da Beira, bem como para ella foram os povos mais illustres e antigos da Lusitania, os descendentes de Tubal, ficando os mais em confusão com os estrangeiros.

Sujeita assim a Lusitania e Hespanha ao poder Carthaginez, teve por seu governador ao general Safo; depois Hymilcon e seus irmãos Hanon e Glisson. Hanon fundou Eminio, hoje Agueda, Aveiro e outras povoações. Os Celtas e Turdetanos, passado o rio Lima, voltam as espadas uns contra os outros, e pela grande mortandade, chamaram ao Lima, o rio Lethes.

Os Carthaginezes, que bem comprehendiam as vantagens locais da Peninsula, fizeram com que Bohodes, governador da Lusitania, instituisse feiras e fortalezas em Lagos, no Algarve. Moharbal, governador prudente e experimentado, veio vencer os Gregos de Athenas, que adoravam na Lusitania ao Deos Cupido, e suppondo castigo a enfermidade que ao depois teve, erigio o templo de Endovelico (Deos do amor profano), junto á Villa Viçosa.

Alexandre, o Macedonio, fez-se reconhecer por Mari-

no, soberano da Hespanha e Lusitania. Amilcar, depois de sujeitar os Hespanhoes, veio á Lisboa, onde se casou com uma Portugueza e teve Annibal, o famoso general. Asdrubal, genro de Amilcar, venceu a Tago, cabeça dos revoltosos da Lusitania. Annibal, antes da vinda do SALVADOR, 216 annos, sendo ainda muito moço, governou a Lusitania e deo começo á abertura das suas minas de ouro, para sustentar a guerra contra Roma, que pretendia sujeital-a. Nas guerras Punicas contra Carthago, Regulo, prisioneiro, veio á Roma, e em vez de tratar da paz, excitou a guerra. Os Scipiões armam-se contra o Lusitano Annibal, e encontram a mais formal resistencia. Conta a historia, que Annibal herdando de seu pai Amilcar o odio contra Roma, este, tendo o filho apenas nove annos, o tomou nos braços e lhe fez jurar odio implacavel contra os Romanos. Servindo sob as ordens de Asdrubal, successor de seu pae, por morte deste, de commum accordo, não obstante a sua pouca idade (26 annos), o proclamam seu general. Logo que se poz á frente das tropas, o seu primeiro cuidado foi a guerra contra a Italia, para o que fez muitas queixas ao senado de Carthago, contra os Saguntinos.

Este varao primeiro, a que acompanha  
O ramo que annunciou a paz ao mundo  
E' Tubal, povoador da nobre Hespanha,  
Que neto foi de vosso pae segundo;  
A idade de ouro, que esta ferrea acanha,  
Entre o aurifero Tejo e o secundo  
Gaudiana introduziu, que gozou d'ella  
Lusitania primeiro que Castella.

São Ibero, e Jubalda os que comsigo  
Separa, este filho, aquelle neto;  
O do castello na bandeira é Brigo  
De altivos muros fundador discreto:  
Discreto é quem com tempo seu perigo  
Repara: os outros dous são Tago, e Beto,  
Que seu nome ao Tejo, e Betis deram,  
E celebres por elles se fizeram.

— —

Nota que todos estes reis ditos  
Por sceptros tem na mão curvos cajados,  
Com que regiam gados numerosos,  
Thesouros de seus seculos dourados.  
De Setubal os prados deleitosos  
Eram d'elles então mui frequentados,  
E de toda Hespanha, e de todo o norte,  
Primeira povoação, primeira côrte.

— — —

Não era cheia, como as desta idade,  
De adulações, de inveja e de cobiça,  
Nem de discordia, odio, ou falsidade,  
Nem da privança que seu fogo atija.  
Tudo era quietação, simplicidade,  
Descanço, riso, amor, paz, e justiça  
Em breve feita aos poucos aggravados,  
Por falta de escrivães e de letrados.

— — —

D'esta tranquillidade lusitana  
Se occasionou prender este meu louro  
Cabello Gerião, que da africana  
Parte veio a estragar a idade de ouro.  
De Beto o sceptro usurpa a mão tyranna,  
E tudo quanto de Guadiana á Douro  
Se estende até o mar mediterrano  
Tudo por fraude occupa o africano.

Morreo, como viveo, a mãos do forte  
Osires egypciano, que pintado  
Vês junto a Gerião dando-lhe a morte,  
E a seus filhos o reino conquistado.  
Aos campos de Guadiana coube em sorte  
O que aos mais hespanhoes negou seu fado,  
Que os primeiros de sangue se tingiram,  
E a primeira campal de Hespanha viram.

Os tres, que vês morrer em desafio  
São os luminios, em que está vingando  
Hercules do pae morto pelo tio  
A traição, que lhe andaram fulminando:  
Este, que introduzio no senhorio  
Ganhado, em quanto a Italia vai passando,  
Hispano é, e est'outro, a que acompanha,  
Hispano, de quem toma o nome Hespanha.

Tambem de Hespero foi chamada Hesperia,  
Este, a que a roda em cima vês pintada  
Algum tempo; e, depois, de Ibero, Iberia,  
Mas por Hespanha será sempre honrada.  
Este, que a Hespero lança com miseria  
D'ella toda a poder da lança e espada  
Italo é, cuja feliz memoria  
A' Italia deo nome a Hespanha gloria.

Os dous, que junto d'elles vês pintados,  
São Sicoro, e Sicano, que ambos foram  
Justos na paz, nas armas esforçados,  
Por quem ainda os Lusitanos choram.  
Estas mulheres postas a seus lados,  
Que reinos fundam, que nações adoram,  
Quem são? Que terra sua patria esconde?  
Disse Viriato: a Occasião responde.

Naturaes todas são da Lusitania,  
Filhas de Athlante e de Leucaria bella,  
Electra esta se chama, que a Dardania  
Deu o rei, que a fundou em triste estrella:  
Esta adorada por deidade Urania  
Maia se chama, chamam Roma a aquella,  
A qual, porque em obra immortal se empregue,  
A Roma funda, por mais que ella o negue.

Deu-lhe principio, nome e habitadores,  
Que quasi todos eram Lusitanos;  
Foram Romulo e Bemo ampliadores,  
E se prezam mais destes os Romanos.  
Discrepem da verdade os escriptores,  
Que os campos abulenses, e sicanos  
Ganhou e cultivou a espada hespana,  
E Roma a seu pesar foi lusitana.

Italia muitas vezes soccorrida  
Foi de Hespanha, a quem tanto hoje atropela;  
Vês Ciceleo, que nella acaba a vida  
Victorioso, depois de soccorrel-a?  
Este filho, que a deixa defendida,  
O qual a paz estima, e o culto zela  
Do herculeo templo, e promontorio sacro  
Já de Tubal sepulchro, e simulacro.

Luso se chama, de quem foi chamada  
Lusitania esta perola de Marte,  
Joia de toda a Europa mui prezada,  
E da guerreira Hespanha a melhor parte.  
Do norte pelo Douro é limitada,  
E do sul pelo Ana se reparte,  
De oeste até o oceano se estende,  
Do leste o Tejo pelo meio a fende.

Por ser tal, foi de Luso tão querida,  
Que os mais reinos, que tinha, desprezando,  
Neste somente quiz gastar a vida,  
Cidades e edificios ampliando.  
Este, que em frota grande, e mui luzida  
Vai o mediterraneo navegando,  
E' Siculo seu filho valeroso  
Em grandes feitos de armas victorioso.

— —

Os dous, que com pandeiros e folias  
O thyrsos dão á gente lusitana  
O pae e filho são, Baccho, e Lysias,  
De que tambem se disse Lysitania.  
Este, que de Moncaio as faldras frias  
Cobre de morta gente valenciana,  
Licinio é, que á lusitana terra  
Muitos preceitos ensinou de guerra.

— —

Este, a que estendo a fatal gadelha,  
Em quanto neste tronco astutamente  
Aprende a sciencia da indnstriosa abella,  
Donde o uso do mel ensina á gente,  
El-rei Gorgoris é; nota, que velha  
E' a ambição o doce que adherente!  
Que um sceptro, de que é todo um reino escravo,  
Tão pouco vale, que o dão por um só favo.

— —

Abydas neto seu, parto furtivo  
Da formosa Calypso, filha sua,  
E' este, a quem o avô cruel e esquivo  
Lança ás feras em carne tenra e nua.  
Olha d'ellas o termo compassivo,  
Com que os peitos lhe dão, porque se argua  
Que talvez é dos homens a fereza  
Maior, do que é das feras a bruteza.

Vel-o do Tejo, em que já foi lançado,  
Lançado outra vez fóra donde aquella  
Cerva o peito lhe dá, a cujo lado  
Se cria mais montez e esquivo, que ella?  
Vêl-o entre os laços, em que foi caçado  
Conhecido do avô, e da mãe bella,  
Que á policia o traz em tempo breve,  
E foi o melhor rei, que Hespanha teve?

— —

Este, que destroçado ao Tejo chega  
Depois que a Troia deixa destroçada  
Ulysses é, por cuja astucia grega  
A insigne Ulysséa foi fundada:  
A filha incasta Gorgoris lhe entrega,  
E foi por ella a casta desprezada,  
Que como amor a honra não respeita  
O peor escolhe, e o melhor engeita.

— —

De Turdulos e Celtas se serviam,  
Que eram de Luso os mais exercitados;  
Do que os Vetões ferozes desconfiam,  
E de Amilcar se dão por aggravados.  
Entre Tormes, e Cuda se estendiam  
Do Douro ao Tejo os Vetões ousados  
Inimigos de Celtas transtaganos,  
Que longe vão seguindo aos Africanos.

— —

Em sua ausencia os Vetões seu odio avivam  
Assaltando-lhes os campos abundosos;  
As mulheres e filhos lhe captivam,  
Levando á patria gados numerosos.  
Sabido pelos Celtas, como os privam  
Dos bens paternos, voltam corajosos  
De Hespanha abrindo a mais direita via,  
Fica na empreza o filho, o pae os guia.

Intentavam tomar desprevenidos  
Os contrarios Vetões, que os lastimavam;  
Mas elles dos Focenses advertidos,  
Entre altiva estreiteza os aguardavam.  
Carros de secca lenha, conduzidos  
Por vagarosos bois diante levavam;  
E supposto que Amilcar os admira,  
Nem por isso da empreza se retira.

— —

Vendo os seus a vingar-se resolutos  
Bravo acommette a machina inimiga:  
Dão fogo á lenha os Vetões astutos,  
Espanta aos bois o fogo, que os instiga.  
Atropelando vão feros e brutos  
A quem mais imaginam, que os castiga:  
Rompem Turdulos, Celtas e Africanos,  
Nelles fazendo irreparaveis damnos.

— —

Seguindo-os vai a grã cavallaria  
Dos Vetões, toda tão exercitada,  
Que tanto que a phalange o fogo abria,  
Era logo por ella fracaçada.  
Amilcar por não ver o fim ao dia,  
Acaba os seus na empreza desastrada,  
Que um general, por valeroso tido,  
Melhor parece morto que vencido.

— —

Este fim teve, a mãos de Lusitanos,  
Amilcar de Carthago novo Ascipo,  
De Africa espora, freio de Romanos,  
Terror de Hespanha, e gloria de Ulyssipo;  
Que canta, pinta, esculpe entre os humanos  
Caliope, Nicomaco e Lysippo,  
A quem nenhum dos Penos se igualára  
Se o filho tanto atrás o não deixára.

Asdrubal, capitão mui valeroso,  
Genro de Amilcar, de Annibal cunhado,  
Veado a morte do sogro, o pavoroso  
Exercito retira destroçado.  
Manda por Annibal, que vem furioso  
Pela morte do pae, que vinga ousado  
Nos Focenses, a quem consome e abrasa,  
E depois a cidade illustre arrasa.

— —

Passa a Carthago, para que succeda  
No governo de Hespanha, e nella fica  
Governando o cunhado, que se enreda  
Na guerra dos Vetões, que muito o pica.  
Tago capitão d'elles mais o azeda,  
Que de continuo o frustra e o damnifica,  
Parando-o tal, que á vil traição se rende,  
Que em fim a paz lh'o compra, e nella o vende.

— —

Com dadivas propõe paz simulada,  
E confiando nella o adversario  
Vio a cavallaria destroçada,  
E se vio entre as mãos de seu contrario.  
Rico era Tago, e de stirpe honrada,  
Foi morto a mãos do Peno sanguinario  
Com tão vil ignominia, que inda agora  
A lastimada Lusitania o chora.

— —

Um Lusitano Celta, que o servia  
E vingar-se do injusto Asdrubal trata,  
Entre festival pompa o mata um dia,  
Que a ferro morre quem a ferro mata.  
Com a vida pagou sua ousadia  
O valeroso Celta, porque abata  
A morte de Pausanias com sua morte,  
Pois mais que elle a soffreo constante e forte.

Como em grande tormenta a não sem leme,  
Combatida das ondas, e dos ventos,  
Abre a quilha, quebra a antena, a enxarcia treme,  
Tudo são confusões, tudo lamentos;  
Assim morto Asdrubal, Hespanha teme  
Novos perigos, novos movimentos;  
Que vendo roto o leme do governo  
Cada nação inventa outro moderno.

— —

Os Celtas, que de todos desconfiam  
Por seu rei a Viriato levantaram  
Saguntinos que muito se temiam  
De Carthago aos Romanos se encostaram;  
Aos Romanos, que aos Penos mal soffriam  
Na Hespanha, que antes d'elles occuparam;  
E desta nova liga com Romanos  
Seu incendio nasceo, e nossos damnos.

— —

Qual em manhã, que suspeito vento,  
E negras nuvens a viandante pobre  
Predizem tempestade, e n'um momento  
Sopra o norte, as nuvens varre, o sol descobre;  
Tal o confuso e triste movimento,  
Que a pobre Hespanha de temores cobre,  
Com tornar Annibal a governal-a  
Sopra o gosto, foge o medo, o rumor cala.

— —

Foi Annibal de corpo alto, e delgado  
De cintura, de espadoas mui fornido,  
Barba, cabello crespo e anelado,  
Afilado nariz, rosto comprido;  
Gentil homem, cortez, grave, e esforçado,  
Astuto, cauto, alegre, comedido,  
De regrado comer, de grã constancia,  
De pouco somno, e muita vigilancia.

Amigo de emprender difficuldades,  
Inimigo de estar em paz occioso,  
Mui paciente em quaesquer adversidades;  
Nellas, imperturbavel e ardiloso.  
Com bom rosto soffreo calamidades,  
Vestio sempre ao commum, nunca ao pomposo;  
Em cobiçar do mundo o senhorio  
Foi Africano, e lusitano em brio.

---

De idade tinha só vinte e seis annos,  
Quando prosperamente começava  
A governar sagaz Penos e Hispanos;  
Que, reciprocamente amado, amava.  
Visitou os parentes lusitanos,  
De quem mais que dos Penos se fiava,  
E se admirou da inclyta Ulysséa,  
Que o mar regala, o Tejo lisongea.

---

A Viriato vai ver, que o sceptro tinha  
Dos Celtas, e com elle pazes trata;  
A Castulon desde Evora caminha,  
E com Hilmice em matrimonio se ata;  
Hilmice, que do sangue illustre vinha  
De Milico (segundo se relata),  
Bella sem tacha, rica sem ter sogra.  
Partes que buscam mil, e nenhum logra.

---

Juntos muitos soccorros dos parentes  
D'ella, da mãe, e de outras nações graves,  
Põe em campo uniformes varias gentes,  
Que governou sem nunca as ver contrarias;  
Com que muitas nações entre os correntes  
Douro e Tejo fez logo tributarias,  
Que ambos do patrio sangue se enturvaram,  
E patrias dissensões o derramaram.

Já com cento e cincoenta mil soldados  
E vinte mil cavallos singulares  
Cerca Sagunto, a cujos verdes prados  
Enchendo vai de estrondos militares.  
Resistem-lhe oito mezes os cercados,  
Ronde-os em fim, matando-os a milhares,  
E daquela Sagunto antiga e rica,  
Nem pedra sobre pedra erguida fica.

— —

Roma, que de Carthago se recea,  
Sem volver contra quem Sagunto abrasa,  
Por não ir socorrer a casa alhea  
Vio presto o fogo d'ella em sua casa.  
Presto Annibal o exercito recrea  
Com o qual Pyrenéos e Alpes arrasa,  
E qual raio, que d'elles desce, logo  
Vai pondo toda a Italia a ferro e fogo.

— —

El-rei Viriato, cavalleiro raro  
O segue com mui grã cavallaria,  
E um Turdulo senhor, dito Balaro  
Com copia de vassallos o seguia.  
Não ficou Lusitano em armas claro,  
Que Annibal não levasse em companhia,  
E com estes, como elle confessava,  
As maiores victorias alcançava.

— —

Foi a primeira no Tesino ameno,  
A que o sangue envolveo dos Italianos;  
A segunda no Trebia, que sereno  
Vio mortos trinta e oito mil Romanos;  
A terceira no lago Trasimeno  
Ganhada por valor dos Lusitanos,  
Deixando na campanha os fugitivos  
Quinze mil mortos, quinze mil captivos.

Não conto peregrinas aventuras,  
Ardís, estratagemas e ciladas,  
Roubos, miserias, fomes e amarguras,  
Encontros, desafios, cavalgadas,  
Prodígios, terremotos, desventuras,  
Campos talados, terras abrasadas,  
Nem feitos mil da gente vencedora,  
Que a nossa Hespanha os conta, Italia os chora.

Annibal se vio tão favorecido  
Da fortuna, que prospera soprara,  
Que não quiz tomar Roma de atrevido;  
Quem tal, de tal soldado imaginara?  
O prudente senado, que abatido  
Se acha, em quantas emprezas intentára,  
De estilo muda, de opiniões se desce,  
Que o mudar de conselho bem parece.

A Néio ordena, que em mui breve espaço  
Com grossa armada sobre Hespanha desça,  
Porque a sangria, que se dá no braço,  
Diverte a enfermidade da cabeça.  
Parte Néio Scipião, chega ao regaço  
De Empurias, porque d'elle reconheça  
Melhor a costa, theatro destinado  
Para as tragedias de um, e outro senado.

Esta primeira scena, e vez primeira,  
Que Roma por inveja de Carthago  
Em nossa Hespanha arvorou bandeira,  
Primeira causa foi de tanto estrago.  
Asdrubal, que regia esta fronteira  
E as outras todas dentro o Estreito e Tago,  
Ajuntando o poder da exausta Hespanha  
Contra os Scipiões se oppõe presto em campanha.

Começa nova guerra, novo espanto,  
Novo pavor os peitos occupava;  
Abrazava-se Italia, e entretanto  
Tambem Hespanha em guerras se abrasava:  
Tingia-se de sangue o mar em quanto  
Do frete Herculeo ao Bysantino lava,  
Cheio de mastros, e de quilhas rotas,  
Tristes fragmentos de abrasadas frotas.

— — —

A toda Europa, e Africa os revezes  
Alcançaram de tão notaveis damnos;  
Quem porque soccorreo Carthaginezes,  
Quem porque deo soccorros aos Romanos.  
A nossa Lusitania muitas vezes  
Soccorreo a tal tempo os Africanos,  
Que põe na Hespanha aos Romanos freio  
Matando os dous Scipiões, Cornelio e Neio.

— — —

Os irmãos de Annibal victoriosos  
Na Hespanha, que já tinham restaurada,  
Por soccorrer o irmão, como animosos,  
De presidios a deixam despojada.  
Sabem deste descuido os cuidadosos  
Romanos, torna a vir segunda armada,  
E o maior Scipião de Hespanha estrago,  
Vida de Roma, e morte de Carthago.

— — —

Toma por força de armas Carthagena,  
Desbarata Asdrubal e Masinissa;  
Os seus anima, os nossos desordena,  
Victorias ganha, estandartes pisa.  
A desterro de Hespanha emfim condemna  
Toda a gente africana, que agonisa,  
Vendo, que a deixa apesar dos nossos  
Tinta de sangue e esmaltada de ossos.

Trezentos e mais annos haveria,  
Que do mais fertil d'ella se lograva;  
É dezeseis, que Italia destrua  
Annibal, e suas gentes flagellava.  
Desbaratadas na Erdonia havia  
As romanas legiões, e batalhava  
Contra o consul Marcello, que sómente  
Temeo por forte, e a Fabio por prudente.

— —

Tres vezes pelejaram; mal tratado  
Sahio Marcello, e nunca temeroso  
Na quarta morto foi, e sepultado  
De Annibal, como illustre e valeroso.  
Todo o mundo esperava interessado  
D'esta guerra o successo duvidoso,  
Por a fortuna ter posto em balança  
De qualquer dos señados a esperança.

— —

Scipião, e Annibal com tanto estrago  
Victoriosos na Hespanha, e fóra d'ella,  
Voando cada parte a Carthago,  
Um a cercal-a, outro a defendel-a.  
A cruel batalha vem, na Zama, ou lago  
De sangue, que um mar d'elle se vio nella,  
Em que Annibal, por desigual partido  
De exercito inferior ficou vencido.

— —

Qual fosse depois disso a sua vida,  
Que se estendeo até sessenta annos;  
Qual a potencia de Asia toda unida  
Por elle em terra e mar contra os Romanos;  
E como foi Carthago destruida;  
Não trato, pois não toca a Lusitanos:  
Que só conto tragedias, ou venturas,  
Em que elles foram principaes figuras.

Livre o concripto e bellico senado  
Do captivo temor e adversidade,  
Que, como a delinquente sentenciado,  
Lhe poz ao pé da forca a liberdade;  
Toda a industria volveo, todo o cuidado,  
Em perseguir a velha inimidade  
Com Lusitania, como causadora  
Dos padecidos males, que inda chora.

— —

E porque á sua custa experimentára  
Nosso valor, primeiro que accometta,  
Assegura mui bem quanto ganhara  
Do nevoso pyrene a herculea metta.  
Em tanto Lusitania se prepara,  
Que mal quem se receia se aquieta,  
Querendo antes, ousada e prevenida,  
Acommetter, que ser accommettida.

— —

Entra abrasando os campos do inimigo,  
E vem Scipião Nasica a defendel-os,  
Que em grã batalha no ultimo perigo  
Esteve, de perder-se, e de perdel-os.  
Com grã damno dos seus, e mor castigo  
Dos nossos, tarde e mal veio a vencel-os,  
Pois degolando a muitos Lusitanos,  
Vio degolados oito mil Romanos.

— —

Fulvio lhe succedeo, que com presteza  
Acommette os Vetões em Lusitania  
Duas vezes os vence, e com fereza  
Toledo vai cercar na Carpentania.  
Dão sobre elle os Vetões com mais braveza  
Que se foram crueis tigres de Hyrcania;  
E se apartam por fim os estandardes,  
Com estrago cruel de ambas as partes.

Emilio succedeo na Pretoria  
A Fulvio, e moveo guerra aos Batestanos;  
E apenas contra elles se movia,  
Quando deram sobre elle os Lusitanos,  
Fazendo tão mortal carniçaria  
Que poucos lhe escaparam dos Romanos;  
Com que uns annos ficou a lusa terra  
Posta em descanço, e em silencio a guerra.

(*B. G. Mascarenhas*).

Recebendo Annibal instrucções dos seus, poz em sitio Sagunto, como aliada de Roma, e a destruiu. Certo de que os Romanos só em Roma podiam ser vencidos, cuidou em viagem, atravessou os Pyreneos e chegou ao Rheno, dahi aos Alpes, com muita difficuldade. Já na Italia, revendo as suas tropas, que constavam de 59 mil homens, apenas achou 26, e, não obstante, tomou logo Turin, derrotou o consul Cornelio Scipião, pouco depois a Sempronio (anno 218), onde os vencidos perderam 26 mil homens. No anno seguinte venceo Annibal a Cnêio Flamínio, ficando este morto, depois de perder na acção 15 mil homens, dos quaes 6 mil ficaram prisioneiros.

Roma, consternada com tantas perdas, nomeou dictador a Fabio Maximo, que sendo mui prudente, soube poupar as vidas dos Romanos. Findo o tempo da Dictadura de Fabio, deo-se o commando dos exercitos a Terencio Varro e a Paulo Emilio, que não tendo a mesma prudencia de Fabio Maximo, entraram em campanha com Annibal, e foram vencidos no celebre combate de Cannas, onde Paulo Emilio perdeu 40 mil homens de infantaria e 2700 de cavallaria. Por este tempo Annibal, mandou por seu irmão Magon a Carthago tres alqueires de aneis pertencentes a 5630 cavalleiros, que morreram no combate. Tito Livio pensa que Roma teria sido presa de Annibal, se

elle em seguida a esta famosa victoria tivesse marchado sobre ella; porém não aconteceu assim, porque se ficou em Capua, afim de passar o inverno. Sem soccorros de Carthago, o valente Annibal, se conserva nos campos das batalhas e em diminuição diaria, em quanto que os Romanos, de instante a instante se fortificavam, engrossando o numero dos seus combatentes; todavia marchou sobre Roma (anno 211), e teve que medir-se com o consul Marcello, e ficou indecisa a acção. Em quanto isto acontecia, Asdrubal, irmão de Annibal, é morto por Claudio Nero; e Carthago por todos os lados perseguida, chama a Annibal para a soccorrer, e este não podendo conseguir a paz, que julgava preferivel a Carthago, entra em combate com Scipião (202), perde a acção e com ella 40 mil Carthaginezes. Não querendo ser testemunha dos infortunios que se seguiam a Carthago, foge para Bithynia, lá se envenena, e finda a vida com 64 annos, pelos annos 183 antes da vinda do REDEMPTOR.

---

### **Portugal sob o dominio Romano.**

Livres os Romanos do íntrepido Annibal, Roma se apossa da Hespanha e da Lusitania, depois de muito pelejar e ver morto Scipião nos campos do combate. Scipião Cornelio, dotado de prudencia, e comprehendendo o character do povo Lusitano, pôde-o contentar pelo decurso do seu governo. Não sendo permanentes as administrações, a Lusitania teve de soffrer ladrões crueis que Roma enviava, a dar motivos a continuadas sublevações. Os Carthaginezes residentes na Lusitania, mui resentidos das vexações que soffriam, julgaram ir ás armas e pôr fóra do supremo mando a Scipião Cornelio, e o vencendo mata-ram-no, vindo a succeder-lhe, por mandado de Roma, seu

filho Scipião, ainda no verdor dos annos, que magoado dos Carthaginezes, os perseguio por toda a parte, merecendo por isso, o titulo de *Africano*.

Portugal, por esse tempo, soffreo não só o pesado jugo de Roma, como mesmo pestes e terremotos, em modo de, por muitos dias, não se poder ver o sol, pela escuridade do tempo.

A Scipião Africano, succedeo M. P. Catão, por antonomasia o Censor, que dividio Portugal em duas porções (citerior e ulterior), deixando sua memoria em muitas inscripções que fez gravar. Os Lusitanos, que se não podiam amoldar ao dominio estranho, não perdiam occasião de acometter aos Romanos, e em um conflicto puderam matar 12,000 Romanos, sob as ordens de Scipião Nassica: por diversas vezes sobre os Lusitanos, vieram Lucio Emilio, Emilio Paulo, Caio Catinio, C. Calpurnio, Lucio Posthumeo, Tiberio Gracco, e os derrotaram. Sem um chefe amestrado nas armas e corajoso, pelejavam os Portuguezes, até que elegeram por seu capitão a Apimano, que venceo a C. Calpurnio e matou em combate a Terencio Varro. O intrepido Lusitano, chamado Apimano, que muitas vezes triumphou dos Romanos, veio por fim a morrer em batalha, coberto de gloria. Outro Lusitano chamado Cesaron, vence aos Romanos, e morre em outro combate gloriosamente. Galba, diz o padre Soares Barbosa em uma nota ás Instituições oratorias de M. F. Quintiliano, depois de ser Pretor em Roma, obteve o governo da Hespanha. Os Lusitanos tendo-lhe enviado embaixadores a pedir a paz, lh'a concedeo com as condições mais vantajosas. Em consequencia do que, congregando-se os Portuguezes para concluir o tractado, por uma perfidia a mais negra, se viram de repente cercados de Ro-

manos. De 40,000 que eram, parte foram mortos desapiadadamente, e parte reduzidos a captiveiro e vendidos. Galba foi logo chamado a Roma, e accusado desta perfidia pelo Tribuno L. Scribonio. Catão orou á causa dos Portuguezes contra Galba, com tanta inteireza e força, que o fez sumnamente odioso ao povo, e parecia ir a ser condemnado irremediavelmente, se Galba, como quem já ia a morrer, não trouxesse diante do povo o filho de C. Sulpicio Gallo seu parente, ha pouco fallecido e de grata memoria, e duas crianças suas, recommendando-as á tutela do povo Romano. A memoria de Gallo, a orphandade do pupillo e a compaixão das crianças, de tal sorte enterueceram o povo, que Galba foi absolvido. Esta impunidade foi quem suscitou em Viriato, um inimigo formidavel dos Romanos, que feito chefe da nação Portugueza, lhes deo muito que cuidar.

O dia de antes tinha Galba astuto  
Uma pratica feito a muita gente,  
Que chamára com seu salvo conduto,  
E tratara cortez e alegremente;  
Dando-lhe pouco, e offerecendo muito,  
Com semblante do intento differente,  
Quanto lhe pedem diz que lh'o concede,  
E com falsas caricias os despede.

---

Com as fingidas novas, que levavam,  
Com novos capitães, que lhe vieram,  
Novo conselho outra vez tomaram,  
Onde as condições novas propozeram.  
A paz os Myrtilenses desejavam,  
Por despedirem quantos recolheram:  
Estes que erão dez mil mais enganados  
As querem, por se verem desterrados.

Que como fertes campos lhe offereciam,  
E não temiam tão infame trato,  
Em irem desarmados consentiam,  
No que não consentio jámais Viriato.  
Pelo contrario os mais se persuadiam  
A se ajustarem com jurado pacto,  
Ao qual a paz de todos submettessem,  
E sempre com Romanos paz tivessem.

Apimano, que andava desterrado  
Da patria, nova patria desejava  
Baucio, porque se via despojado,  
Mais que todos a paz sollicitava.  
Grisaldo, porque estava mui chegado  
Ao perigo, com elles concordava,  
Vandermilo, e Balaro, como amantes,  
Mais que manoplas lhe agradavam guantes.

Viriato, que se vê tão resistido,  
Considerando que em se a paz fazendo,  
Ficava em toda a Beira obedecido,  
E nem por isso a Roma obedecendo;  
Chegou a consentir no vil partido;  
Porque todos estamos dependendo  
D'este particular proveito, d'este  
Algoz do bem commum, do mundo peste.

Avisam Galba de que a paz queriam;  
Chega á vista dos muros, e ali para  
Sahem quantos a paz tratado haviam,  
Que um Romano fecial logo declara.  
Depois tomada a gramina, que traziam,  
Que em ceremonias tais sempre se usára,  
Preparando um leitão, e pedreneira  
Pelo fecial, lhe diz d'esta maneira.

Lusitanos e Ausonios, socios contentes  
Da referida paz, sem que se negue  
Alguma condição das precedentes?  
Responde-lhe, que sim; e elle prosegue:  
Os Deoses, que o dominio tem das gente,  
Confirmem nossa paz, e quando chegue  
Algum a desfazel-a por inveja,  
Bem como este leitão, ferido seja.

— — —

Disse; e tomando a aguda, e mui pesada  
Pedreneira, com ella deo a morte  
A' victima na gramma desmembrada:  
Ergue a pedra, e prosegue d'esta sorte.  
Se sem engano é de mim tratada  
Tão justa paz, porque tambem me importe  
Os Deoses que invoquei, e que uão querem  
Simulados enganos, me prosperem.

— — —

E se nisto que faço, engano cabe,  
E logo o não descubro, se o entendo,  
Todos salvos se vão, e eu mal acabe,  
Em caminho esta pedra, que suspendo.  
Logo a deixou cahir, Roma se gabe  
Da cerimonia, com que está vendendo  
Innocentes, que nelles se fiavam:  
Tal a paz era de que sempre usavam.

— — —

Galba, depois de tudo concluido,  
Aparta os Turdetanos desarmados  
Com outros, a quem tinha promettido  
Bons campos, uns dos outros separados  
E logo com traidor rizo fingido  
Lhes diz: já estareis desenganados  
De que vos trato a todos como amigos,  
E de que cessam ja vossos castigos.

Quanto melhores são pazes, que guerras!  
Porque estas desoccupam os possessores,  
E aquellas vos darão campos por serras,  
Que presto d'elles vos vereis senhores.  
Deixae as armas, e deixae as terras,  
Que terras vos darei muito melhores:  
Ide quantos quizerdes habital-as,  
Que a todos quantos fordes quero dal-as.

Não andeis revolvendo cada dia  
Toda Hespanha, com tantos movimentos,  
Que a nós, e a vós tem dado essa porfia  
Trabalhos mil, e mil enfadamentos.  
Este de hoje será feliz dia  
Se guardais todos estes documentos,  
Tendo estas armas sempre muito promptas  
Contra quem vos quizer fazer afrontas.

Com estas, e outras mil razões que dava  
O vil traidor, com riso fraudulento,  
Aos simples Turdetanos incitava  
Com outros muitos ao proposto intento.  
Em tres partes a gente separava,  
Dando a Apimano de uma o regimento  
A Baucio de outra, e de outra a Viriato,  
Que elle engeita, temendo o dobre trato.

Escusa-se que contra o pacto feito  
Armas traz com intento de volver-se.  
Responde-lhe o traidor, que tal sugeito  
Para tal occasião ha de escolher-se;  
Que está de seu valor mui satisfeito;  
Que não ha tal preceito de entender-se  
Nelle, nem nos amigos, que levasse,  
Até que aquella gente accommodasse.

Que depois de o fazer, se toruaria,  
Quando quizesse, mui seguramente.  
Aceita Viriato a companhia  
Vão com elle os amigos juntamente.  
Despedem-se com mostras de alegria  
Da myrtilense, e romana gente:  
Fica Galba no campo mui de espaço  
Vendo a caça, que vai direita ao laço.

P'ra onde caminhais simples cordeiros,  
P'ra onde ides ovelhas innocentes?  
Como vão os rebanhos dos carneiros  
Ao talbo caminhando mui contentes!  
Fugí, fugí, dos lobos carniceiros,  
Que vos ides metter entre seus dentes.  
Tristes das mãis! que hão de saber, coitados,  
Que em tres açougues fostes degolados.

Tornai a trás, luas não torneis, ah tristes!  
Porque se atrás tornardes, inda encerra  
O mesmo campo de que vós sahistes,  
Peiores lobos do que estão na serra.  
Depois que os pastos abrasados vistes,  
Com sangue a cinza regareis da terra,  
Que sendo vossa, é tal a desventura  
Que temo vos negue sepultura.

Já uns longe dos outros caminhavam  
Com as guias, que dera o inimigo,  
Por tres valles, que uns montes separavam  
Dispostos á medida do perigo;  
Cujos bosques reais preñhes estavam  
De gente deputada ao vil castigo,  
Que com armas rodea a desarmada,  
Que perturbada fica e desmaiada.

Em partes tres se começam crueldades  
As mais enormes feras, e insolentes,  
Que viram, nem verão largas idades,  
Vistas as circumstancias precedentes.  
Quantas traições, e quantas falsidades  
Padeceram pessoas innocentes,  
A todas excedeo a barbaria  
Traidora dos Romanos neste dia.

---

Nove para dez mil almas seriam  
Entre mulheres, homens e meninos  
Que a povoar estranhas terras iam,  
Segundo imaginavam os mofinos.  
De todos só um cento escapariam,  
E nos mais todos quantos desatinos  
Póde inventar ferocidade humana  
Os padeceo a gente turdetana.

---

Estranho caso, horrenda maravilha,  
Que as entranhas dos montes abrandavat  
Abraçada com a mãe morria a filha,  
E morto sobre o filho o pae ficava!  
Mais presto morre o que mais se humilha,  
Que a nenhum a crueldade perdoava,  
Que cortam mais, por menos resistidos,  
Os golpes dos cobardes nos rendidos.

---

Parecia que os montes se abalavam,  
Movidos do confuso horror que ouviam;  
Que as pedras com piedade se abrandavam,  
Que os bosques com espanto estremeciam;  
Que os valles com gemidos retumbavam,  
Que as feras a ser brandas aprendiam,  
Emboscando-se humildes nas devezas,  
Por não verem tão barbaras ferezas.

Em um dos valles, que está feito um Nilo  
De sangue, estão jogando, caso raro!  
Duas maças, Viriato e Vandermilo,  
E duas lanças Grisaldo e mais Balaro.  
Joga um montante o eborense Eurilo,  
Com que serve aos cavallos de reparo  
E a Ormia tambem gentil donzella  
Jurando de morrer ou defendel-a.

Era quanto bellissima, animosa  
Ormia, e tanto na caça exercitada,  
Que a pé corria a serra mais fragosa,  
E a cavallo a campanha dilatada.  
No desmaio maior mais valerosa  
Pegou de uma rodela, e uma espada  
A um peão, que Viriato atropelara,  
E as vai jogando com destreza rara.

Dos muitos que estes poucos vão matando  
Foram cousa de um cento recolhendo  
As armas, com que todos, pelejando,  
Por meio dos contrarios vão rompendo,  
Viriato ferido, e animando,  
Aqui e ali a maça revolvendo,  
Abre caminho, qual leão rompente,  
Que a desesperação é mui valente.

Como em campos larguissimos, e enxutos  
Além de Buenos Ayres, sempre cheios  
De vacum bravo, e de cavallos brutos,  
Que não tem donos, nem conhecem freios;  
Espantam-se da gente, e, resolutos,  
Uns apoz outros fogem sem rodeios,  
Porque inda que em pedaços os desfaçam,  
Por onde passou um, os outros passam.

Assim por onde passa Verterminho,  
Apesar dos Romanos superiores,  
Cavallos e peões fazem caminho,  
E Eurito, defendendo seus amores.  
O' poderoso amor, como adivinho  
O fim triste a que atiram teus favores!  
Que amor, que em tanto sangue foi gerado  
Prediz que será nelle rematado.

---

Já pelo valle acima caminhavam  
Os cento, a que os Romanos não seguiam,  
Que da resolução, com que marchavam,  
Parece que até as plantas se desviam.  
Os montes, que tais magoas escutavam,  
Mais cedo a sombra aos vales estendiam,  
E a noite rematava, tenebrosa,  
Tragedia tão infame e lastimosa.

---

Do bosque infame a dous, ou tres cruzando,  
Porque a seguil-os mais não se aventuram:  
Já atinando, já desatinando,  
Em uns bosques param, que uns penhascos muram,  
Onde as muitas feridas apalpando  
Mal as apertam, ou se mal as curam,  
Ormia lhe empresta luz das luzes bellas  
Que inda ali scintilavam como estrellas.

---

Galba depois que vio entrar na rede  
Os innocentes peixes, que caçára,  
Para em Mertola entrar, licença pede  
Em virtude das pazes, que tratara.  
Nenhum dos que a governam, l'ha concede  
Que se l'ha concederam, os assolára;  
Dá por quebrada a paz, publica a guerra,  
E se parte abrasando o campo, e a serra.

Mas como era cobarde e conhecia,  
Que logo toda a gente lusitana  
Furiosa sobre elle desceria,  
Retirando-se vai com a romana.  
Já pelo opaco bosque, em que gemia  
O nocturno Ascalafó, e a Lesbiana  
Nyctimene gritava pavorosa,  
A diurna luz entrava duvidosa.

— —

Quando Viriato de um altivo monte  
Cuidadoso de Baucio, e de Apimano,  
Escuta, e olha, se ouve, ou vê defronte  
Algun rumor do exercito romano.  
Em quanto cinge o pallido horisonte  
Não vê, nem sente o canto Lusitano  
Pê que mover-se possa, ou voz que sóe,  
Nem ainda ave que por cima vóe.

— —

Parecia que tudo se apartava  
Daquelle Gelboé, pela crueldade,  
Com que em tres meriaddões desenganava  
Nossa caduca e vã fragilidade.  
Já outra vez ao bosque se tornava  
De furor combatido, e de piedade,  
Esta para enterrar aos Turdetanos,  
E aquelle contra os perfidos Romanos.

— —

Anima aos valerosos companheiros  
A sepultar a gente degollada;  
Vê fugir a umas penhas uns cabreiros,  
Chega-se, e nellas vê a gente apinhada.  
O' bem aventurados pegureiros  
(Lhes grita) ó gente pobre, e descansada!  
Não temais estas armas que estão promptas  
A defender-vos, e a vingar affrontas.

Pastor fui, como vós, ó nunca fóra  
Soldado, nem de ser pastor deixára!  
Mas todo o que em repouso vive, ignora  
Que custa a honra militar mui cara.  
Na desventura me ajudae agora,  
Que toda a guerra em desventura pára;  
Vamos a sepultar nossos amigos,  
Que eu vos irei vingar dos inimigos.

---

Confiam-se os atônitos pastores  
D'estas, e de outras lastimas movidos:  
Ferramentas lhe dão, e ajudadores  
Que estavam pelos bosques escondidos.  
Sepultam corpos, resuscitam dores,  
Lágrimas vem descer, subir gemidos,  
Exequias funerais caritativas,  
Se não muito pomposas, compassivas.

---

Vão-se ao segundo valle de amargura,  
Para que seu pesar se renovasse,  
Do qual não escapou viva creatura,  
Que o tragico successo recitasse.  
Acha Viriato a mortal figura  
De Baucio; não foi muito que se achasse,  
Nem pouco, que ainda fosse conhecido  
Corpo tão sanguinoso, e tão ferido.

---

O' enganado, e bem morto amigo,  
(Lhe dizia e com elle se abraçava)  
Pois mais te confiaste do inimigo  
Que d'este amigo que te aconselhava!  
Servir-me-ha de exemplo teu castigo,  
Pois para meu aviso se guardava;  
E se eu as armas der como tu as déste  
A' traição morra, como tu morreste.

Ajuda-lhe a fazer a sepultura,  
E com os tres amigos o põe nella,  
Esconde a terra toda a desventura,  
Se a terra, sendo tal, pôde escondel-a.  
O sangue, que com ella se mistura,  
Clamando fica por vingança d'ella,  
E a haverão muito presto do inimigo  
Porque nunca ao traidor tarda o castigo.

Já no terceiro lagrimoso valle  
Mortos sepultam os piedosos vivos:  
Pranto não pôde haver, que o seu iguale  
A' vista de tão feros incentivos.  
Lingua não ha, que seu tormento cale,  
Nem olhos que não chorem compassivos,  
Nem mãos que não enterrem quem estimam,  
Nem pés que em sangue podre não se imprimam.

Como os mais, que deixavam sepultados,  
Estavão todos nós, e achão vestidos  
Uns trinta e tantos; forão logo olhados,  
E todos por Romanos conhecidos.  
Da novidade os Lusos admirados  
Pelos acharem, mais que os nós, feridos,  
Investigando a causa de seu damno,  
Entre elles vem já ser morto Apimano:

Que tomando aos contrarios uma espada,  
(Delles foi a façanha referida)  
Tão fortemente delle foi jogada,  
Que custou trinta vidas sua vida.  
O' vida (diz Viriato) mal lograda!  
Comprada á sangue, e á traição vendida!  
Quanto importava que inda não morreras!  
Morrêram todos, e tu só viveras!

De tua morte me mostras a devaça  
Com trinta testemunhas a teus lados;  
Justo é que conclusa se me faça,  
Para ir proceder contra os culpados:  
Tinta será seu sangue, e penna a maça,  
Com que hão de ser á morte pronunciados,  
Pera emmenda de tão infame excesso  
Pagando Roma as custas do processo.

— —

Um castigo ouvirá, com que estremeça,  
Em podendo alcançar aos delinquentes,  
Que eu lhe farei, e aqui dando á cabeça,  
Puxa a barba, torce a boca, e trinca os dentes.  
Acabada esta pratica, começa  
O juramento, que as antigas gentes  
Faziam, para com mais confiança  
Sullicitarem todos a vingança.

— —

Ajuntaram-se todas as donzelas  
Que estavam mortas de crueis feridas;  
E cada qual mettendo os dedos n'ellas,  
Com ceremonias hoje não sabidas,  
Reverente jurava por aquellas  
Almas já de seus corpos divididas,  
De viugar o infeliz sangue innocente  
Ou cedo, ou tarde, na romana gente.

— —

Feito por todos este juramento,  
Jura Viriato, e diz:— pelas entranhas  
Que toco, renovando o sentimento  
Das minhas contra as infimas estranhas;  
Por este virgem corpo macilento,  
Victima exposta ás feras das montanhas;  
Pela alma já d'elle despedida,  
Pelo que padeço na morte e vida-

TOM. I.

Juro, que hei de vingar nos aggressores  
Tão infame traição e aleivosia,  
Solicitando os patrios defensores  
Contra toda a romana monarchia,  
Por fomes, sedes, frios e suores,  
Sem descansar de noite nem de dia,  
Até ver dos Romanos o castigo,  
Sendo-lhes sempre acerrimo inimigo.

— —

Se algum dia mudar de pensamento,  
Ou affrouxar da furia vingativa,  
Me abra-se o sol, me não refresque o vento,  
Seja-me o céo cruel, a terra esquiva;  
Sobrem-me penas, falte-me o sustento,  
A' traição morra, ou de infamia viva;  
Juntos padeça todos estes damnos,  
Se presto me não vingo dos Romanos.—

— —

Disse com ira; e logo com piedade  
Dos mortos sollicita a sepultura:  
A todos a fez dar com brevidade,  
Concluindo a traidora desventura.  
A fama de tão grande atrocidade  
Já de uma terra em outra se apressura,  
E com susurradores estampidos  
Enchendo as bocas vai pelos ouvidos.

— —

Como bala de peça despedida,  
Que quanto vai mais longe mais aquece,  
A fama cada vez mais accendida  
Quanto mais longe vai, maior parece.  
Pavorosa se espalha e intimida,  
Todos enche de horror, tudo intristece,  
Qual pasma, qual se indigna, qual já cuda  
Que tem sobre a cabeça a espada aguda.

(*B. G. Mascarenhas*).

Viriato, natural da Serra da Estrella, Portuguez sem mistura de outra nação, de pastor humilde passou a ser capitão illustre; testemunha da cruel tyrannia e perfidia dos Romanos, larga o cajado e pega da espada, e sobre o sangue das victimas da traição, jura não embainhal-a sem que primeiro vingue a patria e os seus. Em campo descoberto, Viriato fez conhecer ao senado Romano, que os Portuguezes, não erão Asiaticos, que as aguias nacionaes tangiam para Roma, como cordeiros ao aprisco... Viriato sorri de Pompêo, e nos campos das batalhas lhe ensinou a brigar; invencivel, derrota a Scipião, e lhe diz: que o seu braço é mais forte que a propria Roma, e Roma temendo o seu braço, não se atreve a agredil-o, covarde o manda assassinar por mão estranha quando dormia!

Quarenta annos se volveram de terror para Roma, e os herões de mil combates, fogem espavoridos com o peso do braço de um só homem.

Desta o pastor nasceo, que no seu nome  
Se vê que de homem forte os feitos teve,  
Cuja fama ninguem virá que dome,  
Pois á grande de Roma não se atreve.  
Esta, o velho que os filbos propios come,  
Por decreto do céu, ligeiro e leve,  
Veio a fazer no mundo tanta parte  
Creando-a reino illustre; e foi d'esta arte.

(*Camões*).

Viriato, ávido de vingança, marcha contra Vitelio, e mata no primeiro conflicto 4,000 Romanos; 10,000 no segundo; ao pretor Plancio mata 4,000 soldados de cavallaria, e o vence em outro combate, com lealdade e valor

Logo depois vence e desbarata o famoso exercito do pretor Claudio Unimano, e o de Caio Nigidio.

Trezentos Portuguezes carregados de despojos, tendo sido em caminho accomettidos por mil cavalleiros romanos, matam a estes, sem que algum soffresse, e chegam á patria desembaraçados.

O valente capitão Viriato Lusitano, marchando de victoria em victoria, venceo ao cruel consul Romano Q. Fabio, bem como a P. Emiliano.

Mettello, não podendo medir-se com o Lusitano, fez ajustes de paz. Q. Fabio foi completamente derrotado com os seus elefantes, bem como o consul Q. Serviliano. Este covarde inimigo, não podendo vencer o heroe portuguez, peitou a tres officiaes estrangeiros que serviam a Viriato, com promessas de grandes recompensas, e o degollaram de noite quando dormia. Só deste modo poderam os Romanos livrar-se de um inimigo tão formidavel.

Mal acabaram heroes tão famosos,  
Sobre a fortuna os ter favorecidos,  
Padecendo tormentos afrontosos,  
Uns por tyrannos, outros por vencidos.  
Igual na morte, e feitos valerosos,  
Foi Viriato aos mais esclarecidos;  
Na origem d'ella não, se não me engano;  
Porque não foi vencido, nem tyranno.

— — —  
Causa maior a deo ao feito horrivel,  
Que, subindo de humilde a memorando,  
Morreo por formidavel e invencivel,  
Presto veremos onde, como e quando.  
Julgando como em Hespanha era impossivel  
Acabar de extinguir, bem que triumphando,  
A hydra consular que ali brotava  
Cabeças mais, aonde mais cortava:

Se resolve a passar a Roma a guerra,  
Que era o perigo que ella mais temia,  
Caminho abriudo pela gallia terra,  
Levando os passos de Annibal por guia.  
No grande coração prudente encerra  
O segredo que de outrem ninguém fia,  
E quando Flora reinoçava Hespanha  
Pujante estava já posto em campânia.

— —

Parte de Lusitania resoluta  
Em tarde ou nunca mais tornar a ella;  
Porque é da guerra ordinario fruto,  
Perder a vida e patria longe d'ella.  
O céu coberto de nocturno lucto  
Parece que sua morte lhe revela,  
E que d'ella presago o moço louro  
Avaro á terra occulta o monho de ouro.

— —

Os patrios montes, asperos gigantes,  
Pelos olhos das fontes o choravam;  
As plantas braços seus tremendo amantes  
Parece que de longe lhe acenavam;  
Entre seus pés nos valles retumbantes  
As aguas temerosas se queixavam:  
Sendo aguas, plantas, montes, fontes, valles,  
Presagios tristes dos futuros males.

— —

As flores, como enfermas de advertidas  
A se murcharem presto se condemnam;  
As cafilas volateis encolhiças  
Com os bicos as pennas desordenam;  
As ovelhas das ervas esquecidas  
Aos ares balam, porque não serenam:  
Que ares, ovelhas, ervas, flores e aves,  
Retratando-lhe estão prodigios graves.

As terras, em que mais o festejavam,  
Com tristeza maior o despediam,  
Porque todos os rostos se enfiavam,  
Todos os olhos lagrimas vertiam;  
Os corações nos peitos se alteravam;  
As linguas ao fallar lhe immudeciam:  
Que linguas, corações, olhos e rostos,  
Advinham sua morte e seus desgostos.

— —

Marchavam com máo tempo os bons soldados  
Por campinas de lodos impedidas;  
Que empresas que hão de ter fins desastrados  
Muito de atraz começam de ir perdidas.  
Ião de aguas e ventos molestados,  
Mal alojando em terras mal providas;  
Que quando mal começa uma jornada,  
Se acha de cada vez peor pousada.

— —

Porém, como da guerra tão cortidos,  
Feitos a desprezar commodidades,  
De bom imperador favorecidos,  
Supportavam quaesquer adversidades.  
Os que ião de doenças affligidos  
Trocava nos presidios das cidades:  
Sempre augmentando e não diminuindo  
O tremendo poder que o vai seguindo.

— —

Vanderuilo e Belaro conselheiros,  
E membros principaes de toda a empresa,  
Com Apuléo e Brisséo por fronteiros  
No governo de tanta fortaleza,  
Deixa contra Scipião; tres estrangeiros  
Por estes quatro na secreta mesa  
Admittio, Dictaleão, Minuro, Aulaces,  
Inimigos occultos e sagaces.

D'esta sorte alcançando livre entrada  
A' tenda principal do luso Marte,  
Que estava aos conselheiros franqueada  
A qualquer hora e em qualquer parte.  
Lhes descobrio parte da grã jornada  
Que intentava fazer com força e arte.  
Os tres lh'a approvam com alegres vultos  
E a reprovam depois estando occultos.

---

Resolvendo-se a nunca se arriscarem  
A tão difficil e propinqua empreza,  
E de antes aos Romanos se passarem,  
Que passarem dos Alpes a aspreza.  
Aulaces, por os dois o aconselharem,  
Avisou Messalina com presteza  
De seus intentos, porque não houvesse  
Tragedia em que mulher se não mettesse.

---

Esta, que então em Cordova assistia,  
O correio entretem no hospicio grato,  
Avisando a Scipião de quanto havia  
E dos intentos com que vai Viriato.  
Elle que só do nome estremecia,  
Vendo caminho aberto a um dobre trato,  
Dos Pyrenéos os passos importantes  
Segurar manda com dez mil infantes.

---

E logo pelo irmão de Messalina  
A ella manda vir e ao mensageiro,  
Que sendo pobre e vendo aberta a mina  
A lealdade vendeo pelo dinheiro.  
Por elle a ir e vir se determina  
Muitas vezes, que enfim era estrangeiro,  
Como quem o mandou, que tal baixaza  
Nunca se achou em gente portugueza.

E depois de bem pago e instruído  
Com cartas de Scipião e da leviana  
Tarpeia, chega aos tres, sem ser sentido  
Seu trato vil da gente lusitana.  
Foi com grande alegria recebido  
Pelas grandes promessas com que engana  
O consul cauto seu desejo louco;  
Mas quem promette muito quer dar pouco.

— —

E como ão marchando os Portuguezes  
Com a lenteza que Marte requeria,  
Pode ir e vir com cartas mais vezes  
Urdindo a tã que Scipião tecia.  
Viriato ignorando taes doblezes  
Jã com fogo resolve em cinza fria,  
Mais que outras vezes impaciente e fero,  
As terras de entre Pyrenéos e Ibero.

— —

Porque sentindo os passos occupados  
Entendeo que os contrarios entenderam  
Seus pensamentos, como experimentados,  
Sem nunca dar no ponto que lhe deram.  
E, achando os Pyrenéos tão bem guardados,  
Como livre a campanha, discorreram  
Por ella até ao mar os Lusitanos,  
Sem que Scipião se opponha a tantos dainnos.

— —

Dos quatro espertos cabos, que deixara  
Viriato em opposito, tremia,  
E mal ao superior faria cara  
Quem a subditos seus a não fazia.  
Todo volto á traição que maquinara,  
Aviso do que intenta aos tres fazia,  
Por saber que eram já os sementidos  
A todos os conselhos admittidos.

Manda por um fecial mui astucioso  
A repetir a paz que se romperá,  
Desculpando seu trato malicioso,  
E culpando a quem culpa não tivera.  
Deu orelhas Viriato ao cavilloso  
Fecial porque como uteis propuzera  
Algumas condições, diz por remate  
Que vá com elle quem das suas trate.

Offreeceram-se logo os estrangeiros  
A irem, que era o que elle pretendia,  
E Viriato, por serem conselheiros,  
Com grã facilidade o concedia.  
D'elle se despediram lisongeiros;  
Gente que pouco val, muito varia,  
E quando ella governa, é signal certo  
Que a ruina do imperio anda mui perto!

Foram com grandes festas e favores  
Tractados de Scipião e Messalina;  
D'ella, pelo interesse dos amores,  
D'elle, pela traição que vil maquina;  
Tal, que com dos leaes fazer traidores,  
A trail-os depois se determina,  
Para que eternamente o mundo o charne  
Duas vezes traidor e, cento infame.

Resume-se por fim, em que se dessem  
Presto a morte a Viriato lhes daria  
Os tres melhores cargos que escolhessem  
Entre os muitos e grandes que provia,  
Dez mil marcos de prata que pedessem  
Repartir entre si, e lhes faria  
Grandes mercês, que o grande irresoluto  
Nunca promette pouco, nem dá muito.

A Messalina faz da mesma sorte  
Murallas de crystal, torres de vento,  
Porque não ha mentiras de mais porte  
Que as ditas ao fazer de um casamento.  
Mui satisfeito Aulaces da consorte,  
Futuro premio do traidor intenta,  
Recebe parabens, que a dar-lhe vinham,  
Se bem que para males se encaminham.

— —

Viriato entre tanto campeava  
Sempre á vista do mar talando a terra,  
Que em quanto a paz se não effectuava  
Assentara de não parar com a guerra.  
E vendo que já d'ella indicios dava  
O fumo em todo o valle, campo e serra,  
Parou junto ás ruinas de Sagunto  
Cadaver frio do valor defunto.

— —

Sepulchro eternamente lagrimoso!  
Theatro sumpre tragico e funesto!  
Pela antiga tragedia lastimoso,  
Pela que espera, funebre e molesto;  
Presto mais memoravel que ditoso  
Se verá, porque o bem se passa presto,  
Só nas magoas que deixa, tem firmeza,  
Que, onde morre o prazer, vive a tristeza.

— —

Chegam-lhe aqui os tres embaixadores  
Da morte, porque só d'ella tractaram,  
Contando embustes propios de traidores  
Sobre as pazes que dizem negocearam,  
Tirando coudições de vencedores;  
E que elle e Scipião logo as juraram,  
Obrigando-se os tres a que as jurasse  
No mesmo dia em que o Fecial chegasse.

Festejaram-se as novas quatro dias,  
Oh quatro vezes infilice sorte!  
Como são as mundanas alegrias  
Glorias da vida, vespervas da morte!  
Oh grande general, que te confias  
De estrangeiros nas cousas de mais porte!  
Olha por ti, repara o golpe triste:  
Mas ah! que ao que ha de ser não se resistel

O' musa, tu que já me estás mostrando,  
Como agulha das ondas empoladas,  
O porto á que cansado vou chegando,  
Por golfos de memorias soçobradas,  
Pois a maior tormenta vai cerrando  
Na costa em que as taes são mais arriscadas,  
Dá talha ao leme, esforce a voz nas magoas,  
Serei novo Aaião em novas agoas.

De Clycie o bello ingrato se apartava,  
Do bruto grato a regia adulterina,  
E o carro que as irmãs em pranto lava  
Aos infantes irmãos Pyroes inclina.  
Do mundo a quinta idade caducava,  
E Viriato da quinta já declina  
Quando a ultima vez por triste caso  
O crepusculo vio cerrar no ocaso.

Cerra-se a noite chêa de portentos  
Com tempestade tanto estrepitante  
Que em batalha cruel os elementos  
Mostrar-se querem a qual mais possante.  
Combatem-se agoa e terra, fogo e ventos,  
Baralhando sua furia repugnante,  
Disparando-se entre Eolo e Neptuno  
Do Tonante os canhões, caixa de Juno.

No cego horror, nos varios estampidos  
De guerra tão confusa e repentina,  
Desatinados todos os sentidos  
Só o quinto no tacto errando atina.  
Pavorosos e tristes alaridos,  
Como de casa que arde, ou se arruina;  
O ruidoso estupor accrescentavam,  
E os corações mais fortes desmaiavam.

— —

São da tenda Viriato bem armado,  
Porque em noites ruins mais cuidadoso  
Vigia o bom pastor o manso gado,  
Procura o bom amante ser ditoso.  
Vela a fruta da quinta o bom criado,  
Guarda o bom militante posto honroso,  
Amaina o bom piloto as pandas vellas  
Ronda o bom capitão as deshoras sentinellas

— —

A breve luz de raios atinando,  
De posto em posto vae rondando as postas,  
Reprehendendo as remissas, e louvando  
O brio das que achava mais bem postas.  
E depois de a tormenta ir applacando,  
E de ter as vigias bem compostas,  
Por já deixarem ver nuvens errantes  
Na terra montes, e no céu diamantes,

— —

Se retira, observando mil figuras,  
Que tragicas em nuvens sanguinosas  
Com disformes e horrendas estaturas  
Dão pelos ares vozes espantosas;  
Nocturnas aves d'entre as mais escuras  
Cavernas lhe gemiam temerosas,  
E os agoureiros cães tristes uivando,  
Lhe vão fugindo, quando vai passando.

De nada se perturba, nem se inflamma  
Aquelle coração nunca turbado;  
Entra na tenda, faz da terra cama,  
(Que esta era o seu colchão mais regalado)  
E do escudo almofada que mais ama,  
Sómente da cabeça desarmado  
Se encosta já no quarto da modorra,  
Porque outra vez no d'alva as posta corra.

—

Tudo os traidores notam de mui perto,  
E o somno aguardam que os sentidos priva;  
Que não vive o leal (proverbio é certo)  
Mais que em quanto o traidor quer que elle viva.  
Certo cuidam que tem o premio incerto,  
E animados com tal expectativa,  
Na tenda, a taes deshoras frequentara,  
Entrando vão (Oh! Nunca nella entraram! . .)

—

Como ladrão que entrando em casa alhea,  
Leve assegura o passo cauteloso,  
Como amante que timido passeia,  
Quando chega a fazer furto amoroso,  
Ou como gato, quando se recea  
Que se lhe escapê o rato buliçoso:  
Vão pela tenda os tres mais vigilantes  
E cautos que ladrões, gatos e amantes.

—

Confusa luz sómente vigiava  
Já quasi extincta o heróe somnolento;  
E só da força com que respirava,  
Estremecia o terno fraudulento.  
Algun sonho cruel o attribulava,  
Porque tremendo e reprimindo o alento,  
Dava a entender na forma, em que gemia,  
Que queria gritar e não podia.

Sô de o verem bulir, desanimados  
Os tres covardes se iam já saindo;  
Mas vendo-o socegar, mais socegados,  
Acabam de entender que está dormindo.  
E posto que já vão deliberados,  
Quasi estão do máo feito desistindo,  
Que nenhum ousa de investir primeiro  
A tão raro e fortissimo guerreiro.

Sô tu, cego rapaz, para mór magoa  
Rapazia tão vil executaste,  
Que derramado tens mais sangue que agoa,  
E nunca de agoa e sangue te fartaste.  
Mal se tempera o ferro em tua fragoa,  
Pois que nunca por elle te lograstel  
Presto verás que tarde se arrepende  
Quem, por te defender, com ferro offende.

Aulaces por amor de Messalina,  
Que em presentes idéas o animava,  
Tira de uma catana larga e fina,  
Que para tal effeito aguda estava,  
E como espiga cega repentina  
A cabeça que Hespanha sustentava,  
E que aspirava a ser muito depressa  
De toda Europa singular cabeça.

O' golpe horrendo, ó barbaros traidores,  
O' mundo vil, em que tuas glorias param!  
Contra quem tantos consules, pretores,  
Exercitos, legiões em vão se armaram;  
Contra quem tantos bellicos furores,  
E tantas nações juntas nada obraram;  
Obrou o golpe de um traidor, de modo  
Que elle só pode mais que o mundo todo.

Olhae vós bem, monarchas, neste espelho  
Que nenhum por affavel, por possante,  
Por liberal, prudente, moço ou velho,  
Seguro está de golpe semelhante.  
Foi o terdes boa guarda, bom conselho;  
Quem se fia em bem quisto, é ignorante,  
Que em fim por experiencia se tem visto  
Que o que faz mais justiça, é mais mal quisto.

— —

Fundava-se Viriato em ser armado,  
E nunca tanto o foi algum guerreiro,  
Mas por não ser dos naturacs guardado.  
Veio a morrer á mãos de um estrangeiro.  
Sendo feroz leão foi degolado,  
Como se fora tímido cordeiro,  
Sobre seu proprio escudo: ó morte tristet!  
Mas, ó ditoso, tu que a não sentistel

— —

Dobremos folha aqui; vamos seguindo  
Os tres covardes, porque já caminham.  
Que com o nome as postas desmentindo,  
Chegaram aonde seus cavallos tinham;  
E sobre elles a mais correr fugindo,  
Voam cuidando que seguindo-os vinham,  
Que, como o medo pecca de advertido,  
Sempre o covarde cuida que é seguido.

— —

Chegados a Scipião, grande alegria  
Tal nova em todo exercito causava;  
Todos applaudem, elle só fingia  
Que de tal feito e morte lhe pesava.  
Com differente rosto os recebia,  
Desabrido e pesado se mostrava,  
Por não mostrar-se cumplice no feito,  
Que todo o medo lhe tirou do peito.

Já não é o Scipião que de antes era  
Aos traidores que, tarde arrependidos,  
Cada qual seu desprezo considera,  
Achando-se enganados e corridos.  
A frustrada esperança os desespera,  
Vendo-se tão confusos e abatidos,  
Que os mesmos á que deram tanto gosto,  
Todos lhe dão com a traição no rosto.

Porém, como a Scipião importunassem  
Pelas promessas vãs, lhes respondia,  
Que os cargos lh'os daria, se vagassem.  
O dinheiro que dal-o não podia,  
E quanto á Messalina, que a rogassem,  
Porque se ella quizesse, elle queria;  
Mas é mulher (repete) e a mais sisuda,  
Em um virar de mão, de affeição muda.

Tendo-a por tão mudavel, quanto bella,  
Não estou a finezas obrigado.  
Contudo Aulaces quiz fallar com ella,  
Porque inda nella estava confiado.  
Permitte-lhe que possa logo ir vel-a,  
Mas de tres centuriões acompanhado,  
Porque os tractava já com taes desprezos,  
Que soltos os trazia como presos.

A Messalina avisado tinha,  
Por quanto seu irmão estava ausente,  
Que casar com um traidor lhe não convinha,  
Que o despedisse desabridamente.  
Ella que amava, e via que vinha  
Pedir o sim ou não seu pretendente,  
Mal dizia Scipião, mal a esperança,  
Que seu desejo punha em tal balança.

Posto em sua presença o triste amante,  
Suas finezas pallido repete.  
Ella por fóra rigido diamante,  
Dentro, qual cera, ao fogo se derrete;  
Está rendida, finge-se arrogante,  
Com a lingua nega, com acções promette,  
Com a voz despede, com os olhos chama,  
Vai, fica, quer, não quer, ama e desama.

Mas como já nas palpebras publica  
O neutro aljofar, que encobrir quizera,  
Que o muito pestenejar o mexerica,  
Se recolhe, e de todo desespera.  
Occulta desembarga a mina rica  
Das perolas, que presas retivera,  
Que como por amor as derramava,  
Uma vez que o negou, as sonegava.

Aulaces com paixão perdendo as cores,  
Arrancando o punhal, disse iracundo:  
Quem foi traidor ao raio dos traidores,  
Acabe assim, que assim castiga o mundo.  
E por tres vezes desprezando as dores,  
O peito se passou tão furibundo,  
Que quando os tres centuriões lhe acodiram,  
Desmaiar e cabir a um tumpo viram.

Acode Messalina á lastimosa  
Tragedia, chea de mortal espanto;  
Grita por cirurgiões, tenta animosa  
As feridas que lava com seu pranto;  
Sente que vive, falla-lhe amorosa,  
Tanto suspira e regala tanto  
Que não vê o punhal, porque inda tinha  
O ferro d'elle o peito por bainha.

Gentil senhora (lhe diz flebilmente)  
Em vida amada, em morte agradecida,  
Contente morro de vos ter presente,  
E presente vos faço d'esta vida.  
Eu fui d'ella o juiz e o delinquente,  
Não vos quero fazer nella homicida,  
Nem pode a morte tanto em mim, que possa  
Deixar de vos deixar cousa tão vossa.

— —

Mais que as feridas sinto vossas dores,  
Cruel vos acho, quando mais piedosa;  
Vivi de enganosa, morro de favores,  
Não pudera ter morte mais ditosa!  
Se o fructo não gozei, gozando as flores  
Em tal hora a terei menos penosa,  
Que não pode temer mortaes traspassos  
Uma vida que acabo em vossos braços.

— — —

D'estas janellas, por que está saltando  
Esta alma que me deixa e vos invoca,  
Vereis o coração justificando  
As ancias que exhalava pela bôca.  
Este penhor que vol-o está mostrando,  
E vos toca tambem, pois nella toca,  
Vos deixo por lembrança, arrecadai-o:  
Disse, expirando de mortal desmaio.

— — —

Repara no punhal quasi escondido  
No lado esquerdo a pallida turbada,  
E fica, como estatua, sem sentido,  
Tacita um pouco; e logo simulada  
Aparta das criadas o alarido,  
Os centurios despede socegada,  
E já livre de toda a companhia,  
Sentada junto ao morto, assim dizia:

Passa por mim o trance que estou vendo?  
Mas não deve passar, pois estou viva.  
Mas como viva estou, se estou morrendo?  
Como morro, se estou tão discursiva?  
Eu não vivo, eu não morro, eu não me entendo:  
Engano deve ser de perspectiva,  
Que figurando a cousa desejada,  
Está mostrando tudo sem ser nada.

— —

Nada sou, pois não fico, ah triste vida!  
Viuva, nem casada, nem donzella;  
Donzella não, que já fico abatida;  
Casada não, que a morte o atropella;  
Viuva não, que não fui recebida.  
Logo que fico? Fico não sem vella,  
Horta sem muro, fragoa sem obreiro,  
Casa sem dono, bolça sem dinheiro.

— —

Se tal hei de ficar, perdido amante,  
Melhor será partir logo contigo,  
Mostrando que te sou Tysbe constante,  
Na jornada mortal Pyramo amigo.  
Sahe cá fóra, agudo e penetrante  
Executor de meu e seu castigo,  
Legado pio cheio de impiedade,  
Ultimo golpe de ultima vontade.

— —

Tira o punhal, — prosegue, — ó prenda minha,  
Como sahis do cofre melhorada:  
Entrastes nua, e trazeis bainha  
De rubis, para ser mais estimada.  
Prenda, que um coração por cofre tinha,  
Ande em meu coração também guardada:  
Nelle vos metterei, pois sois lanceta,  
Que tão bem sangra parte tão secreta.

Abri, dourada chave, este aposento,  
Para que esta alma triste ache sahida;  
Que sem amor não ha contentamento,  
E sem contentamento não ha vida.  
E vida sustentada com tormento,  
E' morte cada instante padecida.  
Padeça de uma vez o corpo, acabe,  
Que quem sabe poupal-o, amar não sabe.

— —

Disse, e na ponta do punhal sanguino,  
Encostada a maçã no peito amado,  
Deixou cahir o peito alabastrino,  
Que em liquidos rubis ficou banhado!  
Espera, espera, amante peregrino,  
(Repete) que vás mal acompanhado,  
Oh! pára um pouco! oh! detem-te, amigo;  
Oh! não te vás sem mim que já te sigo.

— —

Estando posta em tão mortal trespassso,  
Entra Scipião á pressa pela sala.  
Tanto que o vê, se soergue sobre um braço,  
Severa falla assim, elle ouve, e cala:  
Que vens a ver, ó barbaro Circaço?  
Cylha cruel, que buscas, dize, falla?  
Mas que póde fallar quem com vil trato  
Mata Aulaces, a mim e a Viriato?

— —

Nunca d'esta crueldade fraudulenta  
Te póde desculpar tua lingua astuta,  
Que é mais traidor o que a traição inventa,  
Que quem por seu conselho a executa.  
Com o valor a guerra se sustenta,  
Tu, por elle faltár, fugiste á lucta,  
Pois, infamando a patria, acreditaste  
Por invencivel a quem mal matast °

Perdeste a teus passados o respeito,  
Tiraste á Roma de vencer a gloria;  
Mas sabe, que por este infame feito  
Sempro infame será tua memoria.  
Nunca foste gerado em casto leito,  
Filho és de alguma adulterina historia,  
Que o sangue dos Scipiões nunca podia  
Produzir tão nefanda aleivosia.

---

Que ha de dizer de nós todo occidente  
Africa, Asia, Gallia, Epyro e Grecia,  
Se não que teve Roma novamente  
Outro Galba traidor, outra Lucrecia?  
Não fui, como ella foi, incontinente,  
Pois morro por mais casta e por mais nescia:  
E tu fazendo da deshonra alarde,  
Viverás por traidor e por covarde.

---

Mas não tarda o casti. . . E aqui atalhada  
Foi da morte, ficando já sem vida,  
Como a tenra bonina que pisada  
No prado foi da fera inadvertida.  
Se pallida ficou, se desmaiada,  
Mais pallido Scipião entre a luzida  
Gente, que o vê sem pulsos e sem brio,  
Fica da reprehensão cortado e frio.

---

Manda que juntos sejam sepultados  
Em sepulchro de mui luzido e forte  
Alabastro, em que estejam bem gravados  
Quatro versos, que digam d'esta sorte:  
Aqui estão deus amantes mal logrados,  
Que a vida separou, unio a morte  
Que cada qual se deu: de tudo teve  
A culpa amor: — seja-lhe a terra leve. —

Dictaleão, e Minuro a Roma envia  
Presos com maliciosa e vil cautela;  
Porque a traição, como alcovitaria,  
Se estima e se despreza o author d'ella.  
Mas onde vou? Aonde me desvia  
A penna, que entre penas se desvela.  
Escrevendo e penando, tendo apenas,  
Dado pennada nas maiores penas?

— —

Correndo triste as pallidas cortinas,  
Suando aljofar, como de afrontada.  
Sobre as humidas ervas e boninas  
Vinha saindo a aurora envergonhada.  
Por entre nuvens pardas e sanguinas  
Vigiava a campanha dilatada  
Em que o luso monarcha recatado  
Sempre achava de ponto em branco armado.

— —

Quando os soldados, á que a sentinella  
Do quarto d'alva repartida estava,  
Confusos de Viriato faltar nella,  
Porque entre elles jámais nella faltava;  
Cada qual de seu posto os outros vel-a,  
Por ver, se com os olhos o encontrava  
Com os olhos que os pés tinha sujeitos  
O rigoroso Marte a seus preceitos.

— —

Da caixa rouca emfim desobrigados,  
E de tal novidade escrupulosos,  
Buscando a tenda vam alvoraçados,  
Mais que nunca de o verem desejosos.  
Quando cerrada a vêm, ficam turbados  
E da entrada que intentam receiosos,  
Porque nenhum se atreve a ser primeiro:  
Tão respeitado era tal guerreiro!

Qual diz que dorme, qual que não dormia,  
Nem dormir a taes horas costumava:  
Qual que em outros quarteis presto estaria,  
Qual que o buscou, e que em nenhum o achava.  
Crescia a gente, o rumor crescia,  
E nenhum coração se socegava,  
Que de desditas que inda estão secretas,  
São sempre os corações grandes profetas.

— — —

Mas juntos capitães e conselheiros,  
Como logo entre os mais menos acharam  
Os tres faccinorosos estrangeiros,  
A traição claramente suspeitaram.  
Entram dos mais antigos, e os primeiros  
Que morto o vêm, sobre elle desmaiaram.  
A gritos que outros dão, sahe da tenda  
Quebrando os corações a nova horrênda.

— — —

Trovões de gritos vão rompendo os ares,  
E diluvios de lagrimas rebentam  
Por todos os quarteis, em que a milhares  
Alaridos e lagrimas se augmentam!  
Tudo lastimas são, tudo pezares,  
Que quanto curam mais, mais se acrescentam:  
Nunca perdido bem se chorou tanto!  
Nunca morte causou tão grande espantol!

— — —

Sempre foi de um exercito florido  
Bom general espirito alentado,  
Que o mantem e o conserva em corpo unido,  
Bem que de varios membros aggregado;  
Que é espirito em membros repartido,  
E corpo d'este espirito animado  
Se vê, em que faltando a tal cabeça,  
Logo o tal corpo a desmaiar começa.

Bem se vio neste exercito arrogante,  
Que chèo de valor e de experiencia,  
Faltando-lhe a cabeça, em um instante  
Todo o brio perdeu, toda a sciencia.  
Desmaiado, confuso, susurrante,  
Sem arte, sem valor e sem prudencia,  
Parecia na tragica agouia  
Um labyrintho de melancolia.

Carecia de espirito alentado  
Com que tivera prospera a ventura;  
Estava corpo enfermo e já deixado  
Do medico, por não lhe sentir cura.  
Tinha a fortuna pessima jurado  
No estygio pela propria desventura,  
E circumstancias de tão nobre trato  
De não dar mais ao mundo outro Viriato.

Que como por anior avassallava,  
E nunca com rigor forçava a gente  
A seguil-o, que sempre amado achava  
Quem o seguisse voluntariamente;  
Qual por restaurador o lamentava,  
Qual por seu natural, qual por parente,  
Qual por guia, por páo, por conselheiro,  
Qual por irmão, amigo e companheiro,

Não havia queixar de aggravo ou damno  
(Que exemplo este paaa os reis de agora!)  
Por elle feito a homem lusitano,  
Nem a gente da paz mercedora.  
Quando se vio mais alto, mais humano  
Se mostrou com sua gente vencedora;  
Voda a soberba foi contra inimigos,  
Toda a humidade entre seus amigos.

Bem que desse caída desditosa,  
Não podera ter morte mais honrada,  
Porque historia que acaba lastimosa,  
E' por mais sensitiva mais lembrada.  
Deixou a toda Hespanha saudosa,  
Roma vencida e mal acreditada,  
Cheias de altas façanhas as historias,  
E a patria rica de immortaes memorias.

---

Por mais que no Lethéo se sossobraram,  
Que encobriram contrarios abatidos,  
Foram tantas as que elles confessaram,  
Que se estão confessando por vencidos.  
De serem seus chronistas se prezaram,  
E o chama Floro um dos mais floridos,  
O Romulo hespanhol melhor dissera,  
Raio do povo, a que elle engrandecera.

---

O tempo que com braço poderoso  
Grandes façauhas avarento encobre,  
Cada um dia as d'este heróe valeroso  
Por toda Hespanha em marmores descobre.  
Cada qual o publica victorioso,  
Que guarda pedra vil memoria nobre;  
E bem que a pedras não perdoa a guerra,  
Se ella as sepulta, ella as desenterra.

---

De grandes capitães fatal segredo  
E' morrerem como este Lusitano,  
Muito longe das patrias tarde ou cedo:  
Taes Cyro, Achilles, Alexandre Magno,  
Pompéo, Sertorio, Annibal, Gofredo,  
Temistocles, Theodosio, Trajano,  
E nossos generaes de maior fama,  
Albuquerque, Furtado, Almeida e Gama.

Mas já das honras funeraes se trata  
Nos quartéis da viuva infantaria;  
E agudo ferro já damnosa mata  
Desterra a mais decrepita hamadria;  
Quanto se precipita, se arrebatá  
Pelo ar com presteza e valentia,  
E se accumula com grande arte e conta  
Em pyra, das pyramides afronta.

— —

Despojam-se as montanhas e campinas,  
Com prolixa attenção examinadas  
De quantas ervas, plantas e boninas  
Odoríferas são, sendo queimadas;  
Tudo alternando vão por lados, quinas,  
Columnas, capiteis, frisos e escadas,  
Com que em nova Babel nova ousadia  
Segunda vez o Olympo desafia.

— —

Feito de todo aquelle contrafeito  
Mausoléu que afronta ao celebrado  
De tantas musas, sobre andor perfeito  
De cyparisso, louro e palma ornado,  
Subindo aquelle generoso peito  
Foi no alto da pyra collocado  
Com tão ruidoso e funebre lamento  
Que a terra fez tremer, parar o vento.

— —

Do gentilico rito um venerando  
Ministro com melindre reverente  
O corpo anda compondo, e susurrando  
Varias deprecações confusamente.  
Depois sobre altas grades assomando,  
Funesta endeixa á circumstante gente  
Começa de entoar, e respondendo  
Lbe vão de quando a quando em coro horrendo.

A certas pausas brados e gemidos  
Entoava entre si tristes e suaves,  
Que com taes ancias eram repetidos,  
Que faziam cair de espanto as aves.  
E feitas muitas voltas e alaridos,  
D'aquelle tempo ceremonias graves,  
O ministro se desce ao pavimento,  
E applica ao secco o lucido elemento.

---

Fanelico da pyra magestosa  
Se vai por lados quatro apoderando,  
Em torno d'elle a gente lastimosa  
Lastimosas canções anda cantando;  
Muitos amigos com paixão saudosa  
Se vão dentro no fogo arremeçando,  
Outros por fóra d'elle com espadas  
Se matam por vontade a estoeadas.

---

Amigos d'este tempo (digo amigos  
Do tempo aquelles que, andorinhas mansas,  
Vos apartaes do inverno dos perigos,  
E vos chegaes no estio das bonanças)  
Tomai exemplo aqui d'estes amigos  
Que envergonhando estão vossas mudanças,  
Não vos quero notar de ingratos loucos  
Porque inda ha bons amigos, mas são poucos.

---

Estes que então, com mais amor que aviso,  
Crendo o rito da vã gentilidade,  
Do seu Elysio, ou sacro paraíso,  
Esperavam gozar com brevidade;  
Mas com quanta confiança e pouco siso  
Nestes grandes excessos de amizade  
Criam que as almas cheas de alegria  
Iam com a do amigo em companhia!

D'esta verdade que não é patranha,  
Letreiros inda ali ha fidedignos;  
De casos taes os ha por toda Hespanha,  
Sempre de mui geral credito dignos.  
Verdade que, se bem parece estranha,  
A não podem negar zoilos malignos,  
Porque hão de confessar que a gente antiga  
Foi menos invejosa e mais amiga.

— —

Já tinha em cinza o fogo sepultado  
Aquella maravilha gigantéa,  
De jaspe fino campa bem lavrada  
Estava de sutil mão dedaléa;  
Em urna de crystal depositada  
Foi do corpo gentil a cinza fea  
E mettida na terra, a que opprimira,  
O grave peso da soberba pyra.

— —

Sepultou junto d'ella o jaspe duro  
A terça parte, para que ficasse  
O seu solido corpo mais seguro,  
E mais visto da gente que passasse.  
E para que o voraz tempo futuro  
Tão illustre memoria não tragasse,  
Memorando letreiro nelle havia  
Bem aberto ao buril, que assim dizia:

— —

Repara nesta campa, ó caminhante,  
Que solitaria as cinzas acompanha  
D'aquelle triumphador d'essa triumphante  
Roma, luzo Annibal, Marte de Hespanha;  
Se por traição da émula ignorante  
Morre, se immortalisa, e mais a acanha:  
Foi monarcha e pastor, severo grato,  
Foi raio, é cinza: foi emfim Viriato.

(*B. G. Mascarenhas*).

Este acontecimento espantoso deo grande abalo aos Romanos, em modo a ser immensamente sentido pelos homens que sabiam avaliãr o merito e o valor de um heroe, como era o grande Viriato (1). Roma em tributo de admiração e respeito, celebrou honras funebres á memoria do invicto Portuguez.

A virtuosa portugueza Ormia, sendo violada á força por um cavalleiro Romano, depois de o matar, apunhalou-se para não sobreviver á sua deshonra. (2)

Sabendo de Metello o que passava,  
E de parte o correio examinando,  
Depois que por extenso lhe contava  
Os martyrios, que estava Ormia passando,  
Uma carta que d'ella traz lhe dava;  
Abre-a, tremendo, seu signal beijando;  
Combatido de pena, e de alegria,  
Começa a ler, e vê que assim dizia:

Esposo da alma, tua esposa amada  
Posta em poder de desmaiado esposo,  
Desposada não é, é despojada  
Da honra, e do thesouro mais precioso;  
Já de todos esposa sou chamada  
De Silo, com quem Scila me desposo,  
Ladrando firme fui esposa sua  
Do corpo, sendo d'alma esposa tua.

(1) Quem se quizer profundamente instruir nos feitos estupendos do incomparavel Viriato, e na historia dos tempos antigos da nação portugueza, poderá reccorrer ao *Viriato Tragico*, escripto por Braz Garcia de Mascarenhas em 20 cantos.

(2) As mulheres Portuguezas que foram presas pelos Romanos para Castella, de noite se soltaram com o recurso dos dentes e mãos; vestidas de homens, e com armas nas mãos, atiraram-se contra os Romanos e os venceram. Depois disto, voltaram á patria para o seio dos seus e de suas familias.

O que não acabaram em muitos dias  
Requebros, retenções, regalo, e rogo,  
Acabaram com baixas vilanias  
Forças, feridas, furia, ferro, e fogo.  
Como quem joga, perde, e tem porfias,  
No jugo, jaço, julgo, juro, e jógo,  
Jógo o dado, pois dado é sem reparo,  
Pica, pena, porfio, perco, e paro.

---

Dar braços ao contrario, que aborreço,  
Que desconsolação, que grande magoa!  
Enxugar sempre os olhos, que humedeço,  
Que mar de desamar, que fonte de agoal  
Ver o que engeito, e não o que appetço,  
Que neve fria, que amorosa fragual  
Imaginar-me livre, e estar captiva  
Que doce imaginar, que pena esquivál

---

Não me posso pintar como me sinto,  
Ai nobre sentimento, ai vil mudança!  
Pinta-me lá, qual eu de cá te pinto,  
Ah pintura mortal! ah cruel lembrança!  
Considera-me neste labyrintho,  
O' Thesseo, corre, oh! vem tomar vingança;  
E se a matar-me vens, não venhas tarde,  
Que espero morrer presto, o céu te guarde.

---

Qual membro, que do páo atormentado  
Logo não deixa obrar as medicinas  
Por sangue não deitar, que está apartado  
Com a força das dores repentinas;  
Negro o golpe se vê, como pasniado  
Até que vem as lagrimas sanguinas,  
Em tanta copia, que não ha vedal-as,  
Por mais, e mais que queiram medical-as;

Tal Eurilo ficava em acabando  
De ler a carta, cujo sentimento  
Tão grande foi, que os olhos enxugando  
Em que se dava o golpe do tormento;  
Um pouco esteve como vacillando,  
Mas acudindo logo cento a cento.  
Lagrimas, que sem freio correr deixa  
Já humilde, e frenetico se queixa.

Esposa d'alma, já do corpo esposa,  
Esposa alheia, de honra despojada,  
Casta Lucrecia que Tarquinio goza,  
Helena, que um traidor levou roubada,  
De Lusitania, Grecia bellicosa,  
Carpentania será Troya abrazada,  
Soverta-se o Illião, como Gomorra,  
E morra Meneláo, ou Paris morra.

Mas que blasono, ai triste! que imagino?  
Que me resulta de ficar vingado?  
Se a honra da mulher é vidro fino,  
Que não solda, uma vez que foi quebrado!  
Quebrado está o espelho crystalino,  
Já quem n'elle se olhou, se olha afrontado,  
Roubando ao sol da Europa o touro ausonio,  
Que sem luz me deixou em capricornio.

Ditoso aquelle, que não é ditoso,  
Que grande dita é nascer sem dita;  
Porque aquelle, que sobe a venturoso,  
Nunca vive seguro da desdita.  
Sem grã dita não ha grã desditoso.  
Pois para o ser de ditas necessita;  
Toda a desdita, toda a desventura,  
Que tenho, me nasceo de ter ventura.

Nunca a tivera, nunca a Ormia vira,  
Nunca no fatal cico a defendera,  
Nunca do valle tragico sahira,  
Ali morrera então, e ella morrera:  
Que se a tão alto estado não subira,  
A tão subida afronta não descera,  
Mas posto que em a ter culpa não tive,  
Vingue-se, ou morra, quem sem honra vive.

---

Assim queixoso, assim desesperado,  
A vingar-se de Silo se prepara,  
Que delicioso, mais que acutelado,  
Sem temor goza da belleza rara.  
Contrafeito prazer, amor forçado  
Pouco se encobre, presto se declara,  
Porque amor, odio, fumo, rico, e pobre,  
São cinco cousas que ninguem encobre.

---

Pouco odio encobrio Ormia afrontada,  
Muito se contrafez em poucos dias,  
Fingindo-se de Silo namorada,  
Revestindo as tristezas de alegrias;  
A vingança em seu peito imaginada  
Vai simulando, e desmentindo espias,  
Sahe a caçar com seu libidinoso,  
E mais que a morte, aborrecido esposo.

---

Persegue a caça, finge-se perdida  
Nos bosques, apartando-se de Silo  
Por onde solitaria, se affligida,  
Desabafa em chorar o amante Eurilo,  
Depois que mostra dá de ser fugida,  
Tarde a Silo se vem por divertil-o,  
Confia-se em cuidar que muito o ama,  
Caçar a deixa, e fica-se na cama.

Volve alto dia, finge-se contente  
De fazer tanto a tempo a madrugada,  
Que já, para a sahida, obediente  
A guarda tem da porta, e para entrada  
Feito do feito o papel corrente,  
E conclusa a vingança destinada,  
Na cama prende mais que nunca odiosa  
Seu adultero lado, cariciosa.

Alta noite o recrêa, e o desvela,  
Para que não desperte amanhecendo,  
Elle se alegra, ella se acautela,  
Grã caça, e madrugada promettendo.  
De Paphia apenas a amorosa estrella  
Pelo horizonte vinha apparecendo,  
Quando da cama salta, e alto grita  
Sella, enfreia, tó perra, tó bonita.

Vigiava na alcova, em que dormia,  
Uma de cera lucida atalaia,  
E como que avival-a mais queria,  
Finge que a espevita, e a desmaia,  
Ao mal desperto Silo mal dizia  
Seu erro, porque não achava a saia:  
De malha a veste e, cauta, armas duplica,  
Finge, qué fóra vai, e dentro fica.

Donde com pronta orelha o resonante  
Silo, que apenas despertava, escuta,  
Que quando a morte está ménos distante,  
Mais longe a finge, quem desteme a luta.  
A mudos passos vira a bradamente,  
Tanto, quanto afrontada, resoluta  
Com agudo cutello á cama chega,  
E de um golpe a cabeça a Silo sega.

Com tal silencio o fez, e tanta pressa,  
Que nem do morto o golpe foi sentido,  
No coxim mette a adultera cabeça,  
Que por d'ella capaz tem prevenido.  
Outra vez a chamar os cães começa,  
E foi pelos criados respondido,  
Que já presos os tem, tude aviado,  
Porta aberta, e cavallo aparelhado.

— —

Cavalga, e parte quando a manhã chega,  
Pondo logo os monteiros em desvio,  
Solicita as esporas não socega,  
Passa de Guadarrama o porte frio,  
De Salamanca frigida Noroéga  
Vê em dous dias o soberbo rio,  
Que então corria todo lusitano,  
Se agora corre todo castelhano.

— —

Descança ali da fuga venturosa,  
Que passou, sem passar nenhum perigo;  
Vai dali a Augustobriga a famosa  
Augustobriga, que é Ciudad Rodrigo.  
A Almeida chega, patria venturosa  
Do autor moderno, 'Tito Livio antigo,  
Que foi, quanto polito, invejado,  
Em vida perseguido, em morte honrado.

— —

A Celobriga passa, hoje chamada  
Celorico o leal, pela lealdade  
Que a Sancho, o molle, n'elle foi guardada  
Quando em sua maior calamidade.  
Ladeando a serra chega á desegada  
Aufragia, que com grã celebridade  
Festeja os matrimonios consumados  
De seis semanas, inda festejados.

Não acha a Eurilo, porque já partira  
Com seis mil lanças, para Egiditania,  
Vai um correio a detel-o, e vira,  
Parte Albano a assolar a Carpentania:  
Em quanto tarda Menelão, suspira  
A nova Helena, volta de Dardania;  
O vulgo a applaude, e o louva cada hora,  
Festejam-n'a as parentas, e ella chora.

---

Quantas mais festas vê, mais penas passa,  
Que as alegrias dobram seus tormentos;  
Foge dos espectaculos da praça,  
Retira-se aos mais tristes aposentos.  
Não ha nenhum prazer, que a satisfaça;  
Por mais que as primas todos os momentos  
A querem divertir, porque advertida  
A tem a honra a dar por ella a vida.

---

Entrando vão Balaro, e Vandermilo,  
Cujas consolações não admittira,  
Acompanhando o lastimado Eurilo,  
Que a vai a abraçar, e ella o retira.  
Desculpa-se por tão honrado estilo,  
Que a todos move a piedade, e ira,  
Contando largamente o que passara  
Até o instante, em que ali chegara.

---

Só lhe calou a morte do inimigo,  
Até que o coxim negro desfechando,  
Dentre o sal, que é remate de castigo,  
Que se dá por delito memorando;  
Tira a cabeça, que inda traz consigo,  
Exemplo rigoroso a todos dando;  
E com o natural painel da morte  
Suspenso a Eurilo falla desta sorte.

Este penhor de minha castidade  
Te venho apresentar, amado esposo;  
Se esposa fui de pouca honestidade,  
Força a rendeu, que não gosto aleivoso.  
Nunca te adulterou minha vontade,  
Se adultero traidor libidinoso  
Te offendeu, me afrontou levando a palma  
Mancha é do corpo, que não toca n'alma.

---

Quiz tua boa fortuna que o matasse,  
Vingando minha afronta e teu respeito,  
Porque se póde haver quem te afrontasse,  
Não haja quem se gabe de o ter feito.  
Se imaginas que o fiz porque corasse  
Comtigo por tal feito meu defeito  
Aqui verás, que a mim propria, homicida,  
Pela honra salvar, desprezo a vida.

---

Disse, e mettendo a mão a um diamantino  
E secreto punhal, que esconde em breve  
Quatro vezes no peito alabastrino,  
De rubis matizando a branca neve,  
Que o braço varonil tão repentino  
Foi, que já quando Eurilo lh'o deteve  
Privada tinha, ó tragica agonial  
De vida a Ormia, a todos de alegria.

---

Sobem gritos ao céu, á terra descem  
Lagrimas, como quando chove e venta,  
Que de pesar as primas endoudecem,  
Matar-se Eurilo com o punhal intenta;  
Toma-lh'o Vandermilo, sem que cessem  
Os desatinos, com que se lamenta  
O' morte (disse) para que me guardas?  
Se has de vir, tarde ou cedo, porque tardas?

Ai sem vintura, pois tão pouca tenho  
Que nem morrer me deixa a desventura!  
Aonde irei? se a tal estado venho,  
Que ir-me não deixa a morte a sepultura!  
Sem falta que de magoas me mantenho,  
Pois vivo, ó vida cheia de amargura,  
Acaba já, ó morte, por que aguardas?  
Se has de vir tarde ou cedo, porque tardas?

Desmaiou-se com tanto sentimento,  
Que de todos por morto foi julgado,  
Mas, conhecendo que inda tinha alento,  
A outro quarto em braço, foi passado;  
E com grã pompa, mais geral lamento,  
Foi o sanguino corpo acompanhado  
A um soberbo sepulchro, em que o puzeram,  
E por fóra taes letras lhe escreveram.

A' Ormia Lusitana aqui te inclina,  
Peregrino, que aqui tens Timocléa,  
Dido, Camilla, Aspasia, Proserpina,  
Timyres, Thysbe, Harpalyce, Panthéa,  
Evadne, Europa, Helena, Clelia, Dina,  
Andromada, Zenobia, Pasithéa,  
Judith, Lucrecia, de Betulia, e Roma,  
Pandora em summa a palma a todas toma.

(*Mascarenhas*).

Quinto Serviliano Cepio, autor de tão infame covardia, foi coagido a fazer pazes com os Portuguezes da Numidia, que, posto que estavam sem chefe, davam-lhe grandes cuidados.

Um homem de muito merito, e que era general dos exercitos romanos, sendo desterrado para fugir das perseguições e tyrannias de Sylla, como asylo passou-se á

Hespanha, e procurou acolhimento entre os Portuguezes, e os aliciando, tomou as armas contra Roma e marchou sobre ella: este homem insigne foi Q. Sertorius, natural de Nursea. Nos primeiros annos, sob as ordens do grande Mario, combateo os Cymbrios e Teutoneos. Quando Mario e Cinna entraram em Roma, assassinando os seus inimigos, Sertorio manifestou a sua magoa por ver morrer seus compatriotas. Isto bastou, para lhe adquirir odio perpetuo.

O senado Romano, sabendo que Sertorio á frente dos Portuguezes vinha contra elle, mandou quatro exercitos, commandados, além de outros, por Pompêo e Metello, que foram desbaratados. Caminhando sempre na perseguição contra Roma, Perpena, official seu e Romano, invejoso das glorias e valor de Sertorio, em um banquete que o illustre general deo em sua casa (70 annos antes do REDEMPTOR), teve a baixeza de se conspirar contra elle, e á falsa fé mandar a Antonio, outro official assassinal-o.

Este acontecimento estranho, praticado em Evora (1), feito na pessoa de um homem respeitavel por sua idade avançada e gloriosos feitos, foi geralmente estranhado e sentido pelos soldados de Sertorio e povo Lusitano. Perpena não logrou por muito tempo o fructo da sua cubiça, por que cahindo nas mãos de Pompêo, foi por este morto.

Diz a historia que Espartaco com outros escravos rebeldes, moveram a guerra que Pompêo e Cassio haviam supprimido. Cicero sendo consul se conspira contra Lucullo e Catilina. Pompêo, alliado de Cezar, por inveja se separou; e derrotado na Pharsalia, fica Cezar se-

(1) Vêde as antiguidades de Evora por A. de Rezende, D. M. de Vasconcellos, G. Estaço, e M. S. de Faria.

nhor do Imperio Romano. Portugal por todo esse tempo soffreo o pesado jugo dos dictadores e consules de Roma, por que sem os seus famosos capitães, apenas aqui ou ali acommette a seus oppressores. C. Pisão, legado Romano, governou a Hespanha, Galiza e Portugal. Sob este tempo soffreo a Peninsula um medonho terremoto. Os Portuguezes, depois de Pisão, rebelando-se contra o pretor Q. Calidio, este os venceo.

C. Julio Cezar, entrando na Lusitania, 59 annos antes do nascimento de JESUS CHRISTO, sugeitoou os seus naturaes, e mandou por seu turno governal-a Publio Lentulo, Metello Nepos, Cicilio Dentato, Cicilio Metello Nepos. Por este tempo são mortos na Africa Sipião, Catão, e o rei Juba, emulo de Cezar, que depois foi morto por Bruto e Cassio, 44 annos antes de JESUS CHRISTO.

Quando Augusto, já feito Imperador, veio á Hespanha, os Portuguezes não lhe quizeram obedecer, porém reduzindo-os por meio de affagos, conseguiu fazer da Hespanha e de Portugal provincia Romana, introduzindo logo ahi os costumes, leis, ritos, colonias e linguagem Romana. Só ficou, affirma a historia, a lingua vasquense nas provincias Vascongadas, onde Biscáio Octavio começou a governar como Imperador, e morreu 13 annos depois da vinda de JESUS CHRISTO.

Octaviano, dous annos antes de JESUS CHRISTO, dividio a Lusitania em quatro comarcas, ou chancellarias, que foram Merida, Béja, Santarem e Braga. Affirma-se que os Portuguezes adoravam a Octavio, e lhe erigiram templos a ser reverenciado, como fosse em Lisboa, Evora, Mertola e Santarém.

Octavio, ou antes Augusto, comprehendendo estar a felicidade desses povos na paz, julgou conveniente sustental-a e garantil-a, e assim os manteve em quanto viveo.

### **Estado de Portugal até a entrada dos Godos.**

Sujeita ao imperio Romano a Peninsula, diz um compillador, e como provincias suas a Hespanha e a Lusitania, e sendo governadas por Pretores ou Consules, subindo ao throno Constantino o Grande, e indo a combater Maxencio, um dos seus inimigos, viu uma cruz no céo, com esta inscripção — *ER TOUTRO VIXA* — *in hoc signo vinces*: esta visão o fez converter ao christianismo, e alcançar uma facil victoria. Constantino, assim compenetrado, cuidou em favorecer o christianismo e a defendello por toda a parte; instituiu na Lusitania um vigario, sujeito ao prefeito do Pretorio, que então residia em França.

De então começou o governo dos Condes em Portugal (1). Havia, diz a historia, no entanto alguns regulos ou reis sujeitos ao imperio. Depois de Augusto governaram Portugal: Tiberio, que entrou para o poder 14 annos depois da vinda de JESUS CHRISTO, e governou 22 e meio. Era este homem de pessimas qualidades, sendo cruel, vingativo, desconfiado, e assassino de seu sobrinho. Caligula, filho do Germanico, cruel incestuoso deshonrando suas irmãs, deu a dignidade de consul a seu cavallo; amou a Herodes estando preso em Roma, e com a liberdade deu-lhe uma cadeia de ouro e o reino da Galiléa. Reinou 3 annos e 10 mezes, e 41 depois de JESUS CHRISTO.

Entrou, diz a historia a luz do Evangelho em Portugal, trazida pelo Apostolo Santo Iago Maior, que fundou a Igreja primaz de Braga, com o titulo de Santa Maria Virgem Mãi de Deos. Deixou a S. Pedro Rates por seu primeiro bispo, e a Torquato por bispo de Citanea, junto do rio Ave, entre Braga e Guimarães.

(1) O titulo de Conde se derivou de — Cometes — segundo afirma Manoel Severino de Faria (Noticias de Portugal).

Claudio, tio e successor de Caligula, imprudente, dominado por seus escravos, deixou casar publicamente sua mulher com Silio; adoptou a Nero filho de Agrippina, sua segunda mulher, em prejuizo de Britanico, seu proprio filho. Reinou 13 annos depois da vinda de JESUS CHR S-TO. 54.

Foi por esses tempos que entraram na Lusitania os discipulos do Apostolo Santo Iago já martyr, cujo corpo traziam de Jerusalem, levaram-n'o para o padrão da Galiléa, e ao depois para Compostella. Os habitantes de Matosinhos junto ao Porto, se convertem á fé christã. S. Pedro, tendo sua cadeira em Roma, veio a Portugal confirmar a fé, bem como S. Paulo prega na Lusitania, onde grangeou discipulos. S. Mansos fundou a Igreja de Evora.

Nero, imperador, monstro de crueldades e torpezas, governou a Lusitania, e perseguio barbaramente os christãos consentindo no martyrio de Suzana, Torquato, Victor e Silvestre bispo. Fez morrer em Roma os Apostolos S. Pedro e S. Paulo, abrindo caminho á primeira perseguição de sangue aos fieis de JESUS CHRISTO. O reinado desse monstro, que a nada respeitou, durou 14 annos (e 69 da era vulgar).

Galba, velho, que foi 7 mezes imperador, subindo ao throno por suas virtudes, foi odioso quando imperador, e morto pelos soldados.

Otho, favorito de Nero, não conseguindo de Galba, adoptal-o por seu successor, intriga-o horriavelmente com os soldados, o faz assassinar, e se fez imperador. Por sua morte assume o governo de Roma Vitelio, imperador torpissimo, e matador como Nero de sua mãe, o qual por suas crueldades e abominações foi lançado no Tibre. Vespasiano, descendente de familia obscura, tomando conta do governo com seu filho Tito, destroem a cidade e tem-

plo de Jerusalem, e perseguem os Judeos. Foi este homem o primeiro imperador Romano, que acabou de morte natural. Era virtuoso, sabio e liberal com os homens de letras. Seu filho Tito succedeu-lhe (79 annos depois de JESUS CHRISTO) no governo, e se constituiu as delicias do povo Romano; morreu com gloria 81 annos depois de JESUS CHRISTO. Domiciano, irmão de Tito, porém differente em tudo, foi cruel, barbaro, e impudico; em vez de cuidar do bem publico, voltou os seus cuidados em perseguir aos christãos. Por sua morte (96 annos depois de JESUS CHRISTO), Nerva governou um anno sómente, porém com prudencia e valor: succedeo-lhe Trajano, Hespanhol, que por suas virtudes Nerva publicamente o adoptou por filho. Essas virtudes que o elevaram ao cargo de imperador, se mudaram completamente pelos appetites e excesso do vinho. Perseguiu aos christãos, e ao mesmo tempo aos judeos. Mandou em Portugal levantar sobre o Tejo a ponte de Alcantara; concluiu a de Chaves, começada por Vespasiano Luso Lusitano; reprimio o excesso dos judeos em Cirena e outras partes do Levante. A cidade de Lamego foi destruida, por se haver rebellado contra as insolencias do ministro Romano, que a governava. Por morte de Trajano (117 annos depois de JESUS CHRISTO), Adriano, que em combate matou 500,000 judeos, e perseguiu a igreja, mandou fazer em Portugal inscrições em differentes edificios, em que revelassem a sua memoria á posteridade. Governou 20 annos, e falleceo aos 138 da éra christã. Antonino succedeo a Adriano, e ao depois succedendo a aquelle Marco Aurelio, perseguiu aos christãos e deo occasião a que os Mouros invadissem Portugal, e entrassem a fazer hostilidades; porém o Portuguez Lucio Quintilio Galião, á frente dos seus naturaes os desbaratou completamente.

Marco Aurelio governo 19 annos, e lhe succedeo no anno de 180 Vero, homem perverso, incestuoso, com a irmã e sogra, que persistio contra os christãos. Succedeo a Vero, Commodo, que foi impio, cruel, ingrato, furioso, incestuoso, e abominavel por suas torpezas, morto de veneno: a este succedeu Pertinax, morto pelos soldados; ao depois Juliano, morto por Severo seu successor, tendo apenas 2 mezes de governo. Severo, inimigo dos christãos, depois de muitas desordens, reinou 17 annos, succedendo-lhe Caracala, assassino de seu irmão, mesmo no seio materno, foi deshumano e traidor. Macrino, cruel, aborrecido de todos, e assassino de Caracala, reinou 1 anno, foi morto por Helipgabalo, que lhe succedeo no throno. Este monstro de crueldades e torpezas, luxurioso, voraz, raivoso, foi morto e arrastado pelas ruas de Roma, e lançado no Tibre, 222 annos depois de JESUS CHRISTO.

Alexandre Severo, que era homem douto e amigo dos sabios, modesto e grande capitão, governou bem o imperio; convencido da verdade do christianismo adorou a imagem de JESUS CHRISTO. A Alexandre Severo, succedeo Maximino, monstro de crueldades, vicioso e voraz: conta a historia que este imperador comia cada dia 64 libras de carne, e bebia 24 copos de vinho. O senado romano, conspirando-se contra elle, elegeo Popieno, que governou 1 anno. Os dous Gordianos, e Balbino governaram bem. Philippe Arabe reinou 5 annos, e protegeo aos christãos. Decio, assassino de Philippe pai e filho, foi imperador cruel. A perseguição que moveo aos christãos foi por toda a parte, porém não o temeram os bispos portuguezes. Em seu reinado Portugal foi invadido por Allemães, que queimaram tudo o que não poderam roubar. Decio governou 30 mezes e acabou afogado em uma lagôa. Gallo, igualmente cruel e sanguinario, commetteo crimes horro-

sos, e para expiar suas culpas, foi prisioneiro de Sapor, rei na Persia, que delle se servia como degráo para montar a cavallo, e ainda vivo, lhe mandou (260 annos depois de **JESUS CHRISTO**) tirar a pelle. Caro, apesar de prudente e valoroso, reinou pouco tempo. Cariano, fez consistir o seu governo na morte de muitos innocentes: casou-se nove vezes, e reinou 2 annos. Numeriano foi brando e honesto; o seu governo foi de 1 anno. Diocleciano Augusto, depois de perseguir aos christãos, mandou á Hespanha e á Portugal, fataes decretos contra os christãos, e entre as innumeraveis victimas foram a virgem portugueza Santa Engracia, S. Vicente, S. Verissimo, e as Santas Sabina, Christela, Maxima e Julia.

Maximiano Armeular, não foi menos cruel que seu sogro Diocleciano. Constantino Chloro não teve a mesma conducta, quo os precedentes; amigo do povo, alliviou-o dos tributos, casou com a imperatriz Santa Helena, de quem teve a Constantino Magno, que succedeo a seu pai, e protegeo a Igreja; edificou muitos templos em Roma, e a cidade de Constantinopla; deixou Roma para domicilio dos papas; fez juntar Concilios em Toledo, onde se dividiram as Igrejas e metropoles da Lusitania e da Hespanha, e deixou o throno em 337.

Constantino Segundo, reinou na Lusitania, na Hespanha e França, e sendo morto tres annos depois por seu irmão Constante, que já reinava em Roma, este promoveo o incremento de Portugal. Constante, foi assassinado (anno 350 de **JESUS CHRISTO**) por Maxencio, que tambem desesperado suicidou-se. A Constancio Segundo, que succedeo a seus irmãos, substituiu Juliano Apóstata, blasfemo, que perseguio ao christianismo. O reinado de Joviniano, foi apenas de sete mezes e 22 dias: e o do impio Valente, foi até o anno 378 em que os Godos o

venceram e o queimaram. Adriano, herege, havia introduzido a sua doutrina nos Godos. Foi por esse tempo que S. Damaso, poeta insigne Portuguez, natural de Guimarães, diocese de Braga, sentou-se, por mais de 17 annos, na cadeira de S. Pedro, desde o anno 367 até 385.

Graciano, apesar de virtuoso, foi morto por Maximo, que lhe usurpou uma parte do imperio. Valentiniano foi afogado em uma lagôa. A Valentiniano succedeo no governo de Roma Theodorio o Grande, que dizem era Portuguez, nascido entre Braga e Valença do Minho; protegeo o christianismo, e foi implacavel inimigó dos Godos. O autor do Diccionario Historico accusa-o de varias crueldades, e affirma que por sua ordem foram mortos, em Thesalonica, no espaço de tres horas, seis mil pessoas sem attenção de idade, sexo, etc.; e que Santo Ambrozio o obrigou a fazer penitencias publicas para espição dos seus peccados.

No reinado de Honorio (423 de Jesus Christo) os barbaros Septentrionaes de Allemanha, Vandalos, Suevos, Alanos, Silingos, incitados por Stelicon, aio e sogro de Honorio, que pretendia o imperio para seu filho Encherio, invadiram e saquearam Roma. Os Vandalos e Silingos, com seu rei Gunderico occuparam Andaluzia, chamada por elles Vandaluzia. Na Lusitania e Gallia, se estabeleceram Alanos e Suevos, com os reis Hermenerico e Resplandiano, sujeitos á Roma, que depois foram deixando e se tornaram independentes. Constancio, capitão de Honorio, por elle chamado imperador, foi um perseguidor de barbaros, porém não governou o imperio senão em vida de Constancio. Valentiniano, terceiro, filho de Constancio, sendo aos sete annos eleito imperador, sob a tutoria de Placida sua mãe, era homem inhabil

para o governo, no entanto governou o imperio até 455 da era christã.

Quasi a extinguir-se o dominio dos imperadores Romanos, quer no occidente, e quer no oriente, pelas continuadas invasões dos barbaros, foi tomando conta Augustulo do governo do imperio Romano, sendo deposto por Odoacro, que se fez proclamar rei de Italia a 23 de agosto de 476, pondo fim o titulo de imperio á Roma e libertando do seu jugo Portugal e a Hespanha.

---

### **Portugal dominado pelos Suevos.**

O imperio Romano, victima da corrupção e dos vicios desaparecendo de todo, e invadido por barbaros, perdeu tudo o que possuia, e a Lusitania que então era provincia Romana, experimentou a mesma sorte. Conta-se que invadida a Lusitania, se apossou do seu dominio o rei Hermenerico, Suevo, e ao depois Rechila que a governou por sete annos, 448, depois da vinda do Senhor.

Com a morte de Rechila seu filho Recriario, herege Ariano, casou com a filha de Theodorico rei Godo, de França, e foi reduzido á fé por Balconio, arcebispo de Braga. Seus inimigos mataram-no degolado na cidade do Porto. Com a morte deste principe foi eleito Masdra em Braga pelos bispos e nobreza. Succedeo-lhe seu filho Remismundo, a quem Theodorico prendeo e captivou, a fim de poder introduzir em Braga e na Gallisa o Arianismo.

Depois reinaram Hermenerico, Rechila II, Recriario II, que foi reduzido á Fé Catholica por S. Martinho.

Ariamiro, Mero, Eborico Audeca, que foi obrigado a deixar o governo constrangido por Leovigildo, rei dos Godos, e deste modo reunida a Lusitania, unida a Hes-

panha, assim se conservou até a fundação da nova monarchia.

---

**Portugal sob o dominio dos Godos da Hespanha.**

Copiando nós os factos, segundo a ordem dos tempos, diz a historia :

Atanarezo no imperio de Honorio teve suprema autoridade entre os Godos na Hespanha. Dão-lhe 23 annos de governo, sem nota de tempo: talvez fosse em 410.

Alarico, Hungaro, a quem Honorio cedeo as Gallias, e Hespanha pelos annos de 408, tambem sem nota de tempo, lhe contam 23 annos de governo, se bem que logo sahio de Hespanha.

Ataulfo, primeiro rei dos Visogodos em Hespanha, começou a governar, no anno de 411. Era sobrinho de Alarico: casou com Galla Placidia, irmã do imperador Honorio, e por conseguinte Portugueza, neta do imperador Theodosio. Por ser pacifico, e não querer guerras, de que os soldados tinham lucro nos despojos, o mataram, e aos filhos. Reinou quatro annos.

Por industria de Stelicon estava a Italia invadida dos Godos, a França dos Borgundos, a Hespanha dos Visogodos e Vandalos, os Alanos e Godos occupavam Catalunha, dita God Alana. Em Ataulfo começou propriamente a monarchia de Hespanha, depois feita paz com Honorio imperador. A dos Francezes começou em Farramundo seu primeiro rei, oriundo da Germania ou Allemanha. Foram estabelecidas no anno de 402 as leis Salicas, que excluem as mulheres e os sacerdotes de succeder na corôa.

Seguiu-se depois o rei Clodio, cabelludo, vencido pelos

**Romanos**, conservado entre os Gallos ou Francezes. **Morovêo** seu successor, do qual se dizem **Morovinos** os reis de França da primeira familia, pelejou no anno de 448 contra **Atila** rei de Hunos, chamado o flagello de Deos, e o venceu.

**Forgo**, rei da Escossia, illustra sua nação. Os Inglezes **Saxões** se apoderam da Gram-Bretanha em 440, fazendo ali sete reinos pequenos, que padeceram muitas alterações. **S. Leão Magno**, papa, detem **Atila**, para que não arruine a Italia: donde fogem alguns visinhos a Padua, a refugiar-se nas Ilhas, em que fundam a cidade de **Veneza**, que vêm a ser a capital da republica.

**Sigerico**, filho de **Ataulfo**, foi assassinado ao oitavo dia de seu reinado, por ter feito pazes com os Romanos.

**Valia** ou **Walia**, amigo da paz, fez guerra aos Romanos e os venceu, como aos Alanos, Suevos e Vandalos. Reinou tres annos até 419.

**Theodorico** ou **Theodoredo**, ou **Redrigo**, parente do predecessor, governou 32 annos, desde que foi eleito, era electiva a corôa, ainda que com attenção ao sangue, até 451, em que foi morto na batalha contra os Romanos nos campos **Catalaunicos**.

**Turismundo**, filho **Theodorico**, foi morto pelo irmão e successor, no anno de 452.

**Theodorico Segundo**, matou a **Reciario**, rei dos Suevos, em Braga, aonde fez grandes hostilidades, desterrou os bispos, perseguio a Igreja; era herege **Ariano**. Reinou 14 annos até o de 466, em que tambem foi morto por outro fraticida, irmão e successor seu.

**Eurico**, ou **Eoric**, ou **Evarico**, occupa Toledo, estende as conquistas á França; continua a perseguição da Igreja,

em que muitos martyres derramam o sangue. Governa 17 annos até 483, em que foi morto em Arles de França. Dividia-se a Hespanha em tres soberanos; parte da Lusitania, e Galiza obedecia aos reis Suevos; Betica e Cataluna era dos Godos, ou Visogodos; Carthagená, Carpentana, parte da Lusitania tinha nome de provincia Romana, já quasi desmembrada.

Clodoveo, rei de França, instado por St. Clotides, sua esposa, se fez Christão em 481, venceo os Allemães, o rei de Borgonha, e matou Alarico rei Ariano. Antes de Clodoveo foi o rei Childerico lançado do throno por suas desordens, e restituído o que era filho de Moroveo.

As forças do imperio, dissipadas em tempo de Valentino III, Augustulo perdeo os restos do Occidente, morto por Odoacro rei dos Herulos, a quem venceo Theodorico.

Alarico, segundo filho de Eurico, governou 23 annos até 506, em que foi morto junto á Carcazona por Clodoveo, rei de França. Não perseguio a igreja.

Genselarico ou Gesalico, filho não legitimo de Alarico, aclamado pelos Godos na menor idade de Amalarico, morreo de melancolia (anno de 510) com quatro annos de governo. Theodorico, rei de Italia, governou Hespanha, ou fosse em seu nome, ou do neto, por 15 annos até 526.

Amalarico casou com Clotilde, ou Crotildes, filha de S. Crotildes, rainha de França, e do rei Clodoveo. Persequio a mulher por ser Catholica; mas os cunhados em vingança o mataram, tendo reinado cinco annos, em 531.

Amalasnita, acha-se mencionado em varios mappas e chronologias como soberano, sem declaração de suas acções, nem do tempo que governou.

Theudo, ou Theudis, tutor de Amalarico, extinguiu

de todo o dominio dos Romanos em Hespanha, venceu os Francezes: foi morto em seu palacio por certo homem que se fingia louco, (anno de 548) tendo reinado 17.

Theudiselo, Ariano, filho de uma irmã de Totila, rei dos Ostrogodos, por isso, estrangeiro, cruel, torpe, furioso, sem perdoar a casada, nem donzella. Os seus cansados de tantas insolencias o mataram em Sevilha em um banquete, anno de 549.

Agila, eleito pelos grandes, herege, perseguio os fieis, fez estrebearia na igreja de S. Acisclo. Os Cordovezes o venceram: muitos dos seus se rebellaram; o successor Athanagildo o matou com cinco annos de governo no de 554.

No Oriente era Justino (anno de 518) imperador; e logo Justiniano, autor do corpo de direito civil. Seu general Belizario venceu os Persas, os Vandalos, os Godos, cabio em desgraça do Soberano. Narses, Eunuco, foi deposto por Sofia, mulher de Justino II imperador; vindo Longino com nome de Exarco governar Ravena, e parte de Italia: mas os Longobardos a foram dominando, talvez chamados Narses. Tiberio II adoptado em 578 por Justino, reinou com acerto.

Em França reinava Clotario, em 558, em Soissons, Clodomiro era rei de Orleans, Gildeberto de Paris, Thierry de Austrazia, dividido o reino de seu pai Clodoveo. Reunido em Clotario, se dividio nos filhos, reinando Sigiberto em Metes, Gontramno em Orleans, Chereberto em Paris, Childerico em Soissões, a quem se seguiu Clotario II em 584.

Athanagildo, capitão rebellado, se fez rei dos Godos em Hespanha por 14 annos, sem perseguir a igreja. Em seu tempo os reis de Braga deixaram o Arianismo, convér-

tidos por S. Martinho, que depois foi bispo de Dume, e arcebispo primaz de Braga.

Liuva reinou um anno ; largou o reino ao successor em 568, e se retirou a terras que tinha em França.

Leovigildo, irmão de Liuva, quiz fosse o reino hereditario, ainda que alguns successores foram por eleição. Tomou Braga, desterrou os bispos, matou o filho S. Hermenegildo, pelo odio que teve aos catholicos. Morreo no anno de 586.

Recaredo imitou ao irmão martyr, não ao pai, predecessor herege, deo paz á igreja, dirigido pelos tios Santos Leandro, Fulgencio, Isidoro Doutor, Celebrados muitos Concilios, com 15 annos de governo, morreo em 601.

Liuva II, filho de Recaredo, alguns dizem ser bastardo, mas pio, catholico, reinou dous annos. Foi assassinado e morto pelo successor, em 603, tendo 20 annos de idade.

Victorico, usurpador, herege Arriano, reinou seis annos, aborrecido por seus vicios : em Toledo o mataram (anno de 610) arrastado o cadaver pelas ruas publicas.

Gundemaro, defensor da immuniidade Ecclesiastica, fez florecer a religião : venceo os de Navarra. No Concilio de Toledo se pertendeo o primado para esta igreja. Morreo em 612.

Sizebuto não consentio judeos em Hespanha sem se baptisarem, motivos de muitos fugirem á França. Acabou de lançar fóra de Portugal os Romanos, que ainda mandavam seus ministros ao Algarve. Fortalleceo a cidade de Evora : fundou em Toledo a igreja de Santa Leocadia. Governou oito annos e meio. Morreo no de 621.

Recaredo II só viveo tres mezes depois do pai predecessor, e tinha de idade tres annos.

Suintila, filho segundo do primeiro Recaredo, pai dos pobres, triumpho nas guerras, destroe os imperiaes, su-

jeita todo Portugal ao dominio Gotico. Na paz se faz odioso pelos vicios e crueldades. O Concilio quatro Toletano, em que estava S. Isidoro, o excommungou com sua mulher e filhos. Os Visogodos o privaram do reino (anno de 631) tendo reinado 10 annos.

Sizenando invade, e occupa o reino com ajuda de Dagoberto rei de França, a quem deo dez pesos de ouro tão grandes, que bastaram para acabar o grande templo de S. Dionizio em Paris. Promoveo a paz e justiça. Assis-tio de joelhos com lagrimas ao Concilio de Toledo. Os grandes e bispos elegiam os reis. Governou quatro annos até o de 636.

Chintila, ou Suintila, eleito rei por votos uniformes da nobreza, e bispos, reconhecido no quinto e sexto Concilio Toletano, aonde fez juramento de não permittir militar, ou viver em seu reino de Hespanha algum que não fosse catholico; por isso lhe deo o papa Honorio o titulo de rei catholico. Desejava fazer a corôa hereditaria. Tres annos governou, morreo no de 640.

Dagoberto filho de Clotario rei de França, morreo no anno de 638. Cujos filhos reinaram, Sigiberto na Austrazia e Metes, Clodoveo em Neustria e Paris. Grimaldo quiz usurpar o reino, e foi preso. Houve muitas guerras entre estes reis; alguns foram incontinentes, deixadas suas mulheres por concubinas; Clotario III se deixou todo governar pelo mordomo do palacio, como fizeram outros monarchas. Thierry governou em Paris: mas encerrado pelos vassallos, foi tomado para rei Childerico, o qual morto tornou a reinar Thierry. Pipino governou a este rei, e aos successores Clodoveo III e Childeberto II.

No Oriente o imperador Mauricio deixou perder os soldados captivos na Persia, por não os resgatar. Foi morto com seus filhos por Focas, que morreo ás mãos de Hera-

clio; como Cosroas rei da Persia, acabou ás mãos do filho Siroes, restituída a Cruz, que vencidos os Persas, Heraclio levou em triumpho a Jerusalem.

Mafoma, Arabe, começa sua Egira, fuga á Medina, anno 622. Compõe o Alcorão, Seita; os successores deste falso profeta se dizem Califas Omar, Califa, conquista a Persia. Sua seita se dilata pela Africa e Asia. São celebres as seitas de Ali, que seguem os Persas, e outras de Turcos e Mouros.

Malduino rei da Escocia, é afogado pela mulher, a quem os complices queimam no dia seguinte.

Martinha faz coroar em Constantinopla por imperador ao filho Heraclião, que matou seu irmão Constantino, predecessor (anno de 641), filho de Heraclio; mas cortado o nariz a Heraclião, foi desterrado com a mãe, ficando no governo Constante, filho de Constantino, fautor dos hereges, ao qual mataram em um banho. Seu filho e successor Constantino Pogonato foi optimo principe, Justiniano II, imperador cruel, teve o nariz e orelhas cortados por Leoncio. Succedeu-lhe no governo Tiberio II.

Tulga, pai dos pobres, rei cheio de zelo e piedade, morreu em Toledo, com geral sentimento, tendo reinado dous annos em 642.

Chindasvinto ou Sindasvinte, sendo general se elegeo a si, e fez eleger o filho successor. Governou bem, unindo a justiça á suavidade: juntou Concilio em Toledo; fundou o mosteiro de S. Romão, aonde se enterrou; governou seis annos até 649.

Recesvindo, optimo principe, reinou em paz 23 annos, até 672.

Bamba ou Vamba, de nobre sangue, que veio assistir na Idanha em Portugal, applicado á cultura da fazenda ahí veio a nobreza de Toledo. e custou mnito a persuadil-o que

aceitasse a eleição, e segundo os desejos de todos, tomasse o governo das Hespanhas. Não podendo mais resistir á sua milagrosa eleição, e força que lhe faziam, se coroou rei em Toledo. Triumphou dos inimigos em muitas batalhas; destroçou uma poderosa armada de Sarracenos. Melhorou as leis e costumes. Seu successor lhe deu veneno, de cujo accidente estando meio morto, tanto que escapou, não quiz largar o habito, ficou no mosteiro em penitencia, tendo reinado oito annos em 680, morreu d'ahi a sete annos.

Ervigio, maquinada a traição a Vamba, subio ao throno, que esteve sete annos e deixou ao filho Egica. Governou optimamente. Em seu tempo se celebrou o Concilio 14 Toletanos. Morreu em 687.

Egica governou 14 annos até 701; vio celebrar os Concilios Toletanos 15, 16, e 17, obrigou os nobres lhe jurassem fidelidade: dividio o reino, dando ao successor Portugal e Galliza; ficou com o restante de Hespanha.

Vitiza, tanto que subio ao throno estabeleceu a côrte em Braga; entregue a todo genero de vicios e crueldade, fez tirar os olhos ao irmão Theodofredo, pai do rei D. Rodrigo. Concedeu aos sacerdotes casarem; e aos homens terem muitas mulheres; prohibio recorrer ao Papa, feito scismatico, torpissimo; mandou arrazar as fortalezas, com outros des-temperos. Morreo em Toledo, aborrecido por todos, em 711, com dez annos de governo.

Costa ou Acósta. Acho-se, (diz D. J. de Azevedo), este principe nos mappas dos reis de Hespanha, com dous annos de governo. talvez no tempo do precedente, ou do seguinte, de quem era irmão.

D. Rodrigo, entregue ao appetite, victima triste de seu delicto, Julião, conde, pai de Cava Florinda, a quem o rei forçara, chamou de Africa os Mouros. Perde o rei a batalha de Xeres no rio Guadalete, aonde se achou seu cavallo,

manto, corôa, e botas. Fugio penitente com um monge a Portugal, feito eremita no monte de S. Bartholomeu justo á Pederneira. Foi morrer a Visco, aonde se mostra seu tumulo. Este ultimo dos reis Godos, reinou tres annos; perdeu a corôa em 714, em que os Mouros ficaram senhores de Portugal, e de toda a Hespanha.

Havia-se formado a republica de Veneza desde o anno de 700. Justiniano II volta ao imperio com seus vicios. Filippico Bardano o mata, e é morto. Anastacio quiz castigar os soldados e rebellados, e se fez monge em 713. Theodosio tambem deixou logo a corôa do Imperio Oriental. Leão Izaurico herege Iconoclasta, foi imperador 23 annos até o de 741, mandando queimar as Sagradas Imagens.

Dagoberto II reinou em França desde 711, tendo por elle o mando Carlos Martello filho de Pipino. O mesmo Carlos tirou do reino a Chilperico, substituiu a Clotario IV, e logo outra vez fez rei a Chilperico, e depois a Thierry II. Chilperico III foi governado por Pipino e Carloman, filhos de Carlos Martello. Obrigadô Chilperico a entrar em um mosteiro, tomou a corôa Pipino, primeiro rei do segundo tronco, ou familia; anno de 752. Foi duas vezes á Italia ajudar ao Papa, e lhe fez restituir o que os Longobardos haviam usurpado. Os descendentes de Pipino se disseram Carlovinos de seu filho o imperador Carlos Magno.

Bellazin, vem nos mappas sem nota de tempo; seria talvez algum celebre capitão.

Acabat, vem nos mappas; talvez fosse general.

D. Paio, ou Pelagio, filho de Favila, neto do rei Chindasvinto, de um canto das Astuas faz volver a Hespanha de seu desmaio. Com os favores do céo, (continúa Azevedo) que recebeo de N. S. em Govadonga; venceo muitas vezes aos Mouros, fez a corôa hereditaria, ainda que alguns successores foram eleitos. Reinou em Oviedo, Leão e As-

turias, renovada a monarchia catholica em Hespanha que governou desde 717 até 736 vencendo sempre nas batalhas aos inimigos da igreja.

D. Favila, filho de D. Paio, reinou dous annos, morreu na caça, por um urso; anno de 738.

D. Affonso, catholico, descendente dos reis Recaredo e Leovigildo, casado com Hermezinha, irmã do precedente, foi o primeiro rei de Leão, que dominou Portugal, e neste reino conquistou terras aos Mouros. Reinou 19 annos; fundou e dotou muitas igrejas; morreu no anno de 757.

D. Froila filho do precedente, venceu os Mouros em Galiza e no Minho: conquistou em Portugal, Beja, Setubal e outras praças. Em seu tempo trouxeram os christãos o corpo de S. Vicente para o Algarve, ficando com seu nome o promontorio Sacro. Deslustrou Froila suas acções heroicas com dar morte a seu irmão Vimarano, por inveja de ser bemquisto. Seus vassallos o mataram no anno de 768 tendo reinado 11 annos.

D. Aurelia serenou com prudencia o tumulto dos escravos levantados contra seus senhores. Era irmão do rei Froila, e o matou para lhe usurpar o throno. Foi vergonhosa a paz que fez com os Mouros, obrigando-se a dar cada anno o tributo de cem donzellas christãs; reinou seis annos até o de 774.

D. Silo, casado com Adozinda, filha do rei D. Affonso, catholico, incapaz do governo, posto que bom. Teve paz com os Mouros; venceu na guerra os Gallegos; reinou nove annos até 783.

D. Mauregato, filho natural de D. Affonso, catholico: cinco annos teve a corôa usurpada com favor dos Mouros, aos quaes dava cada anno 100 donzellas; reinou no anno de 789.

D. Bermudo, primo do rei D. Froila, sendo Diacono á instancia dos grandes teve o reino tres annos, e o restituiu ao successor, negando aos Mouros o tributo das donzellas. Entrou monge no mosteiro de Sahagum em 791 e viveo muitos annos depois.

D. Affonso II, o Casto, sobrinho do precedente, e filho do rei Froila, illustre em victorias contra os Mouros, aos quaes negou o tributo das donzellas. Recuperou Lisboa por assalto; tomou aos Mouros as cidades de Lamego, Viseo, Coimbra e Braga. Fundou o condado de Castella. Erigio e dotou muitas igrejas. Em seu tempo se descobrio o corpo de Santo Iago, em Compostella de Galiza. Quiz dar o reino a Carlos Magno, cujo exercito desbaratarem em Roncesvalhes os Hespanhoes, desaprovando o intento de união com a França; reinou 51 annos, e se contarmos desde a morte do pai em 768 que lhe pertencia o reino, são 74 annos, até sua morte em 842.

Roma havia reconhecido por soberano, no temporal, ao Papa, sacudindo o jugo do imperio. S. Leão III papa corôou em Roma, anno de 800, ao imperador Carlos Magno, rei de França, Italia, e Allemanha, que venceu a Desiderio, ultimo rei dos Longobardos. Seguiram-se muitos reis de França, imperadores de Allemanha. Luiz Pio, deposto pelo imperio, pelos filhos se restabelece. Carlos Calvo, com o irmão Luiz Germanico venceu ao irmão Lotario, imperador.

Luiz Tartamudo, e Carlos Gordo, reinaram em 877. Luiz III, e Carloman reinaram juntos, estando no berço Carlos Simples. Carlos Gordo, se retirou á Allemanha, eleito Eudès rei de França em 888, tronco da terceira familia. Entrou no governo Carlos Simples, e por suas desordens foi mettido em Perona em uma torre.

Em Allemanha depois de Carlos Magno foram imperadores Luiz Pio, Lotario, Luiz II, que se fez monge, tendo

livrado Italia dos Sarracenos; Carlos Calvo, Carlos Gordo. Arnaldo Bestardo de Carloman, e Luiz III em 890.

No Oriente foi o imperador de Constantinopla Constantino Copronimo, deposto do throno, com seu filho Leão IV. Irene restitue o culto das Sagradas Imagens, e lançada fóra do governo, por seu filho Constantino, volta ao throno e lhe faz tirar os olhos. Nicefero, imperador, é morto pelo rei dos Bulgaros, que venceu ao piedoso imperador Miguel Curopalata (anno de 813). Leão Ermeno, é morto na igreja por Miguel Tartamundo, cujo filho Theofilo, ainda que inimigo das imagens, se fez estimar do povo. Seu filho Miguel III, comediante, desobediente á Santa mãe Theodora, foi morto por Basilio Macedonio, a quem queria matar, tendo-o feito socio do imperio. Leão VI, o Sabio, casou quatro vezes; foi optimo príncipe.

Começa em 888 o reino de Borgonha, por Rodolfo filho do Conde de Paris. O de Arles em Boisson, unidos ambos depois á Allemanha e França. Os duque e condes pela negligencia dos reis se fazem soberanos. Barcelona se erige em condado. Navarra elege rei Eneco Arista. Formam-se os estados de Leão e Castella. Os sete reinos de Inglaterra se unem.

D. Ramiro filho de Bermudo, mandou tirar os olhos á Nepociano conde das Asturias, que se levantou contra elle. Feito voto a Santo Iago, é visto o apostolo na batalha de Clavijo, junto a Logrono, mortos setenta mil Mouros. Ganhou aos Mouros o Porto, Lamego, Viseo, Coimbra, que elles haviam outra vez tomado, e Monte-Mór, o velho, aonde fez governador seu tio o abbade João. Este, degolladas as mulheres por não serem presas dos Mouros, os destroçou até Seiça, aonde alcançada a victoria, por invocarem a Mãe de Deos, voltando acharam

vivas as mulheres e meninos. Morreo no anno de 850 tendo reinado sete annos e oito mezes.

D. Ordonho, filho e successor de Ramiro, serenou a rebellião dos Vascões, venceu ao arrenegado Musa, em quem os Mouros se fiavam. Em Portugal ganhou Santarem, Leiria, e outras terras, que depois tornaram a poder de Mouros. Fez expôr Ataulfo, bispo, ao touro bravo, que o não tocou, e conhecido sua indolencia lhe pediu perdão. Morreo de gotta no anno de 866 com 16 de governo.

D. Affonso III, o Magno, pelas grandes victorias, que alcançou dos Mouros, pelos sumptuosos templos que edificou, esmolas que deo. Contra elle se rebellaram os dous filhos que lhe succederam. Reedificou as cidades de Braga, Porto, Viseu, Chaves em Portugal, que estavam arruinadas. Para socegar os filhos deo a Garcia Leão Oviedo e Castella, a Ordonho Portugal e Galiza, ficando só com a espada vencedora contra os Mouros, reinou 44 annos até 910.

D. Garcia triumphou dos Mouros em Talavera, governou 3 annos até 913.

D. Ordonho II, aclamado depois de morrer o irmão, pelos bispos e grandes do reino. Tomou Béja a mais guarnecida praça dos Mouros, matou todos os que a guarneciam. O rei Mouro de Merida lhe deo vassalagem. Os condes de Castella, grandes do paiz se fazem celebres: o rei delles temeo traição, fez vir quatro a Tajares e os matou. Governou 9 annos e meio até 923.

D. Froila, irmão dos precedentes, cruel, matou muitos feis vassallos. Morreo de lepra com um anno de governo em 924.

D. Affonso IV, monge, filho de D. Ordonho II, conhecendo-se incapaz do governo, o largou a seu irmão D. Ra-

miro, e se fez monge no mosteiro de Sahagum. Passados seis mezes largou o habito, foi a Leão, aonde o acclamaram rei. O irmão lhe fez tirar os olhos, o fechou em carcere perpetuo, anno de 931.

D. Ramiro II fez cruel guerra aos Mouros, tomou Osma e Simancas; reinou 19 annos, morreu em 950.

D. Ordonho III, filho do precedente, sujeitou os Gallegos, que se queriam levantar, veio a Lisboa, teve insignes victorias dos Mouros; reinou cinco annos até 955.

D. Ordonho IV, introduzido pelos grandes em lugar de D. Sancho, que se lhe seguio, a quem largou o reino em 956, era filho de D. Affonso IV.

D. Sancho o Gordo, por ser gordo, foi deposto do throno. Com soccorro do rei Mouro de Cordova Abderramen depoz o precedente; obrigou os condes que governavam Galiza e Minho lhe jurassem fidelidade, em cujo acto um o matou com veneno. Era filho do rei D. Ramiro II; havia obrigado o conde de Castella a vir ás côrtes de Leão. Reinou 11 annos até 967.

D. Ramiro III, filho do precedente, governado pela mãe e tia. Esteve em paz com os Mouros, e lhes abriu as portas pelas dissensões que teve com o successor. Tratou mal os condes de Portugal e Galiza, que acclamaram o seguinte rei. Governou Ramiro 16 annos até 985.

D. Bermudo II, Gotoso, filho de D. Ordonho IV, muitas vezes vencido pelos Mouros, que levavam os sinos das igrejas para lampadas de suas mesquitas, conservou o Minho e Tras-dos-Montes, occupado pelos Mouros o resto de Portugal. Venceo os Mouros em batalha, mortos setenta mil, ajudado por outros principes. Reinou 14 annos até 999.

Pelos annos de 927 começaram os marquezes de Austria, Brandeburg e Misnia. Acabou o ducado de Saxonia

em Otto I, que fez Duque a Hermano Belingen. E' duvidoso que pelos annos de 990 fosse queimada vive Maria, mulher do imperador Otto III, por adultera. Rodolfo rei de Arles erigio Saboia em condado para Beroldo, ou seu filho Henrique das mãos brancas. Santo Estevão, duque da Hungria, é feito rei, confirmado pelo Papa. Bolesláo em 999 foi o primeiro rei da Polonia, nomeado por Otto III. Os Dinamarquezes invadem Inglaterra.

Em França reinou Roberto, irmão de Eudes, desde o anno de 922, seguiu-se Luiz ultramarino, por ser filho de mãe Inglesa e de Carlos Simples : o Lotario filho deste Luiz, e Luiz V filho de Lotario, ultimos de seu sangue. Hugo Capeto, conde de Paris, neto de Roberto, irmão de Eudes, foi coroado rei de França (anno de 987), prendeo em Lan seu competidor Carso, duque de Lorena, corôou a Roberto seu filho, amante das letras e das virtudes.

D. Affonso V, o Nobre, filho do rei D. Bermudo, de cinco annos reinou, pio, caritativo. Sitiava Viseo, d'onde, ferido, se retirou; morreo no anno de 1027, tendo governado 27. Reformou as leis Gothicas.

D. Bermudo III, ou Veremundo, filho do precedente, morto na batalha contra D. Fernando seu cunhado, rei de Castella, anno de 1038, com dez annos de governo.

D. Fernando Magno, imperador, de rei de Castella passou a governar Leão, Galiza e Asturias. Teve pela mãe D. Sancha a corôa de Leão, pela esposa D. Nuna a de Navarra. Tomou aos Mouros Coimbra, Viseu, Seia, Gouveia, e todas as terras de Portugal, que os Mouros possuíam entre o Mondego e Douro. S. Isidoro lhe revelou o fim de seus dias. Repartio os estudos aos filhos, Castella a D. Sancho, Leão a D. Affonso, Portugal e Galiza a D. Garcia. Reinou 29 annos até 1069. Florecio Cid Campeador, D. Rodrigo de Biar, vencedor dos Mouros, que

persuadiu ao rei conservasse o nome de imperador, contra o que pretendia o de Allemanha e o Papa (1).

D. Sancho II, o Bravo, perseguio a seus irmãos, tirou a D. Garcia o reino de Portugal e Galiza, que tivera quatro annos, apesar dos vassallos. Morreo ás mãos de um cavalheiro em Çamora (anno de 1072).

D. Fernando, assim anda nos mappas, sem outra nota, parece ser principe de curto governo, por isso omittido nos catalogos dos reis, como o seguinte.

D. Sancho III, sem mais clareza vêm nos mappas.

D. Affonso VI imperador, filho de D. Fernando Magno, governou Leão, Portugal, Castella e Galiza, desde 1072 até 1109 por 37 annos. Bravo nas guerras, venceu repetidas vezes aos Mouros. Distribuiu este rei o governo de Portugal a pessoas illustres. O conde D. Sennando governou as terras entre Douro e Mondego. Egas Ermigio

(1) Cormile celebrou as acções de D. Rodrigo de Bivar (o Cid Hespanhol); porem ao mesmo tempo que este, Portugal tambem teve o seu Cid, na pessoa de D. Rodrigo Forjaz, que foi contemporaneo d'aquelle e mais valente que elle. Logo que D. Fernando deixou os seus estados repartidos entre os seus tres filhos; D. Garcia, o mais moço, teve o reino de Leão com a parte de Portugal, que seu pai havia tomado aos Mouros, conquistadores da Peninsula. D. Sancho que ficou com Castella, poz-se em contestações com D. Garcia, declarando-se por fim guerra. Forjaz mata um individuo, detestado da nação, que governava em nome de D. Garcia. Em criticas circumstancias estauo o exercito Hespanhol em frente de Portugal, D Garcia aproveita-se do valor de Forjaz, e este no primeiro conflicto bate os Castelhanos. Vindo de novo D. Sancho com dobrada força foi batido em Santarem. Os Castelhanos perderam tanto, que o proprio rei se entregou. D. Bermuiz, um dos irmãos de Forjaz, vindo dar nova da victoria a D. Garcia, lhe disse:— «Vós triumphais, Senhor, mas perdeis meu irmão» Forjaz achava-se morta!mente ferido e D. Garcia abraçando a Bermuiz em lagrimas lhe disse:— « Ah? se Rodrigo morre, eu perco o mais firme esteio do meu throno. »

Forjaz entregando a seu soberano o prisioneiro, lhe perguntando se estava satisfeito, inclina a cabeça sobre o escudo e morre.

Apezar dos cuidados, D. Sancho fugiu, e á frente de suas tropas estava D. Rodrigo de Bivar, o Cid Hespanhol, que não achando o braço de Forjaz, tiveram os Portuguezes de serem vencidos e o seu rei prisioneiro depois de grande destruição de parte a parte.

prefidia em Arouca. O conde D. Nuno Mendes no Minho, a quem succedeo o illustrissimo conde D. Henrique de Borgonha, ao qual deo em matrimonio sua filha D. The-reza Rainha, com o dote de Portugal, pelos annos de 1092 pouco mais ou menos. D. Urruca, filha mais ve-lha do rei, casou com D. Raymundo, que de Borgonha viera militar a Hespanha, e por sua morte com D. Affonso, de quem nasceo D. Affonso VII, que herdou os reinos de Castella e Leão.

Reinou em França anno de 1031, Henrique filho de Roberto, duque de Borgonha. Filippe, filho e successor de Henrique, foi excomungado por repudiar sua mulher Berta, e casar com Bertrada mulher do conde de Anjou; morreo no anno de 1108.

Em Constantinopla, o imperador Contantino, moço, anno de 1004, deixou o governo a Zoe sua filha, que fez reinar quatro maridos, Romano Argino, que afogou no banho, para casar com Miguel de Paflagonia, que a tra-tou como escrava, mas hydropico se recolheo no Mos-teiro, em quanto Zoe escolheo a Miguel Calafato, que a tirou do throno, e ella com o favor do povo lhe arrancou os olhos, e casou com Constantino Monomaco, que a amou. Theodora irmã de Zoe enganou ao imperador, fez que largasse o imperio, que ella teve sem casar. Se-guiu-se Miguel Stratico, deposto pelos soldados. Isaac Comeno governou mal, e se retirou a um mosteiro. Cons-tantino Ducas em 1057: com sua viuva casou Romano Diogenes que, prisioneiro dos Turcos, voltando livre, lhe errancou os olhos Miguel Ducas, filho de Constantino, o qual, preso, casou com sua mulher o successor Nicefero Botoniato. Aleixo Issac Comeno o fez, por velho, encerrar em um mosteiro. Em seu tempo foram as guerras dos Cruzados.

Em Allemanba reinou S. Henrique, que guardou castidade no matrimonio com a Virgem Conegundes Imperatriz. Conrado, duque de Franconia imperador, em 1024 teve o reino de Borgonha. Seu filho Henrique III, se fez Senhor da Curia Romana, que só escolhia para os beneficios os que elle queria. Henrique IV, perseguio a S. Gregorio VII Papa. Rodolfo eleito contra elle, morreo na guerra contra o mesmo Henrique.

Os Cruzados anno de 1099 tomaram a terra Santa, eleito rei de Jerusalem Godefredo de Bulhões seu general duque de Lorena, em cujos successores durou o reino 88 annos.

Os Normanos, anno de 1040, conquistaram a Sicilia, feito Godescaco Senhor da Calabria, e Rogerio de Sicilia, cujo filho Rogerio se corôou rei.

Gerardo conde de Alfacia, é feito duque de Lorena em 1048. Ladisláo, rei de Bohemia em 1086. Henrique de Borgonha conde de Portugal em 1087. Cujo, filho D. Affonso Henriques primeiro rei, foi tronco da monarchia Portugueza.

---

### **Do governo Portuguez, e sua politica até ao tempo de Affonso Henriques.**

As fórmãs constitucionaes, (diz o erudito Freire de Carvalho) ou as côrtes em Portugal, tem sido em todos os tempos conhecidos a cousa mais sagrada e importante que politicamente temos possuido ; e dellas sempre dependeram essencialmente, assim como ainda hoje dependem, as nossas liberdades. E' uma instituição mui sagrada, porque sem haver sido sanccionada na sua origem por lei alguma escripta, de que as historias façam menção,

sempre gozou do caracter de uma certa lei natural, que, sem necessitar escrever-se com caracteres humanos, passa de geração em geração gravada na memoria e no coração dos homens. Assim a instituição de nossas côrtes ou de uma representação nacional, se póde mui propriamente denominar uma lei da terra, fundada em immemorial e antiquissimo costume, mantido entre as ruinas do imperio Romano por todas as nações do Norte que vieram fundar novos reinos e imperios da Europa, e chegaram até a extremidade della, o nosso Portugal.

---

#### **Origem das assembléas geraes.**

Tacito (continúa Freire de Carvalho), fallando dos costumes dos Germanos, diz no Capitulo 11.º : « Os negocios pouco importantes são regulados pelos chefes ; os mais importantes, pela nação. » Mas nem isto nos vieram ensinar os Godos e Wisigodos, que a final nos deram as leis : essa lei e esse costume eram as bases das liberdades dos antigos Lusitanos, já antes de serem dominados pelos Romanos, Godos e Wisigodos. Se entre elles havia que estabelecer algum regulamento novo para o bem commum da sociedade, serviam-se do meio usado nas puras democracias, ou das assembléas geraes, em que cada individuo tinha o arbitrio de approvar ou regeitar o que nellas se propunha. E ainda nesta acção respirava o ar militar, que sempre distinguio nossos avós, e em que eram creados ; porque um bater de espada no broquel era o signal de approvação, e um sussurro inquieto o de desapprovar (1). Logo deste uso e desta pratica se vê, que

(1) Veja-se nas Memorias de Litteratura da Academia R. das Sciencias de Lisboa, tomo 1, pag. 23: a Memoria do Snr. Antonio Caetano do Amaral intitulada : « Estado da Lusitania até o tempo em que foi reduzida á provincia Romana. »

uma das primeiras e essenciaes liberdades dos antigos Lusitanos era a discussão e approvação dos negocios publicos nas suas assembléas geraes, que depois denominamos, còrtes.

---

### **Amor a liberdade foi o caracter dos Portuguezes.**

E' verdade (diz F. de Carvalho) que com as conquistas Romanas perdemos este nosso antigo direito politico; mas vendo os senhores do mundo que o povo Lusitano não largava as armas, e antes queria morrer livre do que ser escravo de Roma, procuraram a final captivar-nos com esses mesmos dons da liberdade, pela qual nunca tinham cessado de pelejar. Sim, captivaram-nos com essas honras e privilegios, que a sagacidade Romana sempre tinha de reserva quando lhe falhavam as armas, isto é, com os fóros de colonia e municipio; fóros, que nos faziam quasi tocar o nome de cidadãos Romanos, e ao que o mundo desse tempo dava a maior estimação. Por esta maneira conseguiram pela liberdade um dominio que nunca tinham podido couseguir pelas armas; e assim tambem deixaram a todos os governantes futuros do brioso povo Lusitano a grande e luminosa lição, que um tal povo póde sim por annos ser privado de suas liberdades, mas não póde ser eternamente escravo de ninguem; porque cêdo ou tarde toma a heroica resolução de as recobrar.

---

### **Origem das assembléas provinciaes.**

Na conquista (diz F. de Carvalho) dos Godose Wisigodos, tanto que ella se tornou solida e pacifica, fômos pouco a

pouco voltando a nossos antigos costumes nacionaes, que mui analogos eram aos des nossos conquistadores. Nessa época já vêmos serem os reis Godos conduzidos ao throno pelos votos das ordens distinctas do estado, e com approvação geral; e pouco depois logo achamos, que os negocios publicos entraram a ser discutidos pelas mesmas ordens distinctas do estado nessas assembléas mixtas, denominadas « concilios nacionaes ou provinciaes. » Vendo os reis Godos que nada era mais capaz de segurar os seus interesses que as decisões dos concilios, e que estes deviam ser, por consequencia, as suas côrtes ou estados geraes, tiveram sempre o maior cuidado em os convocar, já de toda a nação, já de alguma provincia. Nelles confessam tanto os bispos como os reis que o motivo destas convocações, é muitas vezes, além dos interesses da igreja, o dos interesses do estado. E com effeito, isto mesmo provam os factos muito mais efflcazmente que as palavras; porque ali se prescreviam as leis fundamentaes para a successão do throno, e regimento dos que a elle deviam subir; ali se confirmavam de facto as disposições e enthronisações dos reis, o se defendiam sua vida e interesses; ali se ordenava ou reformava a legislação: e ali finalmente se conhecia dos crimes mais graves, e dos negocios que influíam tanto direito publico como particular. Em uma palavra, nestas assembléas mixtas assistiam tanto os bispos como os grandes da côrte (1), a quem os reis

(1) Desde o concilio Tarraconense por diante, em 516, em todos os concilios, ainda provinciaes, entraram a assistir sempre alguns leigos de cada diocese. Não se deve comtudo entender que este fosse o primeiro naquella cidade: No canon 13 deste concilio é que se decido isto, e não é provavel que a elle assistissem bispos Portuguezes. O primeiro concilio em que assistiram senhores Portuguezes parece ser o 3.<sup>o</sup> de Toledo em maio de 589, ao qual tambem foram os nossos bispos.

tambem se dirigiam em suas fallas ; e por fim subscriviam os decretos.

Na entrada dos Arabes muitas destas liberdades se perderam, como sempre acontece na época das conquistas ; mas apesar d'isso não morreram de todo, nem de todo se esqueceram. Nas montanhas das Asturias se salvon a arca santa da nossa alliança politica; e com o tempo della tornaram a sahir as taboas da lei, que haviam escapado ao alfange Mahometano. O mesmo já citado autor, o Sr. Antonio Caetano do Amaral, diz positivamente, na sua quarta memoria sobre o Estado da Lusitania neste ultimo periodo até ao estabelecimento da monarchia Portugueza, que a fórmula do governo na monarchia dos reis das Asturias e de Leão era como se segue: « Continuam a se congregar para a determinação dos negocios graves congressos dos prelados e magnates, convocados, e ordinariamente presididos pelos reis (1). » Logo de tudo o que rapidamente deixamos apontado podemos por conseguinte afoitamente concluir, que as bases do nosso direito publico e politico, desde os primeiros e primitivos tempos da nossa organização social, foram sempre constitucionaes, e nunca filhas de uma autoridade absoluta. E sendo isto assim, que Portuguez brioso haverá que possa consentir em que impunemente se lhe ronbe tão preciosa herança, ou que seja capaz de a trocar por uma voluntaria, e sempre abjecta servidão ?

---

**Portugal independente da Hespanha  
e sob seus reis.**

**Invadia a Peninsula, os adoradores do alcorão, e Hen-**

(1) Vejam-se Memorias de Litteratura Portugueza, tom. VII, pag. 135; e o Campeão Portuguez, em Londres, n. 14, pag. 35 e seguintes.

rique de Borgonha (1) bisneto de Hugo Capeto, rei de França, á frente dos cavalheiros francezes, veio ajudar á Affonso IV de Castella, a defender a fé da Redempção. Affonso reconhecendo tão bondadoso serviço, assentou pagar-lhe casando-o com Thereza, filha do seu amor (1095), accrescentando ao dote tudo o que sobre a Hespanha possuissem os infieis. Portugal (Porto calo) era então occupado pelos discipulos de Mahomet, e depois de 17 victorias, que a elles ganhou Henrique de Borgonha, os expellio para longe, apossou-se do territorio e se reconheceo conde de Portugal, titulo mais honorífico, naquellas éras, que o de duque.

Os altos e incomprehensíveis decretos da Providencia pozeram termo ao viver de Henrique (1.º de Novembro de 1112, na idade de 77 annos), e os seus amplos projectos desceram com elle para o tumulo; porém ficando-lhe um filho digno de o succeder, não tardou muito que os negocios de Portugal mudassem de face.

---

Um rei por nome Affonso, foi na Hespanha,  
Que fez aos sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguineas, força e manha  
A muitos fez perder a vida e a terra.  
Voando deste rei a fama estranha  
Do Herculano Calpe á cáspea serra,  
Muitos para, na guerra esclarecer-se,  
Vinhão á elle, e á morte offerecer-se.

(1) Trinta e um tem sido o numero dos reis de Portugal que successivamente occuparam o throno: dos quaes nove pertencem á casa de Borgonha: oito ao ramo da casa de Aviz; tres foram reis de Hespanha: e onze inclusive duas senhoras que pertencem á casa de Bragança. A primeira casa começou em 1139 e acabou em 1383: a segunda acabou em 1580: a terceira em 1640: e a quarta ainda governa na pessoa da Snr. D. Pedro V.

E c'um amor intrinseco accendidos  
Da fé, mais que das honras populares,  
Eram de varias terras conduzidos.  
Deixando a patria amada e proprios lares.  
Depois que em feitos altos e subidos  
Se mostraram nas armas singulares,  
Quiz o famoso Affonso, que obras taes  
Levassem premio digno e dons iguaes.

Destes Henrique, dizem que segundo  
Filho de um rei de Hungria exp'imentado,  
Portugal houve em sorte, que no mundo  
Então não era illustre nem prezado,  
E, para mais signal de amor profundo,  
Quiz o rei castelhano que casado  
Com Thereza sua filha o conde fosse,  
E com ella das terras tomou posse.

Este depois que contra o descendente  
Da escrava Agar victorias grandes teve,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deve ;  
Em premios destes feitos excellentes  
Deo-lhe o Supremo Deos em tempo breve  
Um filho, que illustrasse o nome ufano  
Do bellicoso reino Lusitano.

(*Camões*).

### **Affonso Henrique (o conquistador) 1.<sup>o</sup> rei.**

Affonso Henrique, herdeiro das virtudes e bravuras de seu pai, bem que sob a tutella de Thereza, achando-se em idade principiou a augmentar seus estados, e em guerra com Castella, vio-se forçado a fazer a paz, intervindo o delegado pontificio. Os sentimentos de seu pai nunca os deixava, e por isso em continuadas guerras com os in-

feis, em 1140 ganhou a celebre batalha de Ourique, (no Alemtejo) contra cinco reis mouros, sendo na mesma occasião acclamado rei de Portugal por seus companheiros de armas, titulo que foi confirmado pelas côrtes de Lamego.

As magnas leis de Portugal, foram promulgadas neste reinado.

---

Mas já o principe Affonso apparelhava  
O Lusitano exercito ditoso  
Contra o mouro, que as terras habitava  
D'além do claro Tejo deleitoso ;  
Já no campo de Ourique se assentava  
O arraial soberbo e bellicoso  
Defronte do inimigo sarraceno ;  
Posto que em força e gente tão pequeno.

---

Em nenhuma outra cousa confiado,  
Senão no summo Deos que o céu regia ;  
Que tão pouco era o povo baptisado,  
Que para um só cem mouros haveria.  
Julga qualquer juizo socegado  
Por mais temeridade que ousadia  
Commetter um tamanho ajuntamento,  
Que para um cavalheiro houvesse cento.

---

Cinco reis mouros são os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar se chama,  
Todos exp'rimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança illustre fama.

A matutina luz serena e fria  
As estrellas do polo já apontava,  
Quando na cruz o FILHO DE MARIA,  
Amostrando-se a Affonso, o animava,

Elle adorando QUEM lhe apparecia,  
Na fé todo inflammado, assim gritava:—  
Aos infieis, SENHOR, aos infieis,  
E não á mim, que creio o que podeis!

— —

Com tal milagre os animos da gente  
Portugueza inflammados, levantaram  
Por seu rei natural este excellente  
Principe, que do peito tanto amaram:  
E diante do exercito potente  
Dos inimigos gritando o céo troaram,  
Dizendo em alta voz:—Real! Real!  
Por Affonso alto rei de Portugal.

— —

Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os trophéos e preza rica.

Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta victoria certifica,  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em signal destes cinco reis vencidos (1).

(1) Conservou-se muitos seculos no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o Escudo com que D. Affonso Henriques pelejava; ignorase porém como e quando tão precioso monumento d'alli desapparecera, restando apenas a mui simples noticia que delxára a seu respeito o Chronista D. Nicoláo, Liv. XI, Cap. 32, pag. 511, concebida neste termo: « Era de páo de figueira, forrado de couro de boi crú, oleado e pintado, e tinha de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos. » Não diz o Chronista quaes as cores de que era pintado, mas asseveram varios Historiadores, que era branco, assentado nelle uma cruz azul daquelle feio a que chamam potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços.

Quando á Espada do mesmo Rei, ainda hoje se vê no Museu do Porto.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros por que Deos fôra vendido,  
Escrevendo a memoria em varias tintas  
Daquellé de quem foi favorecido;  
Em cada um dos cinco cinco pinta,  
Porque assi fica o numero comprido,  
Contando duas vezes o do meio  
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

De tamanhas victorias triumphava  
O velho Affonso, principe subido,  
Quando quem tudo emfim vencido andava,  
Da larga e muita idade foi vencido,  
A pallida doença lhe tocava  
Com fria mão o corpo enfraquecido;  
E pagaram seus annos deste geito  
A triste Libitina seu direito.

Os altos promontorios o choraram,  
E dos rios as aguas saudosas  
Os semeados campos alargaram,  
Com lagrimas correndo piedosas.  
Mas tanto pelo mundo se alargaram  
Com fama suas obras valorosas,  
Que sempre no seu reino chamarão  
Affonso, Affonso, os échos; mas em vão!

(Camões).

Proseguio o Santo Rei (diz Azevedo) as conquistas da Beira e Estremadura Portugueza: passou ao Alemtejo, aonde triumphou de cinco reis Mouros, e quinze Regulos, cujo principal Imperador era Ismael, com infinita multidão de barbaros. Affonso cheio de piedade e confiança em Deos, attendia á oração, e lição santa entre o maior estrondo das armas. Leo alta noite a victoria milagrosa de Gedeão com trezentos homens sem armas con-

tra o formidavel exercito dos Madianistas. Elevou o pensamento ao céo, fallou a Deos, e disse : « Senhor Todo-Poderoso, bem sabeis, que só para gloria do vosso adoravel nome tomei as armas contra os inimigos da fé : igualmente podeis dar a victoria a muitos, ou a poucos. Se quereis, que eu seja morto ás mãos dos inimigos, cumpra-se vossa vontade Santa : se me concedeis a victoria, será vossa toda a gloria. » Adormeceo vestido, inclinada no livro a cabeça : vio em espirito o nuncio do Rei Eterno, que lhe dizia : confia, que vencerás estes infieis, e o Senhor te manifestará sua misericordia. A este tempo D. João Fernandes de Sousa, camarista do Principe, o despertou, dizendo : Ahi está um veneravel velho a procurar-vos. Respondeo : Entre, se é Christão. Tanto que o vio, conheceo ser o que na visão se lhe mostrára, ao qual ouviu dizer : « Tende bom animo, vencereis e não sereis vencido. Sois amado por Deos, que tem posto os olhos de sua misericordia em vós até a decima sexta geração, na qual attenuada, outra vez obrará novos beneficios, por effeito de sua piedade. Deos me envia, que ao toque da campainha de minha cella, esta noite, no deserto em que vivi entre os barbaros ha sessenta annos, guardado pelo Senhor, vades sem testemunhas gozar as maravilhas do Altissimo. » (1)

Venerou Affonso ao Senhor, e seu enviado. Disposto em oração, ao toque finalado foi, vio de repente fóra dos arraiaes, ao nascente, um raio de luz mais brilhante que Sol, no meio vinha JESUS CHRISTO Crucificado, aos dous lados Anjos em fórmula de mancebos resplandecentes, inclinados a adorar o Senhor. Largou armas e sapatos, prostrado em terra, banhado em ternissimas lagrimas,

(1) Este facto com mui boas razões e fundamentos o doutissimo Sr. A. Herculano refutou por suppol-to apócrifo.

exclamou : « Para que vindes a mim, Senhor? quereis augmentar minha fé? Nella educado desde o baptismo, que recebi menino, vos confesso Deos verdadeiro. Filho do Eterno Padre e da Virgem Maria. Ide manifestar-vos aos infieis, para que todos em vós creiam. Sem nada se turbar rogava ao Senhor confortasse seus vassallos. Confia, Affonso, lhe diz Christo da Cruz : Venho estabelecer os principios de teu reino sobre pedra firme : vencerás não só agora, mas sempre que tomares armas contra os inimigos da Cruz. Acharás os teus alegres ; aceita o titulo de rei, que te derem; pois eu, a quem só pertence edificar e destruir os imperios, quero em ti, e teus descendentes, estabelecer para mim um reino santificado, puro na fé, amavel na piedade, que delle seja levado meu nome ás nações estranhas. Para teus successores conhecerem quem lhes entregou o dominio, comporás as armas das cinco chagas, com que remi o genero humano, e dos dinheiros, com que fui vendido aos judeos.

Quem poderá explicar os celestiaes dons, que acompanharam tão estupenda mercê do Senhor? Foi aclamado Affonso I, rei de Portugal, dizendo-se antes Infante, Principe, ou Duque, e ainda em algumas escripturas estava já intitulado rei. Seguiu-se a victoria a 25 de julho de 1139, no campo de Ourique, em que mortos, ou fugidos os mais, voltou Affonso para Coimbra, com muitos mil captivos. Destes foram dous reis Mouros, D. Joas e D. Geraldo de Sia, entregues a S. Theotonio, convertidos, o primeiro Conego e Sacerdote e o segundo Irmão Converso no Real Mosteiro de Santa Cruz, aonde florece-ram em virtudes. Mandou o santo rei fazer pelos mais primorosos artifices uma perfeita imagem do crucifixo, como lhe appareceu. A primeira não agradou por mui incorpada; está na Capella de Jesus a um canto do claustro

principal de Santa Cruz, aonde os Anjos se ouviam cantar Matinas. A segunda pareceo mais pequena do que devia ser, venera-se no altar-mór da igreja de Santa Justa, em Coimbra, com fama de milagrosa. A terceira, que mais agradou, esteve na igreja de S. João das Donas, aonde fallou á Virgem Santa Feliciana, e cujos ossos, com a imagem do Crucifixo se trasladaram á Sacristia de Santa Cruz, e se guardam no altar do Santissimo Sacramento da Igreja do Mosteiro, aos pés do mesmo Crucifixo.

O rei de Castella não se oppoz ao titulo de rei de Portugal, quando o soube, ainda que depois o pretendeo sujeitar ás côrtes. O Papa Innocencio II o reconheceo no anno de 1142, Alexandre III o confirmou. Nas côrtes de Lamego se estabeleceram logo as leis fundamentaes da monarchia. Quiz o Rei, que seus estados fossem tributarios á Nossa Senhora e a S. Pedro, não como feudo, mas com voluntario tributo e esmola, que mandava dar cada anno a Claravel para o altar, e culto de Nossa Senhora e á Igreja do Principe dos Apostolos em Roma. Em Alcobaça achou frei Bernardo de Brito, o juramento do Rei, feito em 1152, anno do nascimento de Christo, não da era do Cezar, posto que esta fosse mais usada então em Portugal. Frei Lourenço do Espirito, deo esta escriptura em Madrid ao Rei Filippe II, ficando traslados authenticos em Alcobaça, Santa Cruz e outras partes.

Agradecido o novo Rei de Portugal ao Rei dos Céos, deo seu patrocínio aos doze varões Apostolicos fundadores do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dos quaes S. Theotónio primeiro Prior, era Director do Rei, que ás suas orações attribuia as continuas victorias sobre os Mouros. Tomou o grande Affonso o habito de Conego III e Irmão da Ordem: largava a espada vencedora na porta do Mosteiro, assistia dentro ao côro com

sobrepeliz e murça, entoando louvores divinos. Fundou este incomparavel monarcha cento e cincoenta grandes Templos, casas de oração e Mosteiros, assim de Conegos Regulares, como de Monges de S. Bento e de S. Bernardo, sendo Alcobaça o mais rico da Ordem Cisterciense. Fundou a ordem militar de Aviz, que existe, e de Ala, que acabou com o tempo, dedicada á S. Miguel Arcanjo, que vio com braço, aza e espada, prostando diante de si milhares de Mouros, para entrar victorioso o Rei. Dotou muitas cathedraes e obras pias. A primeira praça que tomou aos Mouros na Extremadura, Leiria, reedificou logo em terra deserta, e deo a S. Theotónio, que ahi mandou fundar seminario de seus Conegos Regulares, Missionarios, que instruissem na fé e virtude os povos da provincia. Vieram de improviso os Mouros, queimaram na igreja os Santos Conegos, levaram captivos os moradores da praça, em cuja satisfação S. Theotónio mandou seu sobrinho D. João com os caseiros do Mosteiro de Santa Cruz, que sem armas avistando Arronches, praça fortissima dos Mouros, por milagre a renderam. Restaurou o Monarcha Portuguez Leiria, e continuou as conquistas.

Com igual facilidade rendeo os Mouros em Torres Novas. Entrou victorioso em Mafra, Cintra e outras praças. Para conquistar Lisboa o ajudou a esquadra de quatorze mil soldados Allemães, Inglezes e Francezes, que acaso ahi chegaram, com animo de militar contra os Turcos na Palestina. Dominado aquelle emporio do mundo, passou Affonso em triumpho o Tejo, rendeo Alcacere, Serpa, Moura, e as mais praças até Beja. Com sessenta lanças, tomada Cezimbra, descobria campo, quando se avistou com o Rei Mouro de Badajoz, a quem seguiam sessenta mil infantes, quatro mil cavalles: foram acommettidos e

rendidos ao instante por Affonso, sendo nelle o mesmo vêr e vencer.

Casou o Rei no anno de 1146 com a Rainha D. Mafalda, filha de Amadeo III, Conde de Saboia e Mauriana. Della teve os seguintes filhos: D. Henrique e D. João, que morreram meninos. D. Sancho, que herdou o reino. D. Urraca, infanta de Portugal, Rainha de Leão, que por ser parenta se apartou do Rei D. Fernando II. D. Mafalda, que morreo estando justa para casar com o Rei de Aragão. D. Thereza, casada com Philippe, Conde de Flandes, e segunda vez com Eudo III, Duque de Borgonha, e D. Sancha. Fóra do matrimonio, teve este primeiro Rei de Portugal quatro filhos: Fernando Affonso, alferes-mór do Reino; D. Affonso, grão-mestre da ordem de S. João Baptista, que de Jerusalem passou a Rhodes e depois a Malta; D. Thereza e D. Urraca. O defeito que nesta, e em outras faltas Deos permittio no grande Affonso, bem fica riscado pela penitencia heroica, em que exemplarmente perseverou até a morte. Sua esposa mandou fazer a ponte de Canavezes, com um Hospital junto ao rio Tamega: edificou o Mosteiro da Costa em Guimarães de Conegos Regulares, que depois se deo á ordem de S. Jeronymo: falleceo com opinião de Santa a 4 de Novembro anno de 1157; seu corpo se depositou em Santa Cruz de Coimbra.

Lançados os Mouros de Santarem, Obidos, Alemquer, Palmela, Evora, fez trasladar o Rei do Promontorio Sacro no Algarve o corpo de S. Vicente, Diacono Martyr a Lisboa, cujo Padroeiro é. Entrou Affonso em triumpho pelo Reino de Leão, para se despicar da má visinhança, que lhe havia feito seu genro, Rei d'aquelle Reino. Tomou aos Mouros Badajoz; seguido pelo genro D. Fernando, quiz apparecer Affonso, mas ao sabir da

cidade quebrou uma perna em o ferrolho. Preso dos Leonezes, lhes deixou as terras, que occupára naquelle Reino, aonde prometteo ir ás côrtes, montando a cavallo, o que nunca mais fez para manter sua real palavra, andando depois em carruagem. Sabendo Albojaque, Rei Mouro de Sevilha do infeliz successo do grande Affonso, veio com formidavel exercito sitiár Santarem: foi ao instante destroçado, antes de chegar soccorro dos Leonezes, que desejavam ajudar ao Rei de Portugal, esquecidas as desavenças passadas. Chegou á Sevilha o exercito dos Portuguezes, em que o Rei mandava seu filho o Principe D. Sancho por general, aonde desde a entrada dos Mouros em Hespanha, se não haviam visto armas Christãs. Estas em breve espaço voltaram triumphantes de todo o poder dos barbaros, arrastadas suas bandeiras. Chegando a Porto de Mós, o Rei Mouro de Valença, ahí foi destroçado pelo valoroso D. Fuas Roupinho, que achou a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, na Pederneira. O qual desfez tambem duas armadas inimigas, alimpou de Corsarios as costas do mar de Portugal, seguindo as ordens do Santo Rei.

Foi mais illustre o triumpho do grande Affonso, o anno precedente á sua morte. Veio Miramolim de Marrocos, e outros treze Reis, sitiár Santarem, aonde estava D. Sancho, ficando em Coimbra o invencivel pai. Corre este á noticia, de cuja vinda pasmam os barbaros, atacados pelo Rei de uma parte, da outra pelo Principe. Morre na batalha Miramolim e outros Reis, ficam muitas legoas juncadas de cadaveres de Mouros, ricos os Portuguezes com os despojos, seus Soberanos gloriosos com as victorias.

Disposto com os mais ternos sentimentos de piedade, recebidos os Sacramentos com exemplar devoção, entre-

gou Affonso, em Coimbra sua alma a Deos, a 6 de Dezembro, anno de 1185, com 76 annos de idade, 57 de governo, e de Rei 46. Foi sepultado no seu Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, aonde tem culto immemorial de Santo, pendentes em seu tumulo insignias de milagres. Guarda-se a espada do Rei como preciosa Reliquia. Até depois de morto foi visto com seu filho D. Sancho ajudar ao Rei D. João I, a tomar aos Mouros Ceuta em Africa. Em Alcobaça, com paramentos de festa fazem-se as exequias ao Rei Santo, e como a Santo Bemaventurado, lhe rezavam a Antifona, e a oração, que anda escripta nos livros do côro, e a traz a obra Monarchia Lusitana, parte 3, liv. 11, cap. 39.

---

**Juramento que deo Affonso Henrique, áccrea da visão que vio.**

EU DOM AFFONSO Rei de Portugal. Filho do illustre Conde Dom Henrique, Neto do grande Rei Dem Affonso: sendo presente vós o Bispo de Braga, e o Bispo de Coimbra, e o Theotonio, e os mais Magnates, Officioes, e Vassallos do meu Reino: Juro por esta Cruz de metal, e por este livro dos Santissimos Evangelhos, em que ponho a mão, que eu misero peccador com estes meos olhos indignos vi a Deos Nosso Senhor JESUS CHRISTO, posto em uma Cruz, nesta fórma. Eu estava com meu exercito nas terras de Alemtejo, no Campo de Ourique, para pelejar com Ismael, e outros quatro Reis dos Mouros, que tinham consigo infinitos milhares de homens. E a minha gente, atemorizada com esta multidão, estava enfadada e muito triste; em tanto, que muitos diziam ser temeridade começar a guerra. E eu triste por aquillo, que ouvia, co-

mecei a cuidar comigo, que faria; e tinha um livro na minha tenda, no qual estava escripto o Testamento Velho e o Testamento de JESUS CHRISTO: abri-o e li nelle a Victoria de Gedeão, e disse entre mim: Vós sabeis, Senhor JESUS CHRISTO, que por vosso amor faço esta guerra contra vossos inimigos, e que na vossa mão está dar-me a mim, e aos meus fortaleza, para que vençamos aquelles blasfemadores do vosso nome. E dizendo isto, adormeci sobre o livro; e logo vi um velho, que se vinha para mim e me dizia: Affonso, confia, porque viverás e desbaratarás estes Reis, e quebrantarás os seus poderes, e o Senhor se te ha de mostrar. Estando eu vendo isto, chegou-se a mim João Fernandes de Sousa, Vassallo de minha Camara e disse-me: Senhor, levantai-vos: está aqui um homem velho, que vos quer fallar. Entre, disse eu então, se é fiel. E entrando elle, onde eu estava, conheci ser aquelle mesmo, que eu tinha visto na visão. O que me disse: Senhor, está de bom animo, vencerás, vencerás, e não serás vencido: és amado do Senhor; porque sobre ti, e sobre teus descendentes depois de ti, tem posto os olhos de sua misericordia até a decima sexta geração, na qual se diminuirá a descendencia; mas na mesma assim diminuida, o mesmo Senhor tornará a pôr os olhos e verá. Elle me manda dizer-te, que tanto que ouvires esta noite, que vêm, tanger a campainha da minha Ermida, na qual vivi sessenta e seis annos entre os infieis, guardado com o favor do Altissimo, sahirás do teu arraial só, e sem companheiros, e mostrar-te-ha sua muita piedade. Obedeci, e com reverencia posto em terra, venerei o embaixador, e a quem o mandava. E estando em oração esperando o som da campainha, já na segunda vigilia da noite, a ouvi. Então armado com a espada, e escudo sahi do arraial, e vi subitamente para a parte direita contra o Oriente

um raio resplandecente, e o resplandor crescia pouco e pouco em mais: e quando n'aquella parte puz os olhos com efficacia, logo no mesmo raio, mais claro que o Sol, veja o signal da Cruz, e JESUS CHRISTO nella crucificado, e de uma e outra parte multidão de mancebos alvissimos, que eu creio eram os Santos Anjos. A qual visão tanto que eu vi, posta á parte a espada, e escudo, o deixados os vestidos e calçado, humilhado me lancei em terra: e ahí derramando muita copia de lagrimas, comecei a rogar pelo esforço de meus vassallos. E nada turbado, disse: Vós a mim, Senhor! Porque? A quem já creê em vós, quereis accrescentar a Fé? Melhor será que vos vejam os infieis, e creiam, e não eu, que com a agua do baptismo vos conheci, e conheço pelo verdadeiro Filho da Virgem e do Padre Eterno. A Cruz era de admiravel graudeza e levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com um suave orgão de voz, que meus indignos ouvidos receberam, me disse: Não te appareci desta maneira para te accrescentar a Fé, mas para fortalecer o teu coração neste conflicto. E para estabelecer, e confirmar sobre firme pedra os principios do teu reino. Confia, Affonso, porque não sómente vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que pelejares contra os inimigos da Cruz. Tua gente acharás alegre para a guerra, e forte, pedindo-te, que com nome de Rei entres nesta batalha: não duvides, mas concede-lhe liberalmente o que te pedirem. Porque eu sou o que faço, e desfaço Reinos e Imperios. E' minha vontade edificar sobre ti, e sobre tua geração depois de ti, um Imperio para mim; para que o meu nome seja levado a gentes estranhas. E porque os teus successores conheçam, quem te deo o Reino, fabricarás o teu escudo de armas com a divisa do preço, com que eu comprei o genero humano, e com o que

eu fui comprado dos judeos : e ser-me-ha um Reino sanctificado, puro na Fé, e pela piedade amado. Tanto que ouvi estas cousas, prostrado em terra o adorei, dizendo : Senhor, porque merecimentos me annunciaes tanta piedade? Farei o que mandais : e vós, ponde os olhos de misericordia em os meus descendentes, como me prometteis ; e a gente de Portugal guardai e salvai : e se contra elles algum mal tiverdes determinado, antes o convertei todo em mim, e a meus successores, e o meu povo, que amo tanto como unico filho, absolvi. Consentindo o Senhor, disse : Não se apartará delles, nem de tí alguma hora minha misericordia ; porque por elles tenho aparelhado para mim grande sementeira, porque os escolhi por meus semeadores para terras mui apartadas e remotas. E dizendo isto, desapareceu ; e eu cheio de confiança e suavidade tornei ao exercito. E que tudo se passou assim, eu El-Rei D. Affonso, o juro pelos Santissimos Evangelhos de JESUS-CHRISTO, em que ponho a mão. Pelo que mando a meus successores, que tragam por divisa e insignia cinco escudos partidos em cruz, por amor da cruz, e cinco chagas de JESUS-CHRISTO ; e em cada uma trinta dinheiros de prata, e em cima a serpente de Moysés, por ser figura de CHRISTO. E esta será a divisa de nossa nobreza em toda nossa geração. E se alguma cousa intentar, será maldito do Senhor, e com Judas traidor atormentado no inferno. Feita em Coimbra a vinte e oito de Outubro, da éra de CHRISTO, mil cento e cincoenta e dous.

*Eu D. Affonso, Rei de Portugal.*

**D. João, Bispo de Coimbra.**

**D. Gonçallo de Sousa, Procurador de Guimarães.**

**João, Metropolitano de Braga.**

**D. Theotonio, Prior.**

**Payo Mendes, Procurador de Braga.**

**Soeyro Martinz, Procurador de Coimbra.**

**D. Fernão Pires, Mordomo-mór.**

**Pedro Paes, Alferes-Mór.**

**Vasco Sanches.**

**Affonso Mendes, Alcaide-mór de Lisboa.**

**Mendo Pires, por Mestre Alberto, Chanceller-mór.**

**PEDRO DE MARIZ** (*Dialogo de varias historias*).

---

**Homens notaveis no reinado de Affonso Henriques.**

**D. Fernão Peres.**

**Vascos Sanches.**

**Affonso Mendes.**

**Mestre Alberto, Chanceller.**

**S. Theotonio, Prior de Santa Cruz.**

**S. Bernardo vaticina a escravidão dos 60 annos, em que Portugal devia estar subo jugo estrangeiro, na carta que escreveu de seu proprio punho a Affonso Henrique, nos termos seguintes :**

« Dou as graças á V. S. pela mercê e esmola, que nos  
« fez do sitio e terras de Alcobaça, para os frades faze-  
« rem mosteiro, em que sirvam a Deos, o qual em re-  
« compensação desta, que no céo lhe pagará, me disse,  
« lhe certificasse eu da sua parte, que a seu reino de  
« Portugal, nunca faltariam Reis Portuguezes, salvo se  
« pela graveza de culpas, por algum tempo o castigar ;  
« não será porém tão comprido o prazo deste castigo que  
« chegue a termos de 60 annos. Claraval, 13 de Março  
« de 1136. Bernardo. — O captiveiro de Portugal, du-  
« rou 59 annos, 5 mezes e alguns dias. »

**Diogo Gonsalves**, morre valorosamente na batalha de Ourique.

**Gilberto I**, Bispo de Lisboa.

**D. Gonçallo de Sousa**.

**D. Gonçalô Viegas**.

**D. Lourenço Viegas**.

**Gualtero**, Primeiro Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fôra.

**Martinz Muniz**.

**Mem Muniz**.

**D. Mendo**.

**Payo Guterres**.

**D. Pero Paes**.

---

#### **Fé da palavra (Egas Muniz):**

Morto **D. Henrique**, sua mulher a infanta de Castella tomou o titulo de Regente de Portugal, e o conservou bem desde 1114 até 1126. Sendo já mancebo **D. Henrique**, e armado cavalleiro, e talvez aconselhado em tomar o governo que lhe pertencia, que sua mãe, em consequencia das segundas nupcias, que contrahio com **D. Fernando Peres**, Conde de Traustamera, Gallego, lhe não queria dar. Por este motivo tomou as armas, e prendeo a no campo de **S. Mamede**, junto á **Guimarães**, á 24 de Junho de 1128.

Por motivos de conveniencia veio o rei de Leão em soccorro de **D. Thereza**, detida no Castello de **Lanhoso**, e foi desboratado na ruga de **Valdevez**. Sitiou depois a **D. Affonso**, em **Guimarães**, e o rendêra, se **Egas Muniz**, seu aio, fugindo, não fôra ajustar pazes com o rei de Leão, com certas condições, que o principe não quiz cumprir. Foi **Egas Muniz**, com mulher e filhos, a **Toledo**, offerecer-se ao castigo, por falta de palavra dada, e com

o que mui satisfeito ficou o rei queixoso D. Affonso.  
(Vid. Fr. Antonio Brandão).

— —

Mas o principe Affonso (que desta arte  
Se chamava, do avô tomando o nome)  
Vendo-se em suas terras não ter parte ;  
Que a mãe com seu marido as manda e come,  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina comsigo como as tome :  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao proposito firme segue o effeito.

— —

De Guimarães o campo se tingia  
Co' o sangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor, e a terra,  
Com elle posta em campo já se via,  
E não vê a soberba o muito, que erra  
Contra Deos, contra o maternal amor;  
Mas nella o sensual era maior.

— —

Oh Progne crúa ! Oh magica Medea !  
Se em vossos proprios filhos vos vingais,  
Da maldade dos pais, da culpa alheia ;  
Olhai, que inda Thereza pecca mais,  
Incontineucia má, cubiça feia,  
São as causas deste erro principaes;  
Scylla por uma matta o velho pai,  
Esta por ambas contra o filho vai.

— —

Mas já o principe claro o vencimento  
Do padrasto e da iniqua mãe levava:  
Já lhe obedece a terra n'um momento,  
Que primeiro contra elle pelejava ;  
Porém, vencido da ira o entendimento,  
A mãe em ferros asperos atava;  
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:  
Tanta veneração aos pais se deve !

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,  
Para vingar a injuria de Thereza,  
Contra o tão raro e ingente Luzitano,  
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa,  
Em batalha cruel o peito humano,  
Ajudado da angelica defeza,  
Não só contra tal furia se sustenta,  
Mas o inimigo asperrimo afugenta.

— — —

Não passa muito tempo, quando o forte  
Principe em Guimarães está cercado,  
De infinito poder; que desta sorte  
Foi refazer-se o inimigo magoado :  
Mas com se offerecer á dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado  
Que de outra arte pudera ser perdido  
Segundo estava mal apercebido.

— — —

Mas o leal vassallo, conhecendo  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vai ao Castelhana, promettendo  
Que elle faria dar-lhe obediencia :  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa, e consciencia  
De Egas Muniz ; mas não consente o peito  
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

— — —

Chegado tinha o prazo promettido,  
Em que o rei Castelhana já aguardava,  
Que o principe a seu mando submettido  
Lhe dêsse a obediencia, que esperava :  
Vendo Egas, que ficava fementido,  
O que delle Castella não cuidava,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos, e mulher se parto  
A levantar com elles a fiança,  
Descalços, e despídos, de tal arte,  
Que mais move a piedade, que a vingança,  
Se pretendes, rei alto, de vingar-te  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis-aqui venho offerecido  
Até pagar co'a vida o promettido.

(*Camões*).

---

### **Giraldes sem Pavor ou a tomada de Evora.**

Eis a nobre cidade, certo assento  
Do rebelde sertorio antigamente.  
Onde ora as aguas nitidas de argento  
Vêm sustentar de longo a terra, e a gente  
Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se alevantam nobremente,  
Obedeceo por meio e ousadia  
De Giraldo, que mêdos não temia.

*Camões.*

Giraldes sem Pavor, affirma o mestre André de Rezende, foi nobre cavalleiro em tempo de El-Rei D. Affonso Henrique, e por seus desregramentos, cahio no desagrado de Affonso, e se retirou para o Alemtejo, e se alistou no serviço de Ismor, rei infiel, que o occupou em chefe de ladrões. Este officio, como diz um compilador, inteiramente degradante, não podia convir por longo tempo á um homem, que na sua mocidade tinha possuido os sentimentos de honra. Giraldes, desejava entrar debaixo das leis do seu legitimo soberano; mas conhecia, que para obter o seu perdão necessitava fazer um importante serviço: a occasião se lhe apresentou e elle a não desprezou.

Evora se achava em poder dos infieis, e Giraldes começou por ajuntar-se com os seus companheiros, á fim de largarem tal meio de vida, e entrarem no caminho de honra, e obedecerem ao legitimo rei. Perto da cidade, estava uma antiga torre, que servia para a vigia dos Mouros, e onde permanecia um, com sua filha, a fim de observarem as correrias dos christãos. Giraldes fez esconder na vizinhança um certo numero de seus companheiros, os quaes deviam rapidamente unir-se a um signal convencionado. Logo que escureceo, elle se encaminhou para a torre, envolto em folhas para não ser percebido, e foi cravando ferros na parede da torre, por onde mansamente foi subindo, até que ganhou a janella. O Mouro naquella noite, tinha encarregado a filha da vigia mas, descuidada, foi surpreendida pelo somno.

Giraldes dentro da torre, deita a moça pela janella; vai ao Mouro que dormia, córta-lhe a cabeça e apodera-se das chaves. Descendo e encontrando a Moura ainda viva, corta-lhe tambem a cabeça, e apparece no meio dos seus companheiros, com as cabeças das victimas na mão. Vendo que os seus estavam satisfeitos com semelhante evento, lhes communicou os seus projectos, e os levou para a torre. Accendeo fogo, segundo costume das sentinellas mouriscas; e a direcção que se lhe deo em o mais alto da torre foi a que servia para indicar o lado em que os christãos acommettiam. Giraldes, dirigindo-se logo o Espinçuro, para onde mandou alguns camaradas, com ordem de não poupar a ninguem, viram-se logo a braços com os Mouros que sahiram da cidade, e certos do pequeno numero de christãos, os perseguiram em grande copia. Giraldes apenas vio que os Mouros tinham sahido, penetrou por um lado da praça, e degola as guardas e leva a perturbação e o terror á toda a cidade de Evora, por

senão saber o numero de inimigos, que tão ousadamente promove a destruição.

Os Mouros, que partiram pela parte do Espinchuro, certos deste successo, voltam á soccorrer os seus, acham as portas tomadas e guardadas pelos christãos ; e aquelles que os attrahiram á planice executando fielmente as ordens de Giraldes, os attacam pela retaguarda e os dispersa : Desesperados os Mouros, e por todos os lados combatidos, abandonam a cidade aos vencedores. Restabelecido o socego, Giraldes permittio aos Mouros, que sobreviveram á carnagem, de ficar debaixo de certas condições na cidade, ou de se retirarem.

Informando logo depois a Affonso I o serviço que acabava de fazer, obteve o perdão para si, e para seus companheiros, e Affonso para bem justificar o merito dos seus serviços, entregou-lhe o governo e guarda da cidade de Evora, até que morreo. Desde o instante em que Giraldes julgou deixar a vida incurta e má, até que expirou, ninguém foi mais fiel e honrado que elle.

(Ext. da Chr. de D. Galvão).

---

**D. Fuas Roupinho, 1.º almirante Portuguez.**

Vês este, que sabindo da cilada,  
Dá sobre o rei, que cerca a villa forte,  
Lá o rei tem preso, e a villa descercada  
Illustre feito digno de Mavorte ?  
Vê-o cá vai pintando nesta armada,  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando-lhe as galés, levando a gloria  
Da primeira maritima victoria (1).

(1) Depois da victoria que D. Fuas, obteve do mouro Gomi, dirigio-se a Coimbra onde estava El-Rei, sabendo que andavam galés de Mouros pela costa fazendo damno, e indo por mandado do rei sobre ellas as tomou todas em 16 de Junho.

E' D. Fuas Roupinho, que na terra,  
E no mar resplandece juntamente,  
Com fogo que accendeo junto da serra  
De Abila, nas galés da moura gente :  
Olha como em tão justa, e santa guerra  
De acabar pelejando está contente :  
Das mãos dos mouros entra a felice alma,  
Triumphando nos céos com justa palma.

(Camões).

O nome deste heroe será sempre memoravel no hemispherio de Portugal, e certamente que os feitos que o distinguiram tornam-no digno do respeito de todos os homens. No tempo em que era assaltado aquelle paiz, de correrias e invasões quasi diarias de Mouros, chegou a Porto-de-mós com grandes reforços o rei de Merida em 1180, mas D. Fuas, que commandava uma fortaleza com pouca força, para um combate, sahio d'ali com alguns companheiros, e retirado á Serra de Mendiga, d'aqui pediu com urgencia aos alcaides de varias villas proximas lhe prestassem o soccorro que podessem. Durante essa ausencia, accommeteo o inimigo a fortaleza, mas apezar da pequenez da força que a guarnecia, resistio corajosamente essa diminuta força a todo o poder dos Mouros, que com a chegada da noite retiraram-se assaz fatigados, a descansar em seus alojamentos, entre o rio que corre nas proximidades da villa de Porto-de-mós.

D. Fuas Roupinho deo ordem aos seus, logo que achou opportuna a hora, de atacar os inimigos, desceo com sua gente o alto da serra, e affastou os Mouros, com tamanho vigor e acerto, que a victoria foi completamente dada aos Portuguezes, que debandaram os Mouros, com bastantes mortos, e aprisionaram o Rei Mouro, e um seu irmão, entre effluvios de prazer dos mesmos Portuguezes. Acompanhado dos principaes prisioneiros, e de parte dos seus

companheiros d'armas, seguiu para Coimbra, onde então se achava o rei D. Affonso, e foi com todos os seus soldados, acolhido prazenteiramente daquelle monarcha, o qual querendo obviar ao progresso de prejuizos que causavam no reino os inimigos, que o assolavam por mar, deo todas as providencias para que se armassem e sahisssem ao mar as galés que havia, as quaes commandadas pelo mesmo D. Fuas Roupinho, encontrando a armada Mourisca, pouco adiante do Cabo de Espichel, a 29 de de Julho de 1180, e travando logo combate, desbarataram completamente os Mouros, entrando depois triumphante em Lisboa, onde foi entusiasticamente applaudido este brilhante feito d'armas, que fez dar a Roupinho o titulo de primeiro almirante Portuguez.

(*Chr. de D. Galvão*).

---

**A D. Fuas Roupinho, Capitão das Galeras  
d'El-Rei D. Affonso Henriques.**

Su frente, que de triunfos se corona,  
Per que su fama el Tiempo no consuma,  
Engrandecer los Hados determinan,  
Con luzes, que estos Orbes iluminan.

*Silv. Macabeo. Cant. XV. Est. VI.*

**STROPHE I.**

Desde as margens auríferas do Tejo  
A negociosa Archangel, e 'té onde  
    E' Padrão de Albuquerque  
    A torreada Goa;  
Do Zaire adusto á livre Pensilvania,  
Vejo armadas undivagas nadando! . . .  
    As variadas côres  
Das flamulas Reaes briosas nutam;  
    E o longo equoreo plaino  
Da irada artilharia ao som retumba!

ANTISTROPHE I.

Mas entre Anglas, Danezas, Russas, Francas,  
Batavas quilhas, navegar não vejo  
    Os Baixéis Lusitanos,  
    Que outr'ora retalhando  
Com successivo gyro os longos Mares,  
Iam levar destruição, e a morte  
    Da Patria aos inimigos;  
Ou transportavam de Oriental riqueza  
    Amplu tributo ao Tejo,  
E mostravam ao Mundo ignotas Gentes !

EPODO I.

Ahl como te deslembras, Patria minha,  
Da maritima gloria, que outro tempo,  
    Subio aos Céos teu nome  
Terminos alongando ao vasto Mundo! . . .  
    De Lysia o braço invicto  
Menos não trevejou no Mar que em Terra,  
Mesmo do Imperio seu na tenra infancia !

STROPHE II.

Vós o attestai, Nereidas, que de susto,  
Vos fostes esconder no fundo algozo,  
    Quando o forte Roupinho,  
    Maritimo Mavorte,  
Sobre os Mares vibrou de Affonso o raio !  
Quando em nuvem cruenta, a Marte horrenda  
    Com jubilo sentada,  
Seus ministros cansou, que afadigados,  
    Dos que a pugnar morriam,  
Almas levavam ao Elysio, ao Orco.

ANTISTROPHE II.

Duro fôí vêr com impeto chocando  
As armadas galés abalroar-se,  
    O canto, o dardo, a lança,  
    As emplumadas settas,

Rechinando, e toldando os longos ares:  
Ver da espada, e do alfange aos crebros golpes,  
Cahir as bravas hostes  
Como cahem no campo á foice, as messes !  
Tingir-se em sangue o Pego,  
Gritos de raiva e dôr, rasgando as Nuvens !

EPODO II.

Este nadando valido algum tempo  
Seu transito retarda ! Sobre o escudo  
Aquelle as praias ganha !  
Quem, matando-se, evita o captiveiro !  
Quem, como infernal furia,  
Na inimiga galé se arroja armado,  
E quanto se lhe oppõe derruba, e varre !

STROPHE III.

Qual depois que apoz si fechadas sente  
O valeroso Turno as ferreas portas  
Da renascente Troya,  
Maior nas armas sôa,  
Mais sinistro clarão dos olhos vibra,  
Revolve com mais força a longa espada,  
E, firme, os golpes todos  
Rebate no broquel Septi-aurino, (1)  
Té que ao rio se arroja,  
Ganha seus arraiaes illeso, e armado; (2)

ANTISTROPHE III.

Assim no lenho voador penetra  
O Luso Capitão, chovendo estragos,  
Pela inimiga frota.  
Quantos medonhos Genios

(1) Formado de sete couros de boi, sobrepostos uns aos outros.

(2) Tum demum præceps saltu sese omnibus armis  
In fluviam dedit: ille suo cum gurgito flavo  
Accepit venientem, ac mollibus extulit undis,  
Et lætum sociis, abluta cæde, remisit.

*Virg. Eneïad. L. IX. Vers. XXXV.*

Gera a destruição, e a guerra seguem,  
Com horrído estridor em torno delle,  
As negras azas batem !  
E aprezados conduz ao Patrio Porto  
Quantos baixeis Mouriscos  
Não salvára a fugida, o mar tragára!

EPODO III.

Menos brioso no cruento Ourique  
De cerrado esquadrão rompendo o centro,  
Das mãos do féro Abdalla  
A bandeira remio c'o a morte delle!..  
Nem ganhou tanta gloria  
Quando do impio Gamir dispersa as Hostes,  
O cercado castello libertando! (1)

STROPHE IV.

Fadidico Protheo, que a pugna via,  
Vezes tres meneando a frente algoza,  
« Que vasto incendio (exclama)  
« Este clarão promette!..  
« Quantas, correndo o tempo, as longas aguas  
« Terão de ensanguentar, batalhas Lusás !  
« Quantos Mares sem nome  
« Das Camenas na voz serão famosos!..  
« Que Promontorio, ou Praia  
« Não irão assombrar Pendões do Tejo!

ANTISTROPHE IV.

« Quantos potentes Reis largando o sceptro,  
« Do throno se derrubam!.. Quantos Reinos  
« No Culto seu recebem  
« Novas leis, e costumes!..  
« Que longinquas nações, em laços de ouro  
« Dativos commercio enlaça e prende!..  
« De que alto assombro cheia  
« Vê a Europa dos Mares levantar-se  
« N'um novo continente,  
« De males, e de bens perenne origem!

(1) Um dos muitos Regulos Mouros, que então occuparam as terras de Portugal. D. Fuas o commetteo, e derrotou obrigando-o a levantar o sitio, que havia posto a um castello nosso.

EPODO IV.

Ouvio do Vate a voz, e estremeceo-se  
Toda a Costa Africana !... a dura juba  
Sacudio despeitoso  
D'Adria o Leão rugindo!.. retumbaram  
Os Indicos Palmares,  
Correntes do Erythreo a côr perderam,  
E o fulgôr se eclipsou de Egepcias Luas!

(Costa e Silva).

---

**Tomada de Lisboa ; morte de Martinz Moniz.**

Achava-se Lisboa em 1147 possuida por uma grossa partida de Mouros, e o valoroso monarcha Portuguez D. Affonso Henrique, que não cessava de perseguil-os, apesar de não ter á sua disposição tropa numerosa, deliberou acommetter os infieis : passava então á Palestina uma armada de cruzados, que casualmente fundeara na bahia de Cascaes, e elles, annuindo de prompto ao convite que lhes fizera por um emissario aquelle monarcha, desembarcaram e tomaram a seu cargo cercar e combater a praia, pelo lado do mar, e depois de um assedio maior de cinco mezes, acommetteram os sitiantes a cidade no dia 25 de Outubro de 1153, e todos a um tempo : os Portuguezes escalaram os muros pelo lado de S. Vicente de Fóra, e d'ali até ás portas de Santa Catharina; os estrangeiros desde este ponto até o Tejo, por onde o inimigo muito tambem soffria da armada de cruzados, até que já fatigado do conflicto que durava por mais de seis horas, e tratando de recolher-se ao castello, como unico refugio que lhe restava, foi vivamente perseguido pelos que o combatiam, e dedicação extremosa de bravo Portuguez Martinz Moniz, que nesse dia pereceo, victima de

sua intrepidez, caindo no mesmo dia o Castello em poder dos Christãos: eis como a historia relata esta victoria.

Pretendiam os Mouros, fechando a porta do Castello, vedar aos portuguezes a sua entrada; gravissimo foi o combate nesta luta, mas Martim Moniz, que já se achava mortalmente ferido, e queria auimar os combatentes, deitou-se atravessado na porta, indicando aos seus a continuação do ingresso, indicação esta que despertou o animo dos sitiados a progredirem corajosamente no assalto, em seguir até que apoderaram-se do Castello, acção esta reputada justamente entre as primeiras que cobrem de gloria os antigos Portuguezes. O rei D. Affonso Henrique, querendo perpetuar acção tão gloriosa, mandou collocar o busto do nobre portuguez por cima da porta em que teve lugar essa acção heroica. Outros actos semelhantes praticaram alguns parentes de Martim Moniz, e é d'elle que descende Mem Rodrigues de Vasconcellos, o C'Aljubarrota.

---

**Valor de Gonçallo Mendes da Maia:  
(o Lidador).**

O Grande D. Gonçallo, o Lidador,  
Vencendo a Abuleimar lá junto a Béja,  
Outro panno mostrava : e o valor  
Com que os Lusos venceram tal peleja,  
O Rei de Tanger, cheio de furor,  
De novo o acommette; pois deseja  
A Mértola tomar : mas já desmaia,  
Sabendo lh'a defende o Grande Maia.

F. DO N. SILVA.

D. Gonçallo Mendes da Maia, por alcunha o Lidador, era genro de Egas Muniz, e tão forçoso, que até os noventa e cinco annos de idade, não havia armamento firme, que elle não quebrasse. Este fidalgo, e adiantado de D.

Affonso Henriques, venceu, junto á Béja, duas batalhas em um dia aos Mouros : porém na ultima, falleceo desalentado. Os Reis com quem ali pelejou, foram, segundo Duarte Nunes : Abuleimar e Aliboasem, Rei de Tangere. Os valorosos Portuguezes, que mais acompanharam a Gonçallo Mendes ; e de quem descendem muitas familias nobres de Portugal, foram : D. Gomes Paes da Silva, D. Egas Gomes da Silva, D. Godinho Fafes, D. Mendo Fernandes de Bragança, D. Sancho Nunes, D. Alvaro Rodrigues de Gusmão, D. Egas Pires Cornel, D. Gomes Mendes Gedeão, D. Sueiro, D. Reimão Ayres de Valladares, D. Nuno Soares, D. Moço Viegas, D. Monido Viegas, D. Gonçallo Vasques, D. Ligel de Flandres, D. Fernando Mendes, D. Paio Godiis, D. Ero Mendes de Molles, D. Paio Soares Sapata, D. Mem Muniz, D. Pedro Paes Escatha, D. Abaia, D. Paio Delgado, etc. Nun. na Chr. fl. 54. Brandão numera a estes fidalgos de outro modo, como se vê na pág. 3, da Mon. Lus. Liv. XI, Cap. XVI.

---

**D. Sancho I, (o Provador) 2.º Rei.**

As victorias de Sancho, tão sabidas,  
Uma bella pintura figurava :  
Com gentes da Cruzada, a si unidas,  
Elle Sylves, e Faro subjugava.  
As terras Andaluzes tão batidas  
Das tropas Lusitanas ; que mandava  
Este Grande Guerreiro, venturoso,  
Pai de Santas, Affavel e Piedoso.

SILVA.

Tres dias depois da morte de Affonso Henrique (a 9 de Dezembro de 1185), foi D. Sancho em Coimbra aclamado Rei de Portugal, tendo 31 annos de idade. Em 22 de

Julho de 1190 cercou a cidade talvez ajudado d'uns estrangeiros que hia com o Imperador Frederico, chamado o *Barba roxa*, a conquistar Jerusalem, que o seu ultimo Rei (Guido Lusigniano) tinha perdido. Jerusalem, tomado aos Mouros em 1099, passou depois a ficar no dominio dos infieis, por espaço de 90 annos, até que Godofredo de Bulhões (duque de Lotaringia) a retomou á custa de grande mortandade.

Sancho, com 12 mil homens, atravessou as terras dos Mouros até Sevilha, ali fez tamanho destroço, que o sangue dos feridos fez tingir as aguas do rio Guadalquivir. No meio de todos os movimentos bellicos, mandou edificar villas, cidades, edificios sumptuosos, etc.

Portugal, que assim caminhava, teve que soffre calamidades que Sancho, não as podia remediar, e via este grande homem com bem magoa, um povo soberano extinguir-se pela fome e peste; e por mais desgraça resistia com as armas na mão aos infieis, que lhe batiam á porta á cada hora e á cada instante (1).

Sancho forte mancebo, que ficára  
Imitando seu pae na valentia,  
E que em sua vida já se experimentára,  
Quando o Betis de sangue se tingia,  
E o barbaro poder desbaratara  
Do Ismaelita rei de Andaluzia,  
E mais quando os que Béja em vão cercaram,  
Os golpes do seu braço em si provaram.

(1) D. Sancho I, Rei de Portugal, com ajuda de uma armada dos Cruzados, tomou Silves no Algarve, em 1188. O Conde D. Mendo de Sousa, sobrinho do dito Rei, era o general das tropas de terra. Nesta occasião tomou D. Sancho I. Alvor, e o restante daquelle paiz, e se intitulou Rei de Algarve; e pôz ali por Bispo a D. Nicoláo. Mon. Lus. Pag. IV, Liv. XII, Cap. XIX. Nesta conquista falleceu D. Alvaro Martins, um dos valorosos Portuguezes daquelle idade. O Bispo de Coimbra, D. Martinho e seus nobres parentes muito ajudaram a D. Sancho nesta expedição.

Depois que foi por Rei alevantado,  
Havendo poucos annos que reinava,  
A cidade de Sylves tem cercado,  
Cujos campos o barbaro lavrava.  
Foi das valentes gentes ajudado  
Da Germanica armada que passava  
De armas fortes, e gente apercebida  
A recobrar Judéa já perdida.

— —

Passavam a ajudar na santa empreza  
O rôxo Frederico, que moveu  
O poderoso exercito em defesa,  
Da cidade, onde CHRISTO padeceu;  
Quando Guido co'a gente em sêdo accesa  
Ao grande Saladino se rendeu,  
No lugar onde aos Monros subejavam  
As aguas, que os de Guido desejavam.

— —

Mas a formosa armada, que viera,  
Por contraste de vento áquella parte,  
Sancho quiz ajudar na guerra fêra,  
Já que em serviço vai do santo martir:  
Assim como a seu pai acontecera,  
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,  
Do Germano ajudado, Sylves toma,  
E o bravo morador destroe e doma.

— —

E se tantos tropheos do Mahometa  
Alevantando vai, tambem do forte  
Leonez não consente estar quieta  
A terra usada aos casos de Mavorte:  
Até que na cerviz seu jugo metta  
Da soberba Tui, que a mesma sorte  
Vio ter a muitas villas suas visinhas,  
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas

(Camoës).

**Calamidades de Portugal, sob o reinado de  
Sancho I, e conducta deste na  
adversidade.**

Depois das victorias que Sancho ganhou aos Mouros, teve Portugal em 1191 de experimentar um flagello horroroso, não menos temivel que a guerra que foi (1). Torrentes de chuva pareciam querer destruir o reino, alagando tudo, e tudo por essa causa sendo destruido. De repente uma grande secca succedeu a esta inundação, a tornar o terreno tão duro, que não era possivel cultivar-o. A fome appareceu como resultado de todos esses males, matando a muitos e pondo outros em terriveis apuros. O Rei de Sevilha aproveitou-se desta calamidade para vingar os reis Mouros, seus compatriotas, das victorias conseguidas sobre elles pelo valor portuguez. Tendo sem duvida providenciado as suas tropas, deu começo a assolar Portugal, queimando tudo o que encontrava e apossando-se da maior parte do novo reino dos Algarves, ( que Sancho havia tomado). Os portuguezes achavam-se tão opprimidos de mi-

(1) O chronista Christovão Rodrigues Acenheiro, diz em sua linguagem antiga que as calamidades por essas eras foram taes que em Portugal cemoçou grande envernada de chuva, e durou até o primeiro dia do mez de Junho, em tal guiza que todalas meses de pão, e fruitas distruio, e despois que sesou a chuiva veo as meses grande multidã de vermes, que as comeo até a terra todas; e foi tam grande estio, que durou até quinze dias por andar de Janeiro; e sesando o estio, veo tam grande pestelencia nos homes da terra de Santa Maria, no Bispado do Porto, que em cada um lugar, se moravam muitos adur ficavam treze, e veo mais grãde dor nos homes da terra de Braga, que lhes parecia que ardiam dêtro em si mesmos, e assim morriam, e comiam os homes as viuhas e os agros, assim como besta (\*).

(\*) O chronista Ruy de Pina, no cap. 16, falla d'um espantoso eclipse do sol succedido no anno de 1199 e bem em outros capitulos traz varias allocuções do rei Sancho I, proferidas em diversas circumstancias que não as transcrevemos para não tornar demasiadamente extensa esta nossa obra.

seria, que mal se oppunham aos invasores. Sancho, que conhecia a situação dos seus, pôde conseguir sem dezar uma tregua de 5 annos.

---

**Homens notaveis do reinado de D. Sancho 1.<sup>o</sup> (1)**

**D. Alvaro Martins.**

Martim Muniz, genro de D. Sisnando.

Mem Muniz.

O Forte Mem Moniz o soccorria  
Mostrando neste aperto lealdade;  
Mouriscos Estandartes abotia  
A' força da feliz velocidade.

Mem Muniz, neto de Egas Muniz, ambos celebres fidalgos Portuguezes, indo com D. Sancho I á conquista dos Mouros de Andaluzia, abateo ali á força de seu invicto braço as luas agarenas, arvorando ao mesmo tempo as sagradas quinas Lusitanas. Já na tomada de Santarem, este valoroso Portuguez foi o primeiro, que depois de subido ao muro, ali arvorou a bandeira Portugueza: sendo tambem elle quem abriu a D. Affonso Henriques as portas de Atumarma.

Paio Guterres.

Guterres a Almada combatia  
Com força, mas maior felicidade:  
Motivo porque sua geração  
D'Almadas tem o nome e o brazão.

Paio Guterres, illustre Portuguez, foi chamado o Almadão, por elle em 1190, tomar a Villa de Almada ao

(1) Em um Capitulo especial faremos nominalmente menção dos grandes homens da nação Portugueza, que nos tem escapados no contexto deste nosso escripto.

Mouros, reinando D. Sancho I. Deste egregio tronco descendem os Almadras de Portugal, sempre famosos em todas as expedições militares, como mostraremos.

---

**D. Affonso 2.<sup>o</sup> (o Gordo) 3.<sup>o</sup> rei.**

Morto depois Affonso, lhe succede  
Sancho segundo, manso e descuidado,  
Que tanto em seus descuidos se desmede,  
Que de outrem quem mandava era mandado.  
De governar o reino, que outro pede,  
Por causa dos privados foi privado ;  
Porque, como por elles se regia,  
Em todos os seus vicios consentia.

---

Não era Sancho, não, tão deshonesto  
Como Nero, que um moço recebia  
Por mulher, e depois horrendo incesto  
Como a mãe Apprina commettia;  
Não tão cruel ás gentes e molesto.  
Que a cidade queimasse onde vivia;  
Nem tão máo como foi Heleogabálo,  
Nem como o molle rei Sardanapálo.

---

Nem era o povo seu tyranisado,  
Como Sicilia foi de seus tyrannos;  
Nem tinha como Phalaris achado  
Generos deshonestos inhumanos ;  
Mas o reino, de altivo e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A rei não obedece, nem consente,  
Quem não fôr mais que todos excellente.

---

Por esta causa o reino governou  
O conde Bolonhez, depois alçado

Por rei, quando da vida se apartou  
Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.  
Este, que Affonso o bravo se chamou,  
Depois de ter o reino securado,  
Em dilatal-o cuida ; que em terreno  
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

— —

Da terra dos Algarves, que lhe fôra  
Em casamento dada grande parte  
Recupera co'o braço, e deita fôra  
O Mouro mal querido já de Marte.  
Este de todo fez livre e senhora  
Lusitania com força e bellica arte,  
E acabou de opprimir a nação forte  
Na terra que aos Lusos coube em sorte.

(*Camões*).

Ruy de Pina, na chronica de Affonso II diz, que elle subio ao throno no mesmo dia em que seu pai D. Sancho I falleceo, na éra de 1212, e segundo outros foi no dia 27 de Março de 1211, tendo elle 25 annos incompletos. Casando de 16 annos com D. Urraca filha de Affonso IX, rei de Aragão, teve deste consorcio a D. Sancho e a D. Affonso, que governaram o reino um após do outro. Sua conducta no começo do seu reinado não foi boa, porém com o tempo mudou, e se tornou por boas leis que então fez amado do povo; de modo que os impostos não pesando muito sobre os seus subditos, consentia que as fortunas augmentassem. Os generos de primeira necessidade eram isentos de tributos. Declarando-se contra os infieis, mandou uma força consideravel aos reis de Castella e Aragão para ajudal-os contra os infieis. Sitiou a Alcaçer do Sal, que os Mouros occupavam, e vindo sobre elle os reis de Badajoz, Cordova, Sevilha e Jaen,

D. Affonso os desbaratou, deixando-lhe 30,000 sobre o campo do conflicto, entrando neste numero os reis de Badajoz e de Cordova. Depois venceu os reis de Jean e de Sevilha, que acommetteram em Elva, dando lugar a que elles fugissem vergonhosamente. Não satisfeito com estas victorias entrou na Andaluzia onde levou os Mouros em cruel destruição. Bom para com todos, só foi rigoroso com seus irmãos e irmãs, e por cuja causa teve graves contestações com seu cunhado o Rei de Leão, e com o Papa Innocencio III, testamenteiro de Sancho I. Diz Ruy de Pina, que o Papa o excummungou por ser desobediente. Morreo com 38 annos no dia 25 de Março de 1223, jaz no Mosteiro de Alcobaça, pertencente á ordem de S. Bernardo.

---

**Homens memoraveis no reinado de Affonso 2.<sup>o</sup>  
conforme Ruy de Pina.**

D Gonçallo.

Martin Affonso Tello.

D. Pedro Fernandes de Castro, chamado o Castellão.

Mratin Barreguam.

D. Matheus, Bispo de Lisboa.

Santo Antonio.

D. Soeiro de Viegas.

O Bispo de Lisboa Alcacer tira  
Do barbaro poder mais execrando:  
O qual cégo, espumando furor, ira,  
Seus bravos esquadrões vêm reforçando.  
A soberba dos Reis ali conspira  
Contra o Sacro Pastor e Venerando ;  
Que quatro derrotou vendo no Céu  
A Santa Cruz de Christo, alto troféo.

D. Soeiro Viegas, 2.<sup>o</sup> do nome e XII Bispo de Lisboa, pela conta do mappa de Portugal, tom. III, em 4.<sup>o</sup>, pag. 105, ganhou em Alcacer do Sal uma assignalada victoria dos Mouros, no reinado de D. Affonso II, a quem foi muito aceito. Este valoroso Prelado em 1219, ajudado de uma Frota de Cruzados, que por causa de temporal se tinha recolhido em Lisboa; e com dous mil soldados Portuguezes, ganhou esta expedição. Tres Reis Mouros, (outros dizem quatro) o de Badajoz, Cordova e Jaen, vinham auxiliar aos cercados de Alcacer com quinze mil de cavallo, quarenta mil de pé e muitas embarcações. Porém soccorreo o Céu aos Portuguezes, e trouxe em sua ajuda 32 vélas; e unidos os Cruzados aos nossos, derrotaram de tal sorte aos Mouros, que se afirma morrerem delles dous Reis, com trinta mil soldados; comendo juntamente o mar as embarcações inimigas, em que se tinham transportado aquelles infelizes Mahometanos. (Brand. Mon. Liv. XII, Cap. X). Já D. Affonso Henriques em 1158, a tinha livrado do jugo Mahometano; e nota Brandão, que se libertára Alcacer sem ajuda dos estrangeiros nesta occasião, em que a tiveram sitiada dous mezes; intentando-se em outras, porém sempre sem effeito, sendo elles auxiliaadores dos Portuguezes. Emfim, em 1191 se tinha perdido pela grande peste e fome, que affligia a todo o reino. (Brand. P IV., Liv. X, Cap. XVI).

Por este tempo foram martyrisados em Marrocos 5 religiosos Franciscanos Portuguezes, por cujo martyrio muito se gloriou S. Francisco de Assis.

---

**Santo Antonio (segundo Pedro de Mariz).**

Era Santo Antonio natural da Cidade de Lisboa, nascido, onde hoje está a Casa de sua invocação. Seu Pai se

chamava Martim de Bulhões, e sua Mãe Dona Thareja Taveira, ambos nobres em sangue, e virtudes. Aprendeo Fernão Martim de Bulhões (que assim se chamava o Santo) a lingua Latina e outras artes, com muito recolhimento e cuidado, até a idade de quinze annos: então se metteo em o Mosteiro de S. Vicente de Fóra, da Ordem de Conegos Regulares de Santo Agostinho; e sendo por sua virtude e nobreza alli muito visitado, se passou ao Mosteiro de Santa Cruz da Cidade, da mesma Ordem. E nella se achou ao tempo, que passaram os cinco Frades Menores, e depois quando as suas Reliquias vieram de Marrocos áquelle Mosteiro, tambem as recebeo nelle. Ficou tão desejoso de lhe ser semelhante na morte, que logo determinou mudar a vida, e habito. E communicando este seu desejo com uns Frades da mesma Ordem dos Menores de S. Francisco, que junto á esta Cidade viviam, e á ella vinham pedir esmola, elles lh'o louvaram, e dêram logo ordem, com que no mesmo Mosteiro de Santa Cruz, onde elle estava, recebesse o habito de sua mão com licença dos seus maiores, e com a mesma se foi com os Frades para a ermida, em que se recolhiam, que era da invocação de St. Antão Abbade, e lhe foi causa delle mudar o seu primeiro nome de Fernando em Antonio. Aqui esteve alguns dias, em os quaes havida a licença, que lhe já tinham promettido, se embarcou, e foi á Cidade de Marrocos; e posto que nella fez muita diligencia para alcançar a corôa, que tanto invejava aos cinco companheiros, não permittio Deos, que morresse cavalleiro de uma lança, senão acompanhado e seguido de grandes exercitos, que á sua imitação e com sua doutrina dilatassem a fé até morrer por ella. Antes determinando fazer delle grande casa, lhe deo tal enfermidade, com que se vio impossibilitado este seu heroico desejo.

Então se embarcou para Hespanha, com esperança de tornar á santa obra; mas sobresaltado de uma grande tormenta, foi aportar á Italia, onde foi recebido; e achando-se em um Capitulo Geral, que cada anno se costumava fazer, alcançou de um Fr. Graciano, que, assim doente como estava, o levasse á provincia de Romandiola em Italia, a um Mosteiro da sua Ordem, em que viveo algum tempo vida solitaria e santa, em uma cella apartada das outras, feita em uma lapa: aqui foi tanta sua abstinencia, que quasi se não podia pôr em pé, quando vinha tomar refeição com os Frades. Desta maneira o Varão de Deos, não conhecido, cheio de sabedoria, viveo como simples entre os simples; e fóra de toda a arrogancia, em qualquer sabio mui ordinaria, escondeo o lume de tanta graça e eloquencia em seu humilde coração muito tempo com apparencia de indouto, até que achando-se acaso em o Mosteiro de Forlivio, em Italia, entre outros muitos Religiosos de varias casas e religiões, que todos iam tomar ordens, foi constrangido a pregar no refeitório, de que todos os Frades presentes se tinham escusado com o caminho. Santo Antonio, obedecendo ao mandado, começou a pratica muito espiritual, mas de todo simples e sem arte, nem eloquencia; e nenhum dos presentes esperava mais delle; porque não lhe tinham visto outro signal de sciencia, senão algumas poucas vezes, que fallava latim. Mas porque tinha recebida a graça do Altissimo, e a memoria lhe servia de livro, tanto se levantou na pregação em eloquencia de palavras santas e mui doudas, e em profundeza de mysticas sentenças, que suspendeo e allumiou o entendimento de todos os presentes, que, como pasmados de cousa não esperada, confessavam, que nunca tal tinham visto, nem em homem humano tal imaginavam; e d'ali em diante o veneravam como

celestial sabedoria. Veio ás orelhas de S. Francisco esta nova, e com ella o mandou chamar; e achando nelle o que se dizia, o instituiu prégador, e constringeo, que exercitasse a graça, que de Deos tinha recebido. Neste apostolico exercicio promettendo o Santo de si cada dia mais grandezas, e conhecendo S. Francisco serem dons do Céu, ordeñou com que fosse o primeiro estudante em Santa Theologia naquella Ordem com Fr. Marisco Inglez, ordenado em um Capitulo Geral, onde aproveitou em poucos dias tanto, que os mestres se espantavam, e em seu louvor diziam maravilhas, das quaes provocado S. Francisco, mandou que ensinasse e lê-se a Santa Theologia aos seus Frades; e a elle o tinha em tanta estima, que lhe chamava o meu Bispo. Lêo Santo António em Montpellier de França, em Bolonha, Padua de Italia e em outras partes, communicando sua celestial sabedoria e sciencia angelica; e com a vida rigorosa e santa, em que era excellente, começou a fazer taes obras, que mais se espantavam da grandeza dellas, que do grande numero, sendo quasi infinito. Porque mandado por Custodio de Lemóges, em França, para pregar aos hereges, que n'aquelle tempo perseguiam a Igreja Catholica notavelmente, de tal maneira se houve com elles, que com a eloquencia os convencia, e com milagres os confundia; e em uma e outra se fazia maravilhoso ante os olhos de todos. Nesta santa e heroica empreza obrotu Deos pelo seu Santo infinitas maravilhas nas provincias de Italia e França, que ora vos não direi, por entender que não estareis sem a noticia dellas. Basta saber, que lhe viram o Menino-Jesus nos braços por muitas vezes, e que os peixos fóra d'agua ouviram sua pregação, que os homens tinham engeitado; e que bebeo peçonha de hereges, sem lhe fazer mal, e que pregando a diversas nações, era de

todos entendido; e em um mesmo instante era visto em varias partes; e que delle foi o demonio muitas vezes vencido publicamente; e que os Anjos da luz lhe levavam cartas. Emfim, depois de ser ministro de muitas obras da mão da Omnipotencia, de poucas vistas no mundo, e de muitos chamado Arca de letras sagradas, veio a passar desta vida (delle antes prophetisada) em a cidade de Padua, do senhorão de Veneza em Italia, anno do Senhor, mil duzentos e trinta, de sua idade trinta e seis: quinze em casa de seu Pai, dous no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, nove no de Santa Cruz de Coimbra, e na Ordem dos Menores mais de dez annos, cheios de admiravel doutrina, virtudes e milagres.

Morto Santo Antonio, e continuando Deos por elle as obras, que fizera na vida, o povo de Padua e de muitas outras cidades visinhas, de commum sentimento movidas, pediram ao Papa canonisasse o Santo, de quem tantos bens tinham recebido. Para isto se fez larga prova dos milagres, que em menos de um anno tinha feito; depois de seu transito achou-se, que subitamente déra saúde a muitas pessoas tolhidas de varias enfermidades, em diversas vezes; cinco paralyticos, cinco corcovados mui feiamente, seis cégos allumiados, tres surdos, seis mudos, dous curados de epylepsia, e outros muitos de febres e dous mortos resuscitados. Com isto, e com a certeza de sua santa e milagrosa vida, foi de commuin consentimento canonisado pelo Papa Gregorio IX, onze annos depois que passou desta vida, e ordenou-se, que sua festa se fizesse a 13 de Junho.

Neste mesmo dia, que foi em a cidade Spolletto canonisado, se fez em Lisboa, patria sua, um subito alvoroço, tangendo-se por si os mesmos sinos e campas, de que todos estiveram admirados, até que souberam a ver-

dade ; com a qual ficaram ensinados a fazer em o tal dia grandes festas, como sempre costumaram, sumptuosamente ; mas não com mais alvoroço e contentamento, que a cidade de Coimbra, que todos os annos por esse dia arde toda em festas e alegrias, muito para vêr e louvar. Os moradores de Padua, obrigados das mercês que recebiam deste Santo, o tomaram por seu Padroeiro e Defensor, e consagraram o altar-mór da sua Sé em seu nome, e sua festa celebram todos os annos com muita solemnidade e sempre acompanhada de milagres. E não satisfeitos os Paduanos, em o anno do Senhor, mil duzentos e cincoenta e nove, edificaram um grande e custoso templo em honra e nome de Santo Antonio : e no anno de mil duzentos e setenta e tres trasladaram a elle suas Reliquias, ao que o Cardeal S. Boaventura se achou presente e abriu a arca, onde o santo corpo estava havia trinta e dous annos ; e achando o corpo já resolvido, a lingua estava ainda inteira e fresca, com sua côr, como se fôra viva, a qual, depois de varias mudanças, que a devoção dos homens causou, está hoje em um rico sacrario transparente, em que se mostra inteira e fresca aos devotos e peregrinos.

Depois de canonisado, resuscitou um seu sobrinho em Lisboa, e mais outras quinze pessoas em diversas partes. E entre os infinitos milagres, que delle se celebram, contarei um notavel e gracioso. Uns hereges, por escarnerem dos milagres de Santo Antonio e da fé, que o povo nelle tinha, se foram á sua sepultura, um delles com um panno ensanguentado posto nos olhos, dizendo, que áquella hora lhe foram arrancados á força, e rogaram ao povo lhe alcançasse do Santo saúde. O zombador e ministro desta damnada obra, começou logo a gritar, e tirando o panno, acharam-lhe os olhos arrancados e pe-

gados nelle, com admiração dos catholicos, e tanta confusão dos hereges, que convencidos confessaram sua maldade, e reduzidos á fé, alcançaram do Santo saúde ao companheiro, e emendaram a vida. Além de todas estas grandezas, tem-se por averiguado, que não ha pessoa em toda a Christandade, que deste Santo não tenha alguma mercê miraculosa.

E na cidade de Padua é tão venerado, que estando nella outros corpos de Santos, só a este por excellencia chamam o Santo, e logo se entende Santo Antonio. E sua sepultura lança de si tão suave cheiro, que parece cousa do Céu: e tem-se averiguado por larga e exquisita experiencia, que nenhum judeo, nem infiel sente aquelle cheiro, só aos catholicos suavissimo; e ainda que se cheguem perto, não alcançam a celestial suavidade. E pessoa deste Reino, e nelle de muita autoridade em virtude e nobreza, fez experimentar esta maravilha com muito cuidado e prudencia, e achou-se tão verdadeira, que me deram ousadia para a publicar neste registro de heroicas obras.

---

**Sancho 2.<sup>o</sup> (o Capello) 4.<sup>o</sup> rei.**

Subio D. Sancho II ao throno Portuguez, no anno de 1223, e bem que ainda muito moço, não quiz desmentir o character de seus predecessores. Continuando a guerra contra os infieis, pôde com a perseverança de suas armas, tomar muitas praças, que estavam em poder delles.

A sua conducta severa, ou antes a sua indisposição contra os ecclesiasticos, fez que Innocencio IV o deposesse do throno, e chamasse á seu irmão D. Affonso, Conde de Bolonha, que por esse tempo estava em França.

Vendo-se assim desthronado, e seu irmão no governo

do reino, dirigio-se a seu primo El-Rei D. Fernando de Castella, para que o ajudasse, certo de que por sua morte (segundo escreve Acenheiro) lhe ficaria o reino; ao que annuo o rei, mandando a frente de muitos combatentes D. Affonso de Molina, irmão de seu pai, para o restituir ao throno; porém decretais Ponteficias intimidando aos generaes Castelhanos, dessuadio a D. Sancho de sua pretensão, e se retirou a Toledo, onde morreo de desgostos, a 4 de Janeiro de 1248, com 25 annos de reinado.

Bem que no throno D. Affonso, alguns senhores de Villas acastelladas, não o quizeram reconhecer como legitimo soberano, e para o que foi mister empregar a força, sendo entre elles o mais celebrado Martim de Freitas, que governava o Castello de Coimbra.

---

**Homens notaveis no reinado de  
D. Sancho 2.º**

Martim de Freitas.

Fernão Rodrigues Pacheco.

D. João, Arcebispo de Braga, que representou ao Papa Innocencio IV contra El-Rei D. Sancho, mostrando a sua incapacidade para o governo.

Martim Gil.

---

**Fidelidade de Martim de Freitas.**

Continuavam os successores de Affonso Henriques a seguir os planos e intentos de seu predecessor, libertando o reino dos poderes dos Mouros e dos Hespanhoes, mas o desgurado em que incorreo D. Sancho II, deo motivo a ser deposto do throno, e substituido por D. Affonso III.

Martim de Freitas, defendia então a cidade de Coimbra, altamente cercada pelo Conde de Bolonha; e nem promessas nem ameaças foram capazes de abalar os seus principios de fidelidade a D. Sancho II, que então se havia refugiado em Toledo, e, apenas morto, apresentou-se áquelle Martim de Freitas, um enviado do Conde de Bolonha, exigindo a entrega do Castello; mas elle, pedindo alguma demora para decidir-se a tal exigencia, marchou para Toledo, e depois de fazer abrir o tumulo de D. Sancho, beijou-lhe a mão, depositou sobre elle as chaves da Cidade e Castello, e retirando-se ao acampamento de Coimbra, declarou ao novo monarcha tomasse conta da Cidade e Castello, visto ser o Rei pela morte de D. Sancho. Foi Martim de Freitas prazenteiramente acolhido pelo novo monarcha, mas recusou continuar no commando do Castello e Cidade, que se lhe offerencia, declarando que lançaria a maldição á seus filhos, se recebessem o Castello com homenagem, e por ter estado sua fê em bastante risco de ser quebrada.

---

**Valor de Martim de Freitas descripto pelo  
chronista Ruy de Pina, em sua propria  
e antiga linguagem.**

Ho Conde como chegou ha Coimbra antes de fazer grãdes aparelhos para ho cerco, e cõbates mandou dizer ha Dom Martim de Freytas: « Que lhe entregasse ha Cidade, e ho Castello, como por muitas vezes jaa lhe mãdar a requerer, e por esso lhe faria muita mercee, por que se ho assi nom fizesse, que ho combateria, e ho cobraria tudo com sua perda, e dano. » E Dom Martim de Freytas lhe respondeo: « Que sua mercee poderia com-

prir sua vontade, e fazer ho que quizesse, porèm que fosse certo, que em quanto soubesse, que El-Rey Dom Sancho seu Rey, e Senhor, era vivo, que lho nom entregaria seem seu mandado, ou sabeendo, que era morto, e que ho nom ameaçasse com morte, nem perigos, porque tudo padeceria com boom coração por inteiramente comprir com sua lealdade. » Polo quaal ho Conde assentou seu cerco sobre ho Castello, e ordenou seus combates, com que logo, e depois ho combateo muitas vezes, em que de huma parte, e da outra ouve mortos e feridos.

Mas ho Alcayde, e hos que por sua defençam comsigo tinha eram taes, que hos cometimentos do Conde não aproveytavam pera cobrar ho Castello por força, da quaal cauza anojado ho Conde fez juramento ha Deos de nunca se levantar de sobre elle atee ho tomar por força, ou por fome, e assi ho fez porque ho cerco, foy tam porlongado, que hos de dentro por falecimento dágoa, e de provizões, que jaa nom tinham, como desesperados comiam, e bebiam couzas muy contrayras, e descostumadas da natureza humana, que nom ficáram bestas, caães, gatos vivos, nem hos couros das alimarias mortas. E sendo ho Conde desto certificado hos mandava afrontar, e requerer cada dia: « Que sedessem, e nom padecessem sem cauza, e por contumacia tam asperas cruezas, que ha sua taal façanha era vaã, que nom podia, nem devia levar aho diante ».

Aho que Dom Martim de Freytas por sua honra, e fama nom queria obedecer, e dice, que durando, este cerco, padecendo jaa de dentro grande, e mortaal necessidade de sede, que porque viram hum Cavalleyro do Conde cavalgado polo rio do Mondego passar, e que ho cavallo de farto nom provou agoa, e que hos de dentro magoados por sua mingoa, e envejosos da deemaventurança da alimaria, fizeram sobresso grandes lamentações, com que

alguuns, parentes, e amigos do Alcayde lhe aconselhavam: « Que pois hos padecimentos incomportaveis que sofriam sem esperança de ajuda, nem soccorro, estranho eram taaes, que jaa se nom podiaõ comportar, e elle no Regno era soo ho que sostinha taal profia, que por dar ha elle, e ahos seus has vidas, dèsse ho Castello aho Conde ».

Dom Martim de Freytas lhes respondeo: « Parentes, e meus amigos, que aqui estaaes, nunca Deos queyra, que obedecendo ha esse vosso concelho eu ponha tam grande magoa sobre minha limpeza, nem consinta tamanha traição sobre minha honra, e lealdade, nas quaaes todas encorreria se dèsse este Castello senom aque por minha menagem mo deu, em quanto elle for vivo, e ami nom fica por ver, e conhecer craramente has grandes tribulações que voos, e eu, e todos aqui padecemos, mas se voos quizerdes trazer ha vossas memorias, e poer ante estas vossas necessidades outras muito mayores fomes, e maalles, que muitos sendo cercados jáa padeceram, achareis que por manterem suas lealdades depois que totalas couzas lhe faleciam ha comerem has raizes das viz, ervas, se sosteveraõ, polo quaal deste temor, e afronta prazer aa ha Deos por sua piedade, que boom nome, e segurança nossa sedo nos livraraa, e em algum tempo vos alegrareis contardes ha vossos filhos, e amigos estes maales, que padeceis, com que nom acrecentareis pouco em vosso louvor, e merccimento, e obrigaçam de boondade, e lealdade, que ha outros em semelhantes cazos constrangeo, essa cazo nosso nos nom desobriga, ca em outra maneyra has vidas, que salvamos, duraram pouco dias, e ha infamia, e deshonor, que por esso recebemos, duraram pera sempre, polo quaal vos rogo, que em quanto poderdes nom me faleçais, e me ajude ca Deos nos acorreraa, e este maal prazendo ha elle non durar aa muito, e por ventura se al-

gum de voos pera seu serviço, ou pera outra sua deleytaçam tiverem dezejos de melhores dizeymo, que aqui estaa minha filha, que hee booa donzella, e que muito amo ha que eu mandarey, que em indo vos sirva de booamente, porque com melhor vontade consentirey, e menos medoe-raa, que ella perca ha vertude de sua virgindade, que por mingoa de voos outros, perder eu minha lealdade, e seer constrangido ha fazer tamanha trayçam, como seria daar como nom devo este Castello ha quem mo nom deu ».

Com estas palavras, que Dom Martim de Freytas dice, ficaram todos muito maravillhados, e louvando muito sua boondade, se esforçaram, e lhe prometeram, que ora fosse com rezam, ou sem ella, elles por satisfazer ha seu dezejo por algum cazo, e afronta, que sobreviesse, ho nom ley-xariam, antes todos morreriam primeyro com elle.

Estando Dom Martim de Freytas nesta afronta com ElRey, e avendo jaa hum anno, e quatro mezes, que ElRey Dom Sancho fora pera Castella, prouve ha Deos de ho levar deste mundo e falleceo em Toledo, como adiante direy, e sendo de sua morte certificado ho Conde seu irmão, tendo ainda ho cerco sobre Coimbra, como Principe em que avia muita prudencia, e grande piedade, mandou logo ajuntar muyto paõ, e vinho, e carnes, e pescados, e our-ras maneyras de refrescos, e mandou levar tudo aho Castello, enviando dizer aho Alcayde: « Que fosse certo, que ElRey Dom Sancho seu irmão era jáa falecido, e que lhe daria tempo, em que por elle em pessoa, ou por outrem, podesse aver desso verdadeyra certidam, cõ ha quaal entregasse ho Castello.

Dom Martim escolheo certificarse por sy mesmo. E ho Conde ho segurou da hyda, e estada, e seer livre atee tornar aho dito Castello, que entaõ se nom combateria. Dom Martim de Freytas chegou ha Toledo, e como quer que

por muito fosse certificado da morte delRey Dom Sancho, que no Moymento, que mostraram ho viram sepultar, elle ho nom quiz crer, mas por moor certeza fez tirar ha campa, que ho cobria, e como ho vio, e achou que em certo era aquello, se diz, que prezente muitas testemunhas, que trouxe por cumprir com sua menagem poz has chaves do Castello de Coimbra, que levava, no proprio braço direyto delRey Dom Sancho, e depois de lhe fazer por ellas entrega do dito Castello lhas tirou, e trouxe consigo ha Portugal, e desso tomou escritturas pubricas, e fez cerrar ho Moymento, e se tornou ha Coimbra, e dentro entrou secretamente no Castello, e aho outro dia mandou logo dizer aho Conde, que ho fosse receber, porque jaa lho podia entregar, e lhe devia obedecer: e que ha elle, e nom ha outro algum ho entregaria com booa vontade.

Ho Conde foy logo aho Castello, e ho Alcayde abrio logo has portas delle, e tomou ha molher, e ha filha, e has poz fóra dizendo: « Deyxemos este Castello ha cujo hee ». E com esso se poz de joelhos diante ho Conde, e com has chaves delles nas mãos alevantadas lhe dice: « Senhor, pois ha Deos prouve que ElRey Dom Sancho, vosso irmaão falecesse tomay vossas chaves, e vosso Castello, e daqui por diante eu vos servirey, e averey por Rey, e Senhor ». E logo amostrou aho Conde, e aa nobre gente que era com elle has escritturas das deligencias, que em Toledo por sua honra, e descargo fizera, e acertouse, que hum Cavalleyro do Conde, que era prezente dice ha Dom Martim de Freytas: « Que porque nom pedia perdam aho Conde, por quanto nojo, e des serviço lhe fizera, e por lhe ferir, e matar tanta gente, denegandolhe tanto tempo ha entrega, e obediencia do Castello, que era seu.

E Dom Martim em se querendo escuzar pera nom dever de pedir taal perdam, acudio muy prestes ho Conde,

e dice aho fidalgo, que ho reprehendia: « Que semilhante perdão em taal cazo Dom Martim nom era obrigado de pedir, porque elle nom fizera erro, mas tinha feyta booa façanha dina de boom Cavalleyro, e leaal fidalgo ». E por ella lhe tornava ha dar ho dito Castello pera elle, e pera todos hos que delle decendessem, fazendo menagem ha elle, e ha todos seus erdeyros. E Dom Martim lhe respondeo: « Que lho tinha muito em mercee; e mas que elle por alguma maneyra, nom tomaria ho dito Castello, antes lançava maldiçam ha seus filhos, e netos, e ha todos, que delle descendessem atee ho quarto graao se por Castello fizessem menagem ha Rey, nem ha outra pessoa de qualquer condiçam, que fosse.

E com esto assi concertado ho Conde leyxou ho Castello de Coimbra, como devia, e se tornou outra vez ha Celorico, onde Dom Fernam Rodrigues estava, & porque da morte delRey Dom Sancho, era jaa beem certificado, e assi sabia, que o Castello de Coimbra jaa era entregue, deu logo aho Conde ho Castello seem mais resistencia, nem cautella. Estes dous foram hos derradeyros Castellos de Portugal, que aho Conde obedecéraõ.

---

Qual Genio, ó musas! inspirou sublime  
Um novo pensamento d'honra e brio  
Ao grande heroe da lusitania gente,  
Que inda hoje ouvido assombra  
A patria Elysia, e o mundo?  
Mui leaes a seu rei os nobres Lusos,  
Sem as armas depór, sem dormir somnos,  
Velando no espigão do muro firmes  
Desse asperrimo cerco  
Féros combates soffrem.

Tu, claro Monda, os duros males viste :  
Curvados anciões, sagrados vates,  
Candidas virgens, pávidos infantes  
No regaço da fome  
Morriam cruas mortes. (1)  
Juncada de cadaveres a praça,  
Faltava pia terra, que os cubrisse,  
Faltava pyra funeral ardente,  
Que em chammas devorasse  
Os insepultos corpos.

Poucos varões, que restam, só lamentam  
De não morrerem na campina rasa,  
Em cheio guerreando, não fraternas  
Hostes, mas tropa imiga  
De estranha gente e reino.  
Assim os deuses sem piedade os Lusos,  
Entre apertos de morte, ou d'honra, deixam;  
Porém constante e forte em taes extremos  
Não cede aos duros astros  
O valoroso Freitas. (2)

Nem sêde ou fome, ou barbaro trabalho,  
Nem fatal risco, nem funesto nuncio  
Da morte de seu rei, o faz descer-se  
D'altas tenções fidalgas  
De peito excelso e firme.  
Sustenta a voz por Sancho; não consente  
Mingua em seu nome, que a algum outro ceda  
Esse castello, por que fez menagem,  
Té que vejam seus olhos  
Do rei defunto o corpo.

(1) Morrer morte e dormir somnos, não são pleonasmos, são elegancias antiquissimas na lingua; exemplos:

« Se o posso, ou devo dizer, Jesu-Christo  
N. S. não morreo morte tão honrada. »

PINA (CHO.)

Dormimos somnos alheios,  
Os nossos não os dormimos.

SA' DE MIRANDA.

(2) Martim de Freitas, alcaide-mór de Coimbra.

Este o pacto : por entre armadas filas  
D'esse attonito conde ; com semblante,  
Qual o de Jove quando desce o Olympto,  
Já parte o heroe sublime,  
Maior do que os seus fados.  
Entra em Toledo ; abre a fria campã ;  
Seu rei vê morto ; o regio corpo adora ;  
Põe-lhe as chaves na mão, e desobriga  
Mais puro que as estrellas,  
Sua palavra d'honra.

« Guardei-te, ó rei, a fé! » (disse medonho  
Com voz que o peito a todos estremece)  
E vêm mais magestoso, do que fôra,  
Entregar do castello  
Ao novo herdeiro as chaves.  
Espanta-se do feito o bravo Affonso, (1)  
Não visto d'antes ; e invejando a Freitas  
A gloria, com que vêm ; por tão formosa  
A acção trocar quizera  
O novo sceptro augusto.

A. R. DOS SANTOS.

---

### **Acontecimento singular entre dous Cavalleiros Portuguezes.**

Em 1245 debaixo do reinado de D. Sancho II, Martim Gil foi nomeado general do exercito para atacar os inimigos, cujo chefe, Rodrigo Sanches, filho natural de D. Sancho I, morreu neste combate. Foi no calor da acção, que Rodrigo de Abreu, um dos cavalleiros do exercito Real, encontrou no meio do conflicto Rodrigo Fafes, homem tão distincto por seu nascimento como por seu valor. Este, que havia perdido o seu cavallo, rogou a Abreu lhe quizesse dar aquelle em que montava. Suppunha que

(1) D. Affonso, Conde de Bolonha.  
TOM. I

Abreu moço, e vigoroso jámais lh'o recusaria ; mas este amava D. Mencia, filha de Fafes, e até aquelle dia, jámais tinha concebido a esperança que este Senhor quizesse conceder-lh'a. Assim, respondeo a Fabes : « O meu cavallo é vosso, mais debaixo de uuaa condição; que me nomeareis esposo de vossa filha, sem a qual não me agrada o existir. » Ella é vossa, respondeo Fafes impaciente de combater ainda, e para logo montando-se a cavallo se arrojou por entre os inimigos. Abreu que havia obtido por uma especie de subterfugio aquella que adorava, quiz pelo menos manifestar que elle tinha merecido igual ventura. Ainda que a pé combateo com excessiva coragem; e Fafes confessou que elle teria merecido sua filha por suas bellas acções, ainda mesmo que não tivesse aproveitado o favoravel momento de lhe fazer conferir a sua permissão.

---

#### **Anedocta relativa ao cerco de Celorico.**

D. Affonso, Regente de Portugal, tendo sido depois pa retirada de El-Rei D. Sancho II para a Hespanha, reconhecido por quasi todo o reino, houveram com tudo alguns governadores de praças que hesitaram. Deste numero foi Fernão Rodrignes Pacheco, alcaide-mór de Celorico e commandante do Castello. Cercado por D. Affonso, começavam-lhe a faltar viveres, e os seus soldados instavam que se rendesse, quando uma ave de rapina deixou por acaso cabir das suas garras uma truta, no momento em que passava por cima do castello. Pacheco concebeo a idéa de que a truta lhe poderia talvez servir de grande utilidade. Elle a enviou ao Regente, o qual persuadido que os sitiadores se achavam em abundancia,

levantou o cerco e se foi acampar diante de Coimbra. Celorico tem tido por armas, depois daquelle tempo, um passaro de preza que se assemelha a aguia.

(*Extrahido*).

---

**D'El-Rei D. Affonso III do nome, que chamam  
Conde de Bolonha, e de muitas cousas  
notaveis de seu tempo (segundo  
Pedro de Mariz).**

Porque não ficaram filhos a El-Rei D. Sancho, que no reino lhe succedessem, foi por concordia, e consentimento de todos os Portuguezes e autoridades do Summo Pontifice, levantado por Rei o Conde de Bolonha D. Affonso, que governava o reino, e foi o terceiro do nome dos Reis d'elle, por ser immediato successor, e mais propinquo herdeiro d'El-Rei seu irmão. Mas porque a Condessa de Bolonha Madama Mathildes, com quem El-Rei era casado, quando veio a governar Portugal, era de tanta idade, que não podia della esperar filhos: depois que se vio posto na dignidade Real, desejando accrescentar seu estado, e ter quem nelle lhe succedesse, e conformando-se com a opinião daquelles, que só o reinar acham sufficiente causa, para as leis justas se violarem, deixou o primeiro matrimonio, e casou-a segunda vez com D. Beatriz, filha bastarda d'El-Rei D. Affonso, o decimo de Castella, que chamaram o Sabio, e de D. Maria Guilherme de Gusmão, mui formosa dama Castelhana, filha de D. Pedro de Gusmão: com o mais rico e avantajado dote que até aquelle tempo se vio em Hespanha. Pelo qual dizem, que a Condessa sua primeira mulher, que em França ficára governando o seu condado de Bolonha, depois que

lhe não aproveitaram as muitas diligencias, que fez, para alcançar a vontade d'El-Rei seu marido, por meio d'El-Rei S. Luiz de França, seu parente, e de outros muitos Senhores da Casa Real, seus parentes e amigos, se queixou ao Papa Alexandre IV da sem justiça que El-Rei lhe fazia. O qual depois de processado legitimamente e bem consultado o negocio, julgou por sentença, que da segunda mulher se apartasse e ficasse com a primeira. E porque sendo-lhe notificada a sentença, não quiz obedecer a este mandado, procedeo o Papa contra elle com censuras ecclesiasticas, pondo geral interdicto em todo o Reino de Portugal, que por sua contumacia (em se não querer apartar da Rainha D. Beatriz, sua segunda mulher) durou nelle doze annos, que foram os que a Condessa Mathildes depois disto viveo. Por cuja morte, ficando El-Rei desembaraçado deste impedimento, tambem logo foi livre das censuras ecclesiasticas, que o seu reino tinham muito affligido, e a Rainha D. Beatriz havia por sua legitima mulher e os filhos, que já della tinha, por legitimos por dispensação Apostolica, que o Papa Clemente IV lhe concedeo liberalmente a rogo e petição dos Prelados e Nobres de Portugal. Por este casamento se ajuntaram á corôa deste reino muitas Villas e Fortalezas, na Provincia de Alentejo e o Reino dos Algarves, que foi dado a este Rei com todas as terras, que El-Rei seu sogro nelle tinha e que podesse conquistar as mais, que ainda os Mouros possuiam. Com tal condição, que elle e seus descendentes servissem a El-Rei seu sogro em sua vida, sómente com cincoenta de cavallo, todas as vezes que para isso fossem requeridos. Mas desta homenagem, e obrigação foi El-Rei livre dahi a poucos annos por intercessão de seu filho o Infante Dom Diniz, a quem El-Rei seu Avô fez esta, e outras mercês, quando em idade de

oito annos o foi visitar a Castella, posto que contra vontade dos Grandes daquelle Reino. Mas a liberdade d'El-Rei, e o muito, que queria a esta sua filha ( que as Historias de Hespanha muito engrandecem ) valeram nesta parte mais, que todas as contradicções de seus vassallos: ficando El-Rei de Portugal, e seus descendentes livre, e absolutos senhores de todo o Reino dos Algarves.

E além disto lhe fez doação em Castella da Villa de Niebla, com todas as Villas, e Castellos, e Comarcas, que lhe pertenciam, a que chamavam Reino; e na Provincia, que ora chamamos Além-Téje, lhe fez tambem doação das Villas Serpa, Moura, Mourão, e Moudar, sobre que depois houve muitas differenças. E moveo-se este Rei Dom Affonso de Castella fazer esta liberalidade a Portugal em gratificação das grandes ajudas de dinheiro, e gente, com que a Rainha sua filha o favoreceo em todo o tempo, que elle foi maltratado, e perseguido de seu filho Dom Sancho, que com outros, ao seu animo conformes, se levantou contra elle, e o desapossaram da maior parte de seus Reinos, e constrangeram a viver em tanta miseria, que se a Rainha de Portugal, sua filha, depois de viuva, scñão fôra a Sevilla acompanhal-o em tanta tribulação com muito dinheiro, e todas suas joias, sempre morrera miseravelmente. Mas com isto, e com trezentos homens de cavallo Portuguezes, que El-Rei seu genro lhe mandou, pagos á sua custa por muito tempo, pôde este Rei resistir aos rebeldes; e alcançando delles algumas victorias, segurar sua vida, que elles procuraram chegar ao ultimo fim.

Mas porque neste Reino do Algarve, quando lh'o deram havia ainda muitas fortalezas pelo Mouros possuidas, El-Rei Dom Affonso, a quem a ociosidade não aprazia, ajuntou muita gente de armas, e levando em sua companhia o Mestre de Avis, e Dom Paio Corrêa, de nação

Portuguez, Mestre da Ordem de Santiago em Castella, homem de muita fama, e grande casa, e muito esforçado Capitão, e que a Cidade Sylves em nove de Janeiro de mil duzentos e quarenta e dous, e outras principaes fortalezas dos Algarves tinha já conquistado, quando em serviço d'El-Rei de Castella andava. Com esta companhia começou o nosso Rei sua conquista com tanto favor de Deos, valentia de seus Capitães, e soldados, que em breve tempo (mas não sem grande resistencia) se fez senhor da Villa de Faro em o mez de Janeiro de mil duzentos e setenta, hoje já honrada com o titulo de Cidade; e das Villas de Loulé, e Albufeira, e outras muitas, lançando por força d'armas os Mouros de todo fóra daquelle Reino. Pelo qual não sómente ajuntou este novo Reino á sua Corôa, e Título; mas tambem accrescentou em o seu Escudo das Quinas a Orla, que o cerca, de castellos de ouro em campo vermelho, que eram as Armas daquelle Reino, e seu novo senhorio na Corôa de Portugal significam.

Na conquista destes lugares, e Reino do Algarve, aconteceu um caso estranho, e digno de memoria. Um Garcia Rodrigues Portuguez, no officio mercador, e no animo cavalleiro, e nobre, com quem o Mestre Dom Paio Corrêa nesta conquista se aconselhava, vindo de Faro para Tavilla com suas mercadorias, como muitas vezes costumava, soube, que certos Christãos, Cavalleiros do Mestre, estavam em meio daquelle terra cercados de grandissimo numero de Mouros, que com grande crueldade lhe procuravam a morte. Seguiu o mercador o rasto, até que chegou á vista delles: então conhecendo, que os Christãos não eram mais que seis, e não podiam escapar do grande numero dos inimigos, que com muita fereza, e barbaria os combatiam, foi-se aos homens, que trasiam a récua das mercadorias, e lhes disse, que se fossem com ella, e entre

si as repartissem igualmente, que elle hia morrer com aquelles Christãos, que em tanto aperto estavam, e que, se elle vivesse, não lhe faltaria de que se sustentasse. Foram-se os criados para suas terras, e o illustre mercador para onde os cercados Christãos estavam; e com sua presença, e ajuda não esperada cobraram de novo animo para vingarem bem suas mortes, que os Mouros lhe não dilataram muito. Ainda que logo foram elles, e outros da mesma terra bem castigados pelo Mestre, que vindo tarde ao soccorro destes, mandou, que a nenhum Mouro, que achassem, dessem vida; que foi logo feito animosamente, e com notavel estrago de toda aquella terra, que por estar então de paz com o Mestre, poderam fazer aquella crueldade, e depois de serem tambem castigados.

---

**Homens notaveis do reinado de D. Affonso 3.<sup>o</sup>**  
**(D. Paio Corrèa).**

Entrou depois de Sancho a governar  
O Reino, D. Affonso, o Bolonhez;  
Censuras não fizeram moderar  
A teima do monarcha Portuguez.  
Nas terras Algarvias vio brilhar  
A D. Paio Corrèa; e desta vez  
Aquelle reino fica desprendido  
Do jugo mauritano aborrecido. SILVA.)

O mais saliente cavalleiro do reinado de D. Affonso III, foi sem contestação, como affirmam os chronistas Christovão Rodrigues Acenheiro e particularmente Ruy de Pina descrevendo o valor e exforços deste inclito varão, que D. Affonso no governo de Portugal, intentou a conquista do Algarve, que já tinha invadido pelas armas Portuguezas em tempos passados.

D. Paio Peres Corrèa, ajudado de Garcia Annes, e de outros cavalleiros tomou a cidade de Faro, que governava

Abem Barah, e capitulando o Mouro, passou a ser governada pelo Portuguez Estevão Pires. D. Paio Corrêa, em seguida ajudado de D. Lourenço Affonso, tomou Albaseira, Loulé e Algessur.

Nestas expedições militares muito se distinguiram o alferes-mór João Affonso, D. Affonso Telles, D. Gonçallo Telles de Belmir, D. Mem Paes, D. Fernando Garcia, Alvaro Garcia, Beltram de Caya Duram Vaz, Mem do Valle e Pedro Rodrigues

---

**D. Diniz (o Lavrador) 6.º rei.**

Eis depois vêm Diniz, que bem parece  
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina,  
Com quem a fama grande se escurece  
Da liberalidade Alexandrina.  
Com este o reino prospero floresce  
(Alcançada já a paz aurea divina)  
Em constituições, leis e costumes,  
Na terra já tranquilla claros lumes.

---

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva;  
E de Helicon as musas fez passar-se  
A pisar do Mondego a fertil herba.  
Quanto póde de Athenas desejar-se,  
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:  
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,  
Do baccharo, e do sempre verde louro.

---

Nobres villas de novo edificou,  
Fortalezas, castellos mui seguros;  
E quasi o reino todo reformou  
Com edificios grandes, e altos muros.  
Mas, depois que a dura Atropos cortou  
O fio de seus dias já maduros,  
Ficou-lhe o filho pouco obediente  
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

(Camões).

Morto Affonso, Diniz I lhe succede pelos annos de 1279, no throno de Portugal. Seu genio pacifico em vez de armas, entregou-se á outros cnidados de grande valia e apreço. As sciencias e artes, as letras e a poesia foram principalmente os objectos dos seus desvelos e favores, e por isso, desejando o seu mór incremento, fundou a celebre Universidade de Coimbra sobre os alicerces da antiga. Passando uma mocidade feliz, no meio de um povo, que o idolatrava, e mui amado de uma esposa virtuosa (Izabel de Aragão), teve por fim de experimentar algumas perturbações, devidas ás imprudencias de um filho, que lhe succedeo com o titulo de Affonso IV.

---

#### **Incremento que D. Diniz deo a Portugal.**

D. Diniz, foi Monarcha amantissimo de seus vassallos, Pio, Liberal, e Pai da Patria. Instituiu D. Diniz a Universidade de Coimbra, a Militar, Ordem de Christo, etc. Entre as Cidades, que fez engrandecer, são nomeadas: Braga, Porto, Miranda, Guimarães, Villa Real, Obidos, etc., além de 44 Villas pequenas que, ou fundou, ou ampliou.

---

#### **Liberalidade de D. Diniz.**

As liberalidades de D. Diniz foram: não vexar seus povos com impostos novos, e fóra do Reino, indo elle á Badajoz, visitar a D. Fernando de Castella, lhe deo cincoenta e cinco mil cruzados de ouro, e uma copa de onze mil e tantos cruzados. O mesmo Rei, indo á Aragão, deo vinte mil doblas gratuitas ao Rei d'aquella Corôa, e fez outros grandes donativos a Reis e a Fidalgos. Em toda esta viagem

comeo El-Rei á sua custa sempre, por não vexar aos Hespanhoes. Mil Fidalgos com suas equipagens o acompanharam então; e os Prelados seguintes: D. Giraldo Martins de Soalhães, Bispo de Lisboa; D. Giraldo Domingues, Bispo do Porto; e o Abbade de Alcobaça D. Pedro Nunes, Capellão Mór. (Mon. Lus. P. VI, Liv. VIII, Cap. XI). Succedeo esta jornada em 1304.

---

**Homens notaveis no reinado de D. Diniz.**

Martim Gil de Sousa.

D. Gonçallo Pereira, Bispo de Lisboa, e pai de

D. Fr. Alvaro Gonçalves Pereira, que foi pai de Nuno Alvares Pereira.

D. João Simão.

Fernão Rodriguês Redondo.

Martim Gonsalves de Sousa.

Mem Rodrigues de Vasconcellos.

Santa Izábel Rainha de Portugal, mulher de D. Diniz.

Esta preclarissima mulher, tinha uma aversão extrema (diz o Padre Sarmento), a todas as Canções profanas, e em lugar dellas aprendeo de memoria todos os Hymnos, de que usa a Igreja para louvar a Deos. Desprezava o luxo das galas e modas, que tanto são appetecidas pelas pessoas do seu sexo, e qualidade. Era tambem inimiga dos jogos, e outros inuteis divertimentos; e o tempo que as outras perdem em vaidades, visitas, e bagatelas, empregava a Santa em varios exercicios de caridade, e devoção.

Todos estes preciosos dotes levou Izabel ao estado do Matrimonio (a que foi obrigada por seus Paes, apenas chegou a cumprir doze annos de idade), porque a mudança de estado nada lhe alterou os costumes. D. Diniz

Rei de Portugal lhe foi dado por Marido. E supposto, que o que elle procurava era mais a formosura do corpo e nobreza do sentimento, do que a virtude do espirito; com tudo, não lhe poz impedimento algum para poder continuar os seus espirituaes exercicios.

Valendo-se pois desta liberdade a virtuosa Rainha, observa em Palacio uma fôrma de vida mui semelhante á das mais exactas Religiosas, para cujo effeito ordenou um methodo, que lhe occupava todo o tempo, distribuindo as horas, e exercicios por conselho, e disposição de Directores prudentes, de modo que nada fosse incompativel com o seu estado, nem causasse aos outros algum incommodo.

Levantava-se de manhã cedo: e depois de algumas orações vocaes, que recitava com grande fervor, passava algum tempo na meditação das Verdades eternas. Resava depois Matinas, Laudes, e Prima do Officio divino, antes de assistir ao Santo Sacrificio da Missa, no qual frequentemente commungava, procurando com este celeste alimento adquirir bastantes forças para o exercicio das virtudes.

Todas as outras horas do dia ella santamente as occupava em attender ao bom regulamento dos seus cuidados domesticos, ou em satisfazer os deveres do proprio estado, em que era fidelissima, ou em lêr a sagrada Escriptura, ou por outros livros de piedade, ou finalmente em algum trabalho de mãos, para nunca estar ociosa.

E por mais razões que lhe propunham para a induzir á practica de uma vida menos austera, e conformar-se em tudo aos costumes do seculo, ella respondia sempre: « Que Jesus Christo, Suprema Verdade, não se chamava Costume ». E quando por outra parte lhe representavam, que aquelle seu theor de vida não convinha á qualidade de Rainha, ella respondia: « Que a mortificação no Throno é tanto mais necessaria, quanto alli as paixões são mais fortes, e os perigos maiores, e mais frequentes. »

Além dos jejuns, prescriptos pela Igreja, ella observava tres cada semana: o Advento todo inteiro: desde o dia de S. João Baptista até o da Assumpção da Senhora, e passados poucos dias começava outra Quaresma até o dia de S. Miguel. E nos dias, em que não jejuava, observava uma estreita parcimonia, tanto no comer, como no beber, a fim de ter sempre o espirito bem disposto para a meditação das cousas divinas.

A caridade para com os pobres foi uma das suas principaes virtudes; e costumava dizer, que Deos a elevára ao Throno para poder dar maiores esmolas. E por isso procurava ter noticia das pessoas necessitadas para soccorrel-as. E se padeciam enfermidades, algumas vezes as visitava, consolava, e favorecia.

Dotou-a tambem Deos de um talento particular para reconciliar os animos, e pacificar as discordias. O que logo se ouviu, quando o Duque D. Affonso, irmão de seu Marido, tendo uma grave differença com este Principe sobre a posse de algumas terras, cujo dominio cada um delles pertendia, e estando o Reino por este motivo ameaçado de uma guerra civil, Izabel se interpoz, como mediadora. E para se concluir a paz com presteza, ella, que não tinha apego ás cousas visiveis, cedeo espontaneamente ao Duque, por modo de compensação algumas das suas terras.

E renascendo por esta controversia uma geral sobrelevação em Lisboa entre o Povo, e a Nobreza, a tempo que um, e outro partido estavam em termos de medirem as armas; a Santa, montando a cavallo, e mettendo-se pelo meio dos dous partidos, com razões, e rogativas, proprias do seu discurso e do seu espirito, socegou e desfez o tumulto.

Por este amor de Izabel para com a paz, e concordia

dos animos, a fim de evitar as offensas de Deos, se pôde bastantemente inferir, quanto haveria de padecer na sua propria casa, achando-se em continua precisão de vêr as desordens de seu Marido ! Ella não podendo dissimular as suas dissoluções, já por todos conhecidas, sim lhe tocava de tempo em tempo a este respeito ; mas sempre sem aspereza, como quem não ignorava, que os lamentos e transportes nesta materia tanto não emendam aos Maridos, que antes de modo ordinario os fazem mais furiosos.

A sua maior diligencia nesta parte era rogar ao Céu pela conversão do real consorte, mostrando-se insensivel á sua propria injuria, porque todo o seu pezar consistia na offensa que se fazia a Deos. E era tal a sua humildade a este respeito, que chegou a cuidar na educação dos filhos illegitimos d'El-Rei, como se fossem seus proprios. E chegaria ainda a mostrar por signaes extremos a benevolencia que conservava para com as mãis dos mesmos, se não temesse o parecer por este modo, que tacitamente approvava o seu peccado.

Mas, sem embargo de tanta humildade e prudencia, ainda teve a Santa muito que padecer, por causa de um calumniador, que suggerio e fez crêr ao Rei, que ella tinha commercio illicito com o pagem de que usava para a distribuição das occultas esmolas que fazia. Era este pagem um mancebo virtuoso, que gostava muito de que a Rainha o empregasse n'aquellas obras de caridade. E o accusador era outro pagem d'El-Rei, que por diabolica inveja inventou aquella negra calumnia.

Acreditou o Rei facilmente a impostura, medindo pelo seu, o coração da Rainha. E para toniar occulta vingança da imaginada offensa, um dia, que sahio a passeio até o sitio de Alcantara, dirigio-se para um forno de cal, e chamando á porta o administrador delle, lhe disse, que no

dia seguinte mandaria ali um seu Pagem. E lhe ordenou juntamente, que perguntando elle: « se estava cumprida a ordem d'El-Rei? » Isto lhe servisse de signal para o lançarem logo no forno.

Com effeito, no seguinte dia mandou El-Rei o Pagem da Rainha fazer aquella pergunta no tal forneiro de Alcantara. Mas passando por uma Igreja (que dizem ser a da Freguezia de Santos) quiz ouvir uma Missa, segundo o seu louvavel costume. E achando uma no Altar, porém já adiantada, resolveu-se ainda ouvir outra inteira.

Entretanto o accusador, que vira partir ao innocente Pagem, e era sabedor da Ordem régia contra elle passada, foi perguntar ao administrador do dito forno se estava já cumprido o que El-Rei mandára? E logo o forneiro, julgando que aquelle era o mesmo por El-Rei insinuado, o fez pelos seus socios lançar no meio do forno, aonde brevemente se reduziu em cinzas.

Chegou pouco depois o Pagem da Rainha, e fazendo a mesma pergunta ao Administrador do forno, lhe respondeu elle: « Podeis dizer á Sua Magestade, que eu já cumpro o que elle hontem me ordenou ». Ouvindo isto El-Rei, e reconhecendo n'aquelle successo a Mão poderosa de Deos, que punira ao calumniador, e preservara ao innocente; ficou confuso, e juntamente convencido da pureza de Izabel, o que muito contribuiu para elle se resolver a emendar-se nas suas desordens.

Aconteceu ainda outra desgraça, que não causou menor afflicção á Santa. Seu filho D Affonso, já na idade de trinta annos, enganado pelos seus máos Conselheiros, rebelou-se contra El-Rei seu Pae, por cuja causa começou-se a accender uma guerra de consequencias funestissimas. Fez D. Izabel quanto pôde para extingui-la; e além de muitas orações, e penitencias de que se valeo para appla-

car a ira divina, instou efficazmente ao Filho mostrando-lhe a impiedade, e injustiça de levantar as armas contra o Pai, que lhe déra o ser.

Porém no tempo em que ella assim se portava pelo bem da paz, com sincero coração, foi accusada para com o Rei, de favorecer a rebelião do Filho, auxiliando-o secretamente. E logo o Rei, nimiamente facil em dar credito ás calumnias, privando-a das suas rendas, a fez exterminar para a Villa de Alemquer.

Então muitos Fidalgos, bem persuadidos da sua innocencia, e não menos desgostosos da injustiça que se lhe fazia: lhe offereceram dinheiros e tropas, e ainda algumas praças, em que poderia viver com segurança, e sem alguma dependencia. Porém ella, em vez de aceitar aquellas offeras, exortou aos proponentes a manterem-se firmes e constantes na fidelidade, e obediencia, que todo o bom vassallo deve conservar para com o seu Sobe-rano.

Até que por fim, desenganado o Rei, a fez voltar para a côrte, aonde se lhe excusou publicamente, e por attenção sua perdôou ao Infante seu Filho. Aproveitou-se a Santa Rainha desta occasião favoravel, pelo grande amor, que sempre depois lhe mostrou seu Marido, para o confirmar nas suas pias resoluções de proseguir no caminho da salvação; e para attender com elle ao bom governo do Estado, occupando-se juntamente no exercicio das boas obras.

Tendo já este principe quarenta e cinco annos de reinado, sobreveio-lhe uma longa e penosa molestia, que o levou á sepultura: e a Rainha sua consorte, servindo-o com o maior cuidado, e assistencia continúa, teve a justa consolação de o vêr receber os Sacramentos da Igreja

com disposições edificantes, e por ultimo espirar aos seus olhos nos mesmos bons sentimentos.

Mas ainda que a sua dôr foi extrema, não foi menor a sua conformidade. E como não tinha apego ao Mundo: logo que se romperam os laços, que nelle a retinham, recolheo-se no seu oratorio; aonde humildemente prostrada, se offereceo toda ao Divino Salvador, supplicando-lhe com fervorosa instancia, que a recebesse em o numero das suas mais humildes servas. E depondo logo as regias galas, cortou-se a si mesma os cabellos, vestio-se no habito de Santa Clara, e voltando com este religioso apparatus, para onde estava o corpo do Rei defunto, rogou aos Grandes, que ali se achavam, que não a tratassem já como sua Rainha.

E passados alguns dias em jejuns, vigalias e orações, em beneficio da alma do Rei, retirou-se para o Mosteiro de Santa Clara, que havia fundado em Coimbra, aonde por sua vontade professaria o religioso instituto; porém as rogativas de varias pessoas pias, e doutas a obrigaram a satisfazer-se com viver só (sem professar) como verdadeira religiosa.

Desde então os seus jejuns eram ainda mais frequentes, e quasi sempre de pão e agua. E occupada toda no exercicio das boas obras; os pobres, as viuvas, os orfãos e os presos achavam nella uma mãe caritativa, uma poderosa protectora e uma redemptora tambem os miseraveis captivos, que estavam em poder dos infieis.

Grassando n'aquelle tempo uma grande fome em Portugal, e particularmente na Cidade de Coimbra, occorreo a Santa a esta fatal penuria, fazendo vir trigo com abundancia de varios paizes, de maneira que todos confessavam dever-lhe a vida. E tendo ella já feito, depois da morte de seu Marido, uma devota peregrinação até a

**Igreja de Sant-Iago de Compostella, emprehendeo ainda no anno de 1335 uma segunda romaria ao mesmo Templo, por occasião de novas indulgencias. E com effeito a fez a pé, acompanhada sómente de duas criadas, com as quaes hia mendigando por todas as terras.**

Na volta desta viagem soube a Santa, que seu filho D. Affonso, Rei de Portugal, e seu neto D. Affonso, Rei de Castella, estavam em grande discordia, e já em termos de entrarem em guerra; e como ella recebêra do Céu o dom singular de pacificar as dissensões, e introduzir a paz nas familias, partio sem demora para reconciliar os dous Reis; porém cahindo enferma na Villa de Estremoz, sobre as fronteiras de Castella, reconhecco que estava proximo o fim de sua vida.

Pedio logo o Sagrado Viatico, que recebeu com piedade summa, posta de joelhos ao pé do Altar, vestida com o seu habito ordinario da Terceira Ordem de S. Francisco. E depois de dar graças e exhortar ao Rei seu filho, a fazer a paz, e praticar uma vida virtuosa, recebeu a Extrema-Unção, com os mesmos sentimentos de fervor.

E pedindo então que a deixassem só, appareceo-lhe neste retiro a Santissima Virgem, a quem ella frequentemente invocava, e a encheo de tantas e taes consolações, que pela grande alegria, que mostrava no seu rosto, dava bem a conhecer o extremo jubilo de que estava gozando o seu espirito, até que, sobre a tarde do dia 4 do mez de Julho do anno de 1336, rendeo a ditosa alma ao seu creador, no sexagesimo quinto anno, da sua idade.

Já na sua vida era chamada Izabel, a Rainha Santa: e muito mais ainda depois de morta. O Rei seu filho fez transportar o seu corpo a Coimbra, aonde com magnificencia regia, foi sepultado na Igreja de Santa Clara, como

ella queria. E as muitas graças que o Céu concedeo por sua intercessão, fizeram ainda mais celebre o seu nome.

O Papa Leão X, permittio logo, que se honrasse publicamente a sua memoria na Cidade de Coimbra. E o Summo Pontifice Paulo IV, extendeo esta permissão para todo o Reino de Portugal na era de 1612, passados 276 annos, depois de morta a Santa Rainha. O seu corpo se achou todo inteiro, e incorrupto em tempo d'El-Rei D. Pedro II, na solenne trasladação, que d'elle se fez para a magnifica Igreja do novo Mosteiro das Religiosas de Santa Clara, da dita Cidade de Coimbra; tendo já sido canonisada a Santa, pelo Papa Urbano VIII, em 25 de Maio de 1625.

---

**D. Affonso 4.º (o Bravo, 7.º Rei).**

O Bravo D. Affonso (impaciente  
Do governo do pai) lhe succedeo;  
E teima tão sagaz, e impertinente,  
Sua fama bem pouco ennobreceo

Este monarcha, de um proceder reprehensivel, foi máo fillo, pessimo pai; porém dizem que, apesar d'isso, era dotado de um coração flexivel. Desde os seus verdes annos, teve a seu lado homens probos, que não lisongeariam seu altivo genio; quando subio ao throno, do mesmo modo encontrou ministros dignos de um Rei, que sabiam occupar a nobre posição que tinham, chegando um delles em certa occasião a dizer-lhe — *que convinha que S. A. se corrigisse senão... Senão o que?* lhe tornou Affonso, com aspereza. — *Senão escolhermos outro Rei, que bem nos governe, e melhor saiba cumprir seus deveres.* — Affonso, de então para cá, inudou de conducta, e entrando

em seus deveres, combateo os sarracenos, e ganhou a famosa batalha do Salado, dada á Hespanha, sob o dominio dos infieis, em 29 de Outubro de 1340, ficando sobre o campo inimigo 200,000 musulmanos. Quasi no fim de seu reinado, por máos conselhos, mandou matar a D. Ignez de Castro, mulher legitima de D. Pedro I, que lhe succedeo na corôa, em 1357.

— — —

Este sempre as soberbas Castelhanas  
Co'o peito desprezou firme e sereno ;  
Porque não é das forças Lusitanas  
Temer poder maior, por mais pequeno.  
Mas porém, quando as gentes Mauritanas  
A possuir o Hesperico terreno  
Entraram pelas terras de Castella,  
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

— — —

Nunca com Semiramis gente tanta  
Veio os campos Hydaspicos enchendo;  
Nem Attila, que Italia toda espanta,  
Chamando-se de Deos açoute horrendo,  
Gothica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co'o poder excessivo de Granada,  
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

— — —

E vendo o Rei sublime Castellano  
A força inexpugnabil, grande e forte,  
Temendo mais o fim do povo Hispano,  
Já perdido uma vez, que a propria morte;  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a charissima consorte,  
Mulher de quem a mända, e filha amada  
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

Entrava a formosissima Maria  
Pelos paternaes paços sublimados;  
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,  
E seus olhos em lagrimas banhados:  
Os cabellos angelicos trazia  
Pelos eburneos hombros espalhados:  
Diante do pai lédo, que a agasalha,  
Estas palavras taes chorando espallia :

— —

Quantos povos a terra produzio  
De Africa toda, gente féra e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio,  
Para vir possuir a nobre Hespanha.  
Poder tamanho junto não se vio,  
Depois que o salso mar a terra banha :  
Trazem ferocidade e furor tanto,  
Que a vivos, mêdo, e a mortos faz espanto !

— —

Aquelle que me déste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co'o pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe está da Maura espada;  
E, se não fôr comtigo soccorrido,  
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada;  
Viuva, e triste, e posta em vida escura,  
Sem marido, sem reino, e sem ventura!

— —

Por tanto, ó Rei, de quem com puro mêdo  
O corrente Muluca se congela;  
Rompe toda a tardança; acude cêdo  
A' miseranda gente de Castella.  
Se esse gesto, que mostras claro e lédo,  
De pai o verdadeiro amor assella,  
Acude, e corre pai; que se não corres,  
Póde ser que não aches quem soccorres.

Não de outra sorte a tímida Maria  
Fallando está, que a triste Venus, quando  
A Jupiter seu pai favor pedia  
Para Eneas seu filho navegando;  
Que a tanta piedade o commovia,  
Que, cahido das mãos o raio infando,  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

---

Mas já co'os esquadrões da gente armada  
Os Eborenses campos vão coalhados;  
Lustra co'o sol o arnez, a lança, a espada;  
Vão rinchando os cavallos jaezados.  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações á paz acostumados  
Vai ás fulgentes armas incitando,  
Pelas concavidades retumbando.

---

Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias Reaes acompanhado,  
O valeroso Affonso, que por cima  
De todos leva o collo alevantado;  
E sómente co'o gesto esforça e anima  
A qualquer coração amedrontado.  
Assi entra nas terras de Castella  
Com a filha gentil, Rainha della.

---

Juntos os dous Affonsos finalmente  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Para quem são pequenos campo e monte.  
Não ha peito tão alto e tão potente,  
Que de desconfiança não se affronte,  
Em quanto não conheça e claro veja  
Que co'o braço dos seus Christo pejeja.

Estão de Agar os netos quasi rindo  
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,  
As terras como suas repartindo  
Ante-mão entre o exercito Agareno;  
Que com titulo falso possuindo  
Estão o famoso nome Sarraceno:  
Assi tambem com falsa conta e nua  
A' nobre terra alheia chamam sua.

— — —

Qual o membrudo e barbaro Gigante,  
Do Rei Saul com causa tão temido,  
Vendo o Pastor inerme estar diante  
Só de pedras e esforço apercebido;  
Com palavras soberbas o arrogante  
Despreza o fraco moço mal vestido,  
Que rodeando a funda, o desengana  
Quanto mais póde a fé, que a força humana .

— — —

Dest'arte o Mouro perfido desprezo  
O poder dos Christãos; e não entende  
Que está ajudado da alta fortaleza  
A quem o inferno horrifico se rende.  
Com ella o Castelhana e com destreza  
De Marrocos o Rei commette e offende;  
O Portuguez, que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao reino de Granada .

— — —

Eis as lanças e espadas retiniam  
Por cima dos arnezes, (bravo estrago !)  
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,  
Uns Mafamede, e os outros Sant-Iago.  
Os feridos com grita o céu feriam,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogavam,  
Quando do ferro as vidas escapavam.

Com esforço tamanho estrue e mata  
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.  
De alcançar tal victoria tão barata  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vai ajudar ao bravo Castelhana  
Que pelejando está co'o Mauritano.

— —

Já se hia o sol ardente recolhendo  
Para a casa de Tethys, e inclinado  
Para o Ponente o Vespero trazendo  
Estava o claro dia memorado ;  
Quando o poder do Mouro grande e borrendo  
Foi pelos fortes Reis desbaratado  
Com tanta mortandade, que a memoria  
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

— —

Não matou a quarta parte o forte Mario  
Dos que morreram neste vencimento,  
Quando as aguas co'o sangue do adversario  
Fez beber ao exercito sedento ;  
Nem o Peno, asperrissimo contrario  
Do Romano poder de nascimento,  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

— —

E se tu tantas almas só pudeste  
Mandar ao reino escuro do Cocyto,  
Quando a Santa Cidade desfizeste  
Do povo pertinaz no antigo rito ;  
Permissão e vingança foi celeste,  
E não força de braço, ó nobre Tito,  
Que assi dos Vates foi prophetisado,  
É depois por JESU certificado.

Passada esta tão prospera victoria,  
Tornado Affonso á Lusitana terra  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra;  
O caso triste e digno de memoria,  
Que do sepulchro os homens desenterra,  
Aconteceo da misera e mesquinha,  
Que depois de ser morta foi Rainha.

(Camões).

---

### A batalha do Salado.

A batalha do Salado, é a acção mais memoravel do governo de D. Affonso. A ella foi este rei em pessoa, para gloria do nome Christão e Portuguez. Com elle foram segundo La Cled. Supr., pag. 84. D. Gonçallo Pereira, Arcebispo de Braga, D. Gonçallo Pereira, seu filho, e Prior do Crato, Gil Fernandes de Carvalho, Grão Mestre de S. Tiago, Estevão Gonçalves Leitão, Ruy Gonçalves de Castello Branco, Lopo Fernandes Pacheco, Gonçallo de Sousa, Gonçallo Corrêa, neto de Paio Peres, Affonso Giraldes, e D. Fernando III, Bispo de Evora, que levava o *Signum Crucis* famoso, que se venera no Marmellar, junto a Portel. De Evora nos consta, que levou D. Affonso cem Cavalleiros, e mil peões; e por Alferes Gonçallo Pires Carvoeiro; e das outras terras do Reino Tropas muito luzidas, e bem disciplinadas. Ganhou-se esta batalha em 1340, segundo consta da inscripção lapidar, que transcreve o P. Fonseca em sua Evor. Glor. n. 103. E para que a Hespanha ficasse segura das invasões Africanas, mandou auxiliar a Armada Hespanhola, que cercava a Algezira, por Carlos Peçanha, Eborense, o qual unido aos vasos Castelhanos destruíram o poder de Ali-Boacem, que com 80 Galeras pertendia in-

troduzir-lhe soccorro. Foi esta victoria applaudida na Europa, que o Papa Benedicto XII, além de grandes privilegios, lhe concedeo as dizimas das rendas Ecclesiasticas; e o elogiou altamente, e a seus antecessores, por todos terem humilhado aos Agarenos em terra, e mar, com grande augmento da Santa Igreja. Mon. Las. P. IV. Liv. XV. Cap. XI. Nestas letras lhe chama o Vigario de Christo: *Princeps Catholicus etc. Zelator Fidei Christianæ.*

Com os Hespanhoes tiveram diversos encontros, as tropas Portuguezas, e bastante deram que fazer áquella destimida Nação. O casamento, que naquella Côrte se tratou para o principe D. Pedro, filho, e herdeiro de D. Affonso IV, foi a causa de tantas desventuras. Gonçallo Vaz, Portuguez, o tinha tratado com D. João Manoel, Illustrissimo entre os Fidalgos daquella Corôa, em 1335. Gonçallo Rodrigues Ribeiro, o participou a D. Affonso IV Rei d'aquella Monarchia, segundo a politica das Córtes; e Gonçallo Vaz de Góes, e outro Gonçallo Vaz, Thesoureiro de Viseo, partiram para Castella para receberem a Infanta D. Constança, em nome de seu esposo D. Pedro. O Rei Hespanhol arrependido de a ter repudiado, e sempre enamorado de sua belleza, não consentia, que a preclara Noiva viesse para Portugal. Por esta retenção foi enviado a Castella pelo Rei Portuguez, Alvaro de Sousa; e sendo lá morto, o Secretario cumprio ali tudo, o que elle levava de instrucção. (La Cled. Tom. III, a pag. 46).

Principiaram as hostilidades pelos Hespanhoes; e Estevão Vaz de Barbuda, Almirante Portuguez, foi represado em Cadiz, como os Vasos, que commandava, contra o Direito das Gentes, á ordem d'El-Rei de Castella. Sobre este insulto passou á Hespanha D. Pedro Affonso, Governador de Villa Viçosa, mas sem fruto. Se-

guiou-se a guerra entre ambas as Corôas, e o Arcebispo de Braga, e Bispo do Porto, e D. Estevão Gonçalves, Grão Mestre de Christo, encontrado no Minho um corpo Hespanhol de 1300 homens gallegos, mataram 300, e ao seu Capitão, e pozeram aos demais em fugida. Por mar traziam os Portuguezes então 20 Galeras, e alguns navios, commandados por Gonçallo Camelo; o qual fez com ellas estragos horriveis em Andaluzia; e por fim mortos 800 Castelhanos, e seu Capitão D. Nuno Portocarreiro: morreram tambem 20 Portuguezes, e entre elles o Commandante Camelo ficou prisioneiro, mas deu-se-lhes entrocado por elle o cadaver de Portocarreiro, pessoa em Castella de supposição. Manoel Peçanha foi reforçar a Esquadra Portuguesa, mas andando a devastar Galliza, e depois passando a defender a Costa do Algarve, foi derrotado pelos Hespanhoes. Em fim, passou D. Constança, a Portugal, e deram fim todos os desgostos.

Um poeta põe na boca de D. Pedro o seguinte discurso, dirigido a D. Affonso 4.º:—

Portugal vencedor, nunca vencido,  
Zombará do poder do mundo inteiro.  
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,  
Que contra nós se atreva a mover guerra?  
Não ha de inda lembrar-se o seu monarcha,  
Que te deve os dominios que possui?  
Que ha bem pouco, cercado de inimigos,  
Vendo nas mãos o sceptro vacillante,  
Mandou a propria esposa, filha tua,  
A implorar-te que fosses soccorrel-o,  
Ou antes sobre o throno sustental-o?  
E que do filial pranto commovido,  
Não contente em mandar-lhe tuas tropas,  
Tu proprio á testa dellas, generoso,  
Quizeste ir debellar seus inimigos,  
E segurar-lhe a c'róa na cabeça?  
Ha de offender quem soube defendel-o?

Quem póde, apenas queira, anniquillal-o?  
Não ; quem vio pelejar a teu commando,  
Nas margens do Salado os Portuguezes,  
A atacar Portuguezes não se atreve;  
E se a tanto chegar a sua insania,  
A' maneira dos seus antepassados,  
Chorando o opprobrio de ficar vencido,  
Caro lhe custará seu louco arrôjo.  
Oxalá que elle á guerra nos convide !  
Poderia teu filho então mostrar-te,  
Que te sabe imitar, quando é preciso,  
Novos louros cingindo a teu diadema.

O valor Portuguez tem sido tamanho, e a sua bravura noth eatro da guerra tem espantado tanto, que levado de admiração o nosso distincto compatriota, o insigne Snr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães, no seu poema nacional a — CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS — Canto VIII, disse, tratando da lucta com os Indios.

Entre os mais bravos do contrario lado  
Se ostenta Cayoby, e se recorda  
Que já contra Francezes e Tamayos  
Bravo em Villegagnon foi acclamado.  
Não quer ceder-lhe a palma Cunhambeba,  
Nem no zêlo christão, nem na bravura;  
E ambos por toda parte se assignalam.  
O valor Portuguez tem em Ramalho,  
E em todos os colonos Lusitanos,  
Novos, valentes braços que o sustentam  
Nessa nocturna, encarniçada lucta,  
Quaes sempre os teve nas diversas partes  
Da Europa, Africa, Asia, onde seu nome  
Com sangue escripto fez-se heroico e grande,  
Ao seu vate immortal inchando a tuba,  
Que esses duros engenhos mal pagaram !

---

#### **Morte de D. Ignez de Castro.**

Não ha historias (diz um compilandor) mais tocante debaixo de certas relações, nem mais terrivel debaixo de

muitas outras, que a de **D. Pedro** e **D. Iñez**, cujo recitado fórma um dos mais bellos episodios do poema de Camões. Póde-se tambem accrescentar que debaixo de certo ponto de vista, nenhuma historia ha, de que a moral possa tirar consequencias tão importantes, pois que as desgraças e os crimes, de que ella abunda, tiveram por motivo uma illegitima paixao.

O principe **D. Pedro**, filho de **El-Rei D. Affonso IV**, esposou **D. Constança**, filha de **D. Manoel de Penafiel**, o mais poderoso Senhor da Hespanha. Esta princeza merecia toda a sua afeição, mas não pôde conseguil-a. **D. Iñez de Castro**, sua Dama, inspirou ao joven **D. Pedro** uma paixão violenta, e de igual maneira a sentio. **D. Constança** que amava ternamente seu esposo, apenas reconheceo a imminente desgraça, abandonou-se ao desgosto, que depois de nove annos de um hymenêo infeliz, em 1345 findou a sua existencia.

**D. Iñez**, de quem todos os historiadores á porfia descrevem uma belleza rara, e um caracter cheio de doçura, deu lagrimas sinceras áquella, cuja morte havia originado, e **D. Pedro**, mais do que nunca sensivel ás suas graças, deixou respirar a paixão que tanto o incendiava; e apenas pôde, sem ferir a delicadeza, declarou que ella era sua esposa. **El-Rei D. Affonso** dissaboreou-se em extremo desta conducta de seu filho herdeiro do throno; mas os preparativos da guerra que fazia contra o reino de Castella, e a terrivel peste que em 1343 devastando a Europa inteira, foi a Portugal mui funesta, absorveram ao principio todos os seus cuidados.

Em 1354, **D. Pedro** esposou effectivamente **D. Iñez** em Bragança, em presença de um Capellão e de um Bispo. Annunciou logo o desejo de a proclamar Rainha apenas subisse ao throno. Muitos Grandes, em a inten-

ção de profundar um facto, que lhes parecia ludibrioso ao reino, empenharam o monarcha a propôr uma nova esposa a seu filho. D. Pedro repulsou esta proposição com uma extrema firmeza. Então os inimigos de D. Iñez, aquelles que olhavam com ciúme a sua alliança com o herdeiro da corôa, redobraram instancias para com o soberano, a fim de que elle punisse D. Iñez com toda a severidade.

Tres Senhores sobre tudo, Alvaro Gonsalves, Diogo Pacheco e Pedro Coelho, mostraram contra ella uma animosidade que degenerava em furor. Elles se offereceram sem pejo ao monarcha para assassinar uma fragil e indefensa mulher. Ainda que D. Affonso estava muito indignado, comtudo, estremeceo de igual proposição e marchou a combater os Mouros, que lhe haviam tomado uma cidade em os Algarves.

A sua expedição foi tão curta, quanto venturosa; e apenas regressado, os inimigos de D. Iñez renovaram suas sanguinolentas instancias; elles faziam valer o credito do Principe, e sobre tudo a conservação do estado, que muito precisava fortificar-se com vantajosas allianças, e desta maneira conseguiram o silencio do monarcha, que elles interpretaram segundo as suas intenções.

Os projectos não eram, comtudo, tão occultos, que muitas pessoas da côrte não fossem informadas. O Arcebispo de Braga entre muitos, e a Rainha D. Brites, mãi de D. Pedro, o avisaram da conspiração traçada contra D. Iñez. Por uma confiança natural, elle se recusou a acreditar igual crime, e julgou que o pretendiam aterrar, para que se afastasse do objecto que amava cada vez mais.

Um dia emfim em que D. Pedro tinha ido á caça, D. Affonso partio de Monte-mór, e se dirigio a Coimbra,

habitação de D. Ignez. Apenas ella soube que El-Rei se aproximava, correu ao seu encontro, prostrou-se aos seus pés, e lhe apresentou seus filhos. A presença destas innocentes creaturas, em as quaes elle não podia desconhecer seus netos e a extrema graça de D. Ignez ainda afogada em prantos, tocaram tão vivamente o Soberano, que se retirou commovido e quasi deliberado a conceder-lhe o perdão. Mas Alvaro, Coelho, e Pacheco jámais cessaram de o importunar; e aproveitando-se da ausencia do Principe, que lhes tornava a occasião favoravel, tendo diminuido quanto lhes era possivel a impressão que D. Ignez, e seus filhos fizeram sobre o Monarcha, voaram á habitação da malfadada, e os Cavalleiros, nascidos para defender a belleza, se tornaram elles proprios seus horrorosos algozes.

Seria inutil tentar fazer sentir qual foi a magoa de D. Pedro; mas um character qual o seu jámais se podia limitar a lagrimas, e queixas. O excesso da sua exasperação o arrastou a unir-se a Fernando, e Alvaro de Castro, irmãos de D. Ignez, a assolar as provincias de Entre Douro, e Minho, e Traz-os-Montes, porque os assassinos de sua esposa tinham ali as suas possessões. No auge da sua colera, não cogitou que fazia pesar uma aspera vingança sobre immensos innocentes.

Qual não deveria ser pois a afflicção d'El-Rei D. Affonso! De dia em dia se augmentavam os estragos em seu reino, a tal ponto, que a Rainha acompanhada de muitos Prelados, tomou o expediente de se dirigir a seu filho, para conseguir d'elle que depuzesse as armas.

O Principe jámais queria consentir a menos que lhe não fossem entregues Coelho, Gonçalves, e Pacheco. El-Rei não quiz annuir a uma semelhante pertença, mas como as desgraças de Portugal iam rapidamente crescendo,

se deliberou por ultimo, e D. Pedro conveio, em que fossem expatriados os referidos complices. D. Affonso opprimido de desgostos, não menos que pela idade, morreo pouco tempo depois que seu filho se havia reconciliado com elle, na idade de sessenta e sete annos.

D. Pedro subio ao Throno em 1356 na idade de trinta e sete annos. Começou por se ligar com o Soberano de Castella contra o de Aragão: elle obrava como implacavel inimigo dos assassinos de D. Ignez, que se achavam refugiados em Castella: assim conseguiu elle que lhe fossem entregues Gonçalves, e Coelho. Pacheco deveo a uma boa acção a ventura de escapar. No mesmo dia em que os seus companheiros foram presos, recebeu aviso por um pobre a quem dava esmola muitas vezes, e fugio para Aragão.

D. Pedro desesperado por elle se haver subtrahido á sua vingança, a exercitou com mais furor sobre os outros. Elle os tinha já declarado traidores á patria, e feito confiscar todos os seus bens; mandou-os pôr em tormentos, mas não pôde conseguir delles a declaração de mais culpados, nem o que se havia passado em as suas occultas conferencias.

Cada vez mais resentido, D. Pedro mandou elevar um cadafalso em frente do seu palacio, aonde os dons cumplices foram justicados arrancando-se-lhes o coração ainda em quanto vivos, supplicio horrivel de que Portugal já-mais havia tido o menor conhecimento, e pelo qual se deram sentimentos de piedade a homens réos de um delicto abominavel. Depois foram queimados os seus corpos e as cinzas dadas ao vento.

Estava reservado para D. Pedro apresentar ainda um espectaculo mais extraordinario, e que, provando a extremosa paixão que teve por D. Ignez, o fará olhar como um objecto bem digno de prantos.

Dirigio-se a Cantanhede, acompanhado de todos os Grandes do Reino, e ali jurou que o seu consorcio com D. Ignez tinha sido effectuado em a cidade de Bragança. Ordenou que as testemunhas fossem interrogadas, e depois se fez constar á nação. Tinha existido entre os dous esposos isto que se chama affinidade espiritual, e que os historiadores não tem particularisado. Estas affinidades, segundo os tempos, tem sido um obstaculo mais ou menos forte ás uniões conjugaes. D. Pedro fez conhecer que uma bulla do Papa João XXII, lhe havia concedido todas as dispensas necessarias. Estes diversos actos estabeleceram a legitimidade dos filhos de D. Pedro e D. Ignez, e os habilitaram para successores do throno.

Tendo assim tomado estas louvaveis precauções, D. Pedro fez erigir, tanto para si como para sua esposa, dous tumulos de marmore branco; sobre um dos quaes estava em pé a estatua de D. Ignez com a corda na cabeça. Foram ambos collocados no Mosteiro de Alcobaça.

Igualmente D. Pedro assistio á ultima e estranha cerimonia que vai a ser relatada. Fez desenterrar da Igreja de Santa Clara de Coimbra o corpo de D. Ignez, havia mais de sete annos ali depositado. Depois de vestido com toda a maguificencia, se lhe collocou uma corôa na cabeça, assentando-o sobre o throno. Então, por ordem do malfadado esposo, todos os grandes, todas as damas da côrte, foram prostar-se aos pés d'aquella que havia tanto adorado, reconheceram-n'a por sua Soberana, e beijaram-lhe as mãos tornadas em ossos descarnados.

Collocaram-se depois os restos de D. Ignez sobre um riquissimo coche. O mesmo cortejo os veio acompanhando, e a pompa funebre marchou assim pelo espaço de dezeseite legoas que separam Coimbra de Alcobaça. Os Grandes levavam a cabeça coberta de um capuz, o qual

era n'aquelle tempo signal de maior lucto; as damas iam com longos vestidos cobertos com mantas brancas. De ambos os lados da estrada estavam homens com brandões de cêra accessos.

Qualquer excesso que fosse permittido reconhecer nestas demonstrações da magoa do monarcha, ellas eram comtudo tão sinceras, que uma nação naturalmente mui sensivel não demonstrou estranhal-as; tomou parte em todos estes actos exteriores de uma tal maneira, que pudesse consolar o coração de D. Pedro:

De resto, logo que se recordam sem disfarce as semrazões á que esta paixão o conduzira; logo que se lhe fez cargo de haver tomado as armas contra seu pai e seu monarcha, e de ter levado a vingança contra os assassinos de D. Iñez até ao maior auge; convêm dizer tambem quaes sentimentos D. Pedro, fallecido em 1367, seis annos depois desta cerimonia, unica na historia, deixou em a lembrança do seu povo.

Elle foi extremamente chorado; e quando o collocaram junto do tumulo de D. Iñez, a dôr foi tão geral como sincera. Recordavam-se com satisfação estas palavras muitas vezes repetidas por elle: « Que um Rei que deixa passar um dia sem fazer bem, não merece o titulo de Rei: » e exactamente se tinha observado que elle se conduzira sempre na conformidade de uma tão bella como proveitosa maxima.

Longe do caro esposo, Iñez formosa  
Na margem do Mondego,  
As amorosas faces aljofrava  
De mavioso pranto:  
Os melindrosos candidos penhores  
Do thalamo furtivo,  
Os filhinhos gentis, imagem della,  
TOM. I.

No regaço da mãe serenos gozam  
O somno da innocencia.  
Côro subtil de aligeros Favonios,  
Que os ares embrandece,  
Ora enlevado affaga  
Com as plumas azues o par mimoso,  
Ora, solto, inquieto  
Em léda travessura, em doce brinco,  
Pela amante saudosa,  
Pelos tenros meninos se reparte,  
E com tenue murmurio vai prender-se  
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.  
Primavera louçã, quadra macia  
Da ternura e das flôres,  
Que á bella natureza o seio esmaltas,  
Que no prazer de amor ao mundo apuras  
O prazer da existencia!  
Tu de Ignez lacrimosa  
As magoas não distrahes com teus encantos.  
Debalde o rouxinol, cântor de amores,  
Nos versos naturaes os sons varia,  
O limpido Mondego em vão serpeia  
C'um benigno sussurro, entre boninas  
De lustroso matiz, almo perfume ;  
Em vão se doura o sol de luz mais viva,  
Os céos de mais pureza em vão se adornam  
Por divertir-te, ó Castro!  
Objectos de alegria amor enjoam,  
Se amor é desgraçado.  
A meiga voz dos zephyros, do rio  
Não te convida o somno :  
Só de já fatigada  
Na lucta de amargosos pensamentos,  
Cerras, misera, os olhos;  
Mas não ha para ti, para os amantes  
Somno placido e mudo ;  
Não dorme a phantasia, amor não dorme :  
Ou gratas illusões, ou negros sonhos  
Assomando na idéa, espertam, rompem  
O silencio da morte.  
Aht que fausta visão de Ignez se apossa!  
Que scena, que espectaculo assombroso,

A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!  
Em marmoreo salão de altas columnas  
A solio magestoso e rutilante,  
Junto ao regio Amador, se cré subida;  
Graças de neve a purpura lhe envolve;  
Pende augusto docel do tecto de ouro;  
Rico diadema de radioso esmalte  
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;  
Nos luzentes degrãos do throno excelso  
Pomposos cortezãos o orgulho acurvam;  
A lisonja sagaz lhe adoça os labios;  
O monstro da politica se aterra,  
E, se Ignez perseguia, Ignez adora.

Ella escuta os extremos,

Os vivas populares; vê o Amante  
Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;  
O prazer a transporta, Amor a encanta;  
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio

Magnanima confere!

Rainha, esquece o que soffreo vassalla:  
De sublimes acções orna a grandeza,  
Felicita os mortaes, do sceptro é digna;  
Impera em corações... mas, céos! que estrondo  
O sonho encantador lhe desvanece!

Ignez sobresaltada

Desperta, e de repente aos olhos turvos  
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.  
Ministros do furor, tres vis algozes,  
De buídos punhaes a dextra armada,  
Contra a bella infeliz bramindo avançam.  
Ella grita, ella treme, ella descora;  
Os fructos da ternura ao seio aperta,  
Invocando a piedade, os céos, o Amante;  
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,  
A' suave attracção da formosura,

Vós, brutos assassinos,

No peito lhe enterrais os impios ferros!...

Cahe nas sombras da morte

A victima de amor, lavada em sangue!

As rosas, os jasmins da face amena

Para sempre desbotam!

Dos olhos se lhe some o doce lume.

E no fatal momento  
Balbucia, arquejando: « Esposo! Esposo! »  
Os tristes innocentes  
A' triste mãe se abraçam,  
E soltam de agonia inutil chorol  
Ao suspiro exhalado,  
Final suspiro da formosa extincta,  
Os Amores acodem;  
Mostra a prole de Ignez, e a tua, ó Venus!  
Igual consternação, e igual belleza:  
Uns dos outros os candidos meninos  
Só nas azas differem,  
(Que jazem pelo campo em mil pedaços  
Carcazes de marfim, virotes de ouro)  
Subito voam dous do côro alado:  
Este raivoso, a demandar vingança  
No tribunal de Jove;  
Aquelle o conduzir o infausto annuncio  
Ao descuidado Amante.  
Nas cem tubas da Fama o gran'desastre  
Irá pelo Universo:  
Hão de chorar-te, Ignez, na Hyrcania os tigres,  
No torrado certão da Lybia fera  
As serpes, os leões hão de chorar-te.  
Do Mondego, que attonito recua,  
Do sentido Mondego as alvas filhas  
Em tropel doloroso  
Das urnas de crystal eis vêm surgindo,  
Eis, attentas no horror do caso infando,  
Terriveis maldições dos labios vibram  
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.  
Já c'roam de cypreste a malfadada,  
E, arrepelando as nitidas madeixas,  
Lhe urdem saudosas lugubres endeixas.  
Tu, Echo, as decoraste,  
E, cortadas dos ais, assim resoam  
Nos concavos penedos, que magoam:

Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flôres:  
Morrei, Amores,  
Que Ignez morreo!

Misero esposo,  
Desata o pranto,  
Que o teu encanto  
Já não é teu.

Sua alma pura  
Nos céos se encerra:  
Triste da terra  
Porque a perdeu!

Contra a cruenta  
Raiva ferina,  
Face divina  
Não lhe valeo.

Tem rôto o seio,  
Thesouro occulto,  
Barbaro insulto  
Se lhe atreueo.

De dôr e espanto,  
No carro de ouro,  
O numen louro  
Desfalleceo.

Aves sinistras  
Aqui piaram,  
Lobos uivaram,  
O chão tremeo.

Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flôres:  
Morrei, Amores,  
Que Ignez morreo!





# INDICE DESTE VOLUME.

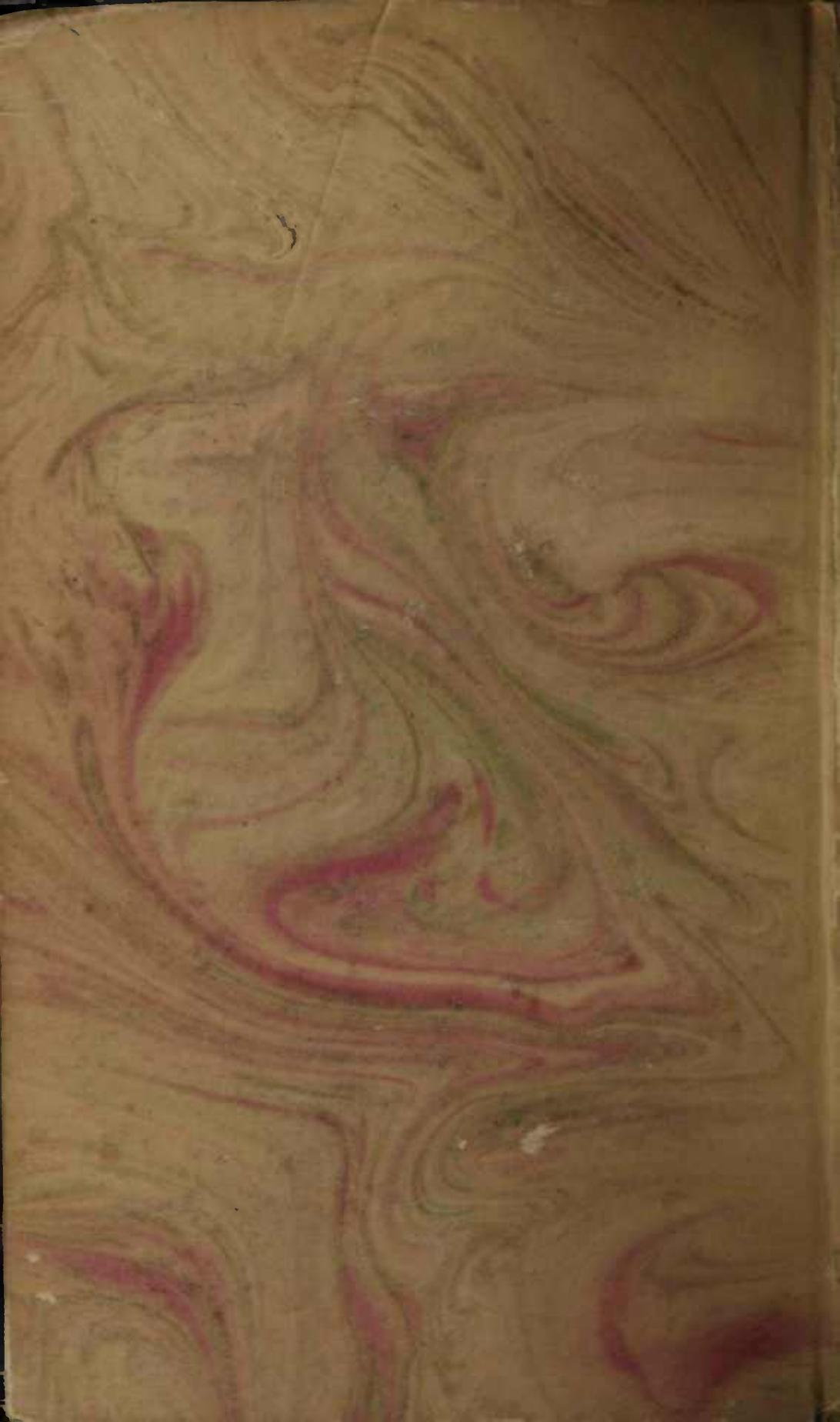
	PAGINAS.
A' Nação Portugueza.....	III
Ao Leitor.....	V
Portugal em sua origem.....	1
Portugal sob o dominio dos Carthaginezes.....	18
Portugal sob o dominio Romano.....	36
Estado de Portugal até a entrada dos Godos.....	88
Portugal dominado pelos Suevos.....	94
Portugal sob o dominio dos <del>Codos</del> da Hespanha.....	95
Do governo Portuguez e sua politica, até o tempo de Affonso Henrique.....	112
Origem das Assembléas <i>Geraes</i> .....	113
Amor á liberdade foi o caracter dos Portuguezes.....	114
Origem das Assembléas <i>Provinciaes</i> .....	id.
Portugal independente da Hespanha e sob seus Reis.....	116
Affonso Henrique (o Conquistador) 1.º Rei.....	118
Juramento que deu Affonso Henrique, ácerca da visão que vio.....	128
Homens notaveis no reinado de Affonso Henrique.....	132
Fé das palavras (Egas Muniz).....	133
Giraldes sem Pavor, ou a tomada de Evora.....	136
D. Fuas Roupinho, 1.º Almirante de Portugal.....	138
A D. Fuas Roupinho, capitão das galeras d'El-Rei D. Affonso Henrique.....	140
Tomada de Lisboa; morte de Martim Muniz.....	144
Valor de Gonçallo Mendes da Maia (o Lidador).....	145
D. Sancho (o Provador) 2.º Rei.....	146
Calamidades de Portugal sob o reinado de Sancho 1.º, e conducta deste na adversidade.....	149
Homens notaveis do reinado de D. Sancho 1.º.....	150

D. Affonso 2. <sup>o</sup> (o Gordo) 3. <sup>o</sup> Rei.....	151
Homens memoraveis no reinado de Affonso 2. <sup>o</sup> , conforme Ruy de Pina.....	153
Santo Antonio (segundo Pedro de Mariz).....	154
Sancho 2. <sup>o</sup> (o Capello) 4. <sup>o</sup> Rei.....	160
Homens notaveis no reinado de D. Sancho 2. <sup>o</sup> .....	161
Fidelidade de Martim de Freitas.....	id.
Valor de Martim de Freitas, descripto pelo chronista Ruy de Pina, em sua propria e antiga linguagem.....	162
Acontecimentos singulares entre dous cavalleiros Portu- guezes.....	163
Anecdota relativa ao cerco de Celorico.....	170
D'El-Rei D. Affonso, 3. <sup>o</sup> do nome, que chamam Conde de Bolonha, e de muitas cousas notaveis de seu tempo (segundo Pedro Mariz).....	171
Homens notaveis no reinado de D. Affonso 3. <sup>o</sup> (D. Paio Corrêa).....	175
D. Diniz (o Lavrador) 6. <sup>o</sup> Rei.....	176
Incremento que D. Diniz deo a Portugal.....	177
Liberalidade de D. Diniz.....	id.
Homens notaveis no reinado de D. Diniz. ....	178
D. Affonso 4. <sup>o</sup> (o Bravo) 7. <sup>o</sup> Rei.....	186
A batalha do Salado.....	192
Morte de D. Iñez de Castro... ..	195









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).